

JOÃO GABRIEL ALBANI

**AO VIVO EM SÃO PAULO:
A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NAS TRANSMISSÕES DOS ATAQUES DO PCC**

Comunicação e Semiótica

PUC/SP

São Paulo
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JOÃO GABRIEL ALBANI

**AO VIVO EM SÃO PAULO:
A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NAS TRANSMISSÕES DOS ATAQUES DO PCC**

Comunicação e Semiótica

PUC/SP

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica - Signo e Significação nas Mídias, sob a orientação do Prof. Doutor José Luiz Aidar Prado.

São Paulo
2007

JOÃO GABRIEL ALBANI

**AO VIVO EM SÃO PAULO:
A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NAS TRANSMISSÕES DOS ATAQUES DO PCC**

COMISSÃO EXAMINADORA

São Paulo, _____ de _____ de 2007.

Agradecimentos

À minha família e em especial a minha mãe, à CAPES, pela ajuda financeira oferecida graças à bolsa, ao mestre Aidar pela paciência e disposição, aos colegas de curso pela companhia na caminhada, aos professores Arlindo, Laurindo e Ana Claudia de Oliveira. À professora Liliana Vidigal, pela colaboração inicial fundamental. Ao André, aos amigos e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste projeto.

RESUMO

Esta pesquisa examina a produção de sentidos da transmissão direta nos telejornais da TV aberta em 15 de maio de 2005, por ocasião dos ataques do Primeiro Comando da Capital em São Paulo. Atualmente a televisão, principalmente nos telejornais, emprega o recurso da transmissão direta, em particular o "ao vivo". É relevante investigar como a transmissão direta é fundamental na constituição de um contrato comunicacional forte entre enunciador e enunciatário. Foram selecionados para o *corpus* os boletins extraordinários *SPTV* e *Globo Notícias*, o *Jornal Nacional* e o *SPTV 1ª Edição* da TV Globo, além das transmissões diretas do *São Paulo Contra o Crime* e os plantões do SBT. A partir de teorias do discurso e da metodologia de análise audiovisual (Arlindo Machado, Beatriz Becker, Yvana Fachine de Brito, Nilton Hernandez e Valdério de Almeida), realizamos um estudo dos programas do *corpus*, examinando os efeitos de sentido produzidos nos textos audiovisuais informativos em tempo real. No *corpus* examinado, o esforço à passionalização pelo medo pareceu-nos constituir, como hipótese de trabalho, um recurso essencial empregado na constituição do contrato comunicacional entre enunciador e enunciatário, ligando-se intimamente ao recurso da transmissão direta. Destacamos os efeitos de sentido de medo, insegurança, simultaneidade e ubiqüidade, e identificamos também o percurso da passionalização do medo. Ressaltamos o enfoque parcial das emissoras na cobertura informativa sobre os eventos conseqüentes aos ataques do PCC; seu objetivo com o uso das transmissões ao vivo foi o arrebatamento da atenção do telespectador, desconsiderando-se dessa maneira a importância do veículo televisual como difusor de informações em nossa sociedade. Identificamos ainda a tentativa do meio televisual em transformar o evento ocorrido em um acontecimento midiático, que envolvesse toda a sociedade, iniciado por criminosos, mas integrador da nação graças aos esforços da TV.

Palavras-chave: transmissão direta, tempo real, tempo atual, ao vivo, percurso passional

ABSTRACT

This research examines the production of meanings of the broadcasted transmissions in open TV news programs on the 15th of May, 2005, when the Primeiro Comando da Capital attacks occurred in São Paulo. In the present days television, especially on news programs, applies the broadcast, particularly the “live” transmission. There’s relevancy in investigating how the broadcast is fundamental on establishing a strong communicational contract between enunciator and enunciatee. For the *corpus* we selected from TV Globo the news extra bulletins *SPTV* and *Globo Notícias*, the news programs *Jornal Nacional* and *SPTV 1ª Edição*, and SBT’s *São Paulo Contra o Crime* special edition program as well as their news extra bulletins. From the speech theories and the audiovisual analysis methodology (Arlindo Machado, Beatriz Becker, Yvana Fachine de Brito, Nilton Hernandez e Valdério de Almeida), we performed a detailed examination of the programs in the *corpus*, studying the effects of meaning produced in the real time informative audiovisual texts. In the examined *corpus*, the effort to the *passionalization* of fear seemed to become, as the work’s hypothesis, one essential resource used in the constitution of the communicational contract between enunciator and enunciatee, intimately connecting itself to the broadcast resource. There were highlighted effects of meaning of fear, insecurity, simultaneousness and ubiquity, we identified as well the course of *passionalization* of fear. We emphasize the partial approach of television companies on the news coverage about the consequences of the PCC attacks; their goal was to use live broadcast transmissions to enrapture the viewers attention, disregarding the television’s importance as Brazil’s most efficient information broadcaster. Still we identified the TV’s attempt to transform the violent broadcasted events in a great media event, which would involve the whole society, initiated by criminals, but then turned into a nation integrator thanks to the TV channels efforts.

Key-words: broadcasting, real time, actual time, live television, *passional* course.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: Princípios e definições da transmissão ao vivo	15
1.1 A televisão e a herança radiofônica da transmissão ao vivo	15
1.2 Sobre a diferença entre transmissão direta e ao vivo	20
1.3 As diferentes proposições das transmissões ao vivo	24
1.4 Configurações temporais da transmissão direta	27
CAPÍTULO 2: A passionalização no telejornal: a construção do medo	43
2.1 O percurso passional no telejornal	43
2.2 Telejornalismo popular: as investidas do SBT	51
2.3 O programa especial <i>São Paulo Contra o Crime</i>	55
CAPÍTULO 3: A construção do ao vivo nas transmissões de 15 de maio	59
3.1 Estratégias textuais em tempo presente	59

3.2 As transmissões ao vivo sobre os ataques na TV Globo	63
3.2.1 Os boletins do SPTV	64
3.2.2 Os plantões Globo Notícia	69
3.3 Os plantões extraordinários do SBT	75
CAPÍTULO 4: Para além dos boletins – análises das transmissões nos telejornais fixos da programação	89
4.1 As transmissões diretas no telejornal SPTV	89
4.2 O <i>Jornal Nacional</i>	102
CONCLUSÕES	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXO 1: Os <i>blogs</i> e os ataques do PCC	132
ANEXO 2: Galeria de fotos sobre os ataques do PCC	161

INTRODUÇÃO

Na televisão, os programas do gênero informativo utilizam a transmissão ao vivo como uma estratégia enunciativa fundamental para produzir o efeito de proximidade entre as emissoras e os telespectadores. O telejornal, com seus apresentadores, ao vivo, em estúdio, para relatar a notícia já colhida, representa hoje um dos poucos programas produzidos e apresentados simultaneamente. Assim, nessa herança histórica da concomitância de produção e recepção, o meio televisual oferece ao telespectador o espaço para, se não interagir, pelo menos ter a sensação de participar como um integrante do evento transmitido (ALMEIDA, 2004).

Nessa pesquisa realizamos uma investigação sobre as várias definições de transmissão direta, que categorizam temporalmente os efeitos de sentido da transmissão “ao vivo”, estabelecendo sua diferença em relação ao restante da difusão de informações televisuais. Depois de encontrar referências e estabelecer as categorias temporais dentro do objeto de estudo, levantamos os mecanismos de produção de sentido construídos pelas transmissões ao vivo, em análises das transmissões selecionadas para o nosso *corpus*. Tencionamos conhecer mais sobre as transmissões ao vivo, especificamente as marcas enunciativas e características textuais das transmissões televisuais que interrompem o dia-a-dia das pessoas com o objetivo informacional. Ou seja, nosso interesse está em transmissões de caráter jornalístico, que apresentam percursos passionais importantes, promovendo curiosidade, medo e outros sentimentos nos espectadores, por meio de um “contrato comunicativo” configurado entre o espectador e a emissora de televisão: uma relação em que se busca a atenção ao que se anuncia e em que laços emocionais são construídos de maneira enfática.

Escolhemos as emissões televisuais informacionais do dia 15 de maio de 2006 como *corpus* para a pesquisa das transmissões ao vivo. Naquela data, notícias sobre ataques em São Paulo, mais tarde reivindicados pela organização

criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital), foram transmitidas em telejornais e boletins extraordinários nas TVs, em sites de notícias e *blogs* da Internet, nas rádios e nos jornais impressos da capital. As cenas das transmissões nos telejornais e boletins extraordinários ao vivo da TV mostravam eventos decorrentes dos ataques criminosos (posteriormente atribuídos ao PCC) em São Paulo: ônibus incendiados em diversos pontos da cidade, delegacias, estações de metrô e supermercados atingidos pelos bandidos, bem como funerais e enterros de policiais e seus familiares assassinados por membros do PCC durante o fim de semana¹. À medida que o dia passava, mais conseqüências dos ataques eram apresentadas: a paralisação do serviço de transporte público, um suposto toque de recolher iniciado pela polícia que levaria ao fechamento de estabelecimentos públicos e comerciais em vários bairros, congestionamento anormais para a cidade, e boatos do toque de recolher. Todos foram para casa mais cedo por causa das notícias e boatos sobre os ataques do PCC em São Paulo². Ainda naquele dia, as autoridades responsáveis pela segurança afirmaram que os meios de comunicação haviam exagerado na transmissão das notícias, disseminando pânico e insegurança³.

Na busca de respostas, a partir dos conhecimentos adquiridos nas leituras de textos da área de comunicação e semiótica, nas pesquisas sobre televisão e jornalismo, iniciamos a procura de referencial teórico que auxiliasse no entendimento da transmissão ao vivo da televisão. Utilizamos Casetti e Chio (1999) para definir a análise textual como o melhor procedimento metodológico a ser realizado para esse tipo de pesquisa. Como os autores definem,

A análise textual aponta a recuperar alguns pontos essenciais. Por um lado, desloca sua atenção em direção aos elementos concretos do texto e para os modos em que esse texto se constrói e, por outro lado, estende sua atenção em direção ao modo de interpretar seu significado em um sentido global, de valorizar, os temas dos que se fala e as formas de enunciação de seu próprio discurso. (CASSETTI, CHIO, 1999: 251. Tradução nossa)

¹ SPTV, TV Globo, 15/05/2006.

² *Brasil Urgente*, TV BAND, 15/05/2006.

³ *Jornal da Globo*, TV Globo, 15/05/06.

A análise textual, precisamente a análise das configurações temporais nos textos das transmissões diretas, será baseada na semiótica discursiva. Como diz Diana Luz Pessoa de Barros, em *Teoria semiótica do texto*,

Para explicar o que “o que o texto diz” e “como o diz”, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto. (BARROS, 2005: 8)

Eric Landowski, ao apresentar *Da imperfeição* de A.J. Greimas (2002), concebe a semiótica como uma “prática reflexiva e crítica de um questionamento sobre nós mesmos enquanto sujeitos permanentemente comprometidos em atividades de construção do sentido”. A partir dessa concepção, explica a relevância do sentido “em ato”, tal qual o experimentamos, a partir dos vínculos que cada um tece ao seu redor. Assim,

[...] já não se pode definir o sentido exclusivamente como um efeito textual calculável a partir de determinado tipo de organização sígnica. Temos que concebê-lo, antes, como o efeito – incerto e, porém, analisável – do modo como nos relacionamos com a própria presença dos “objetos”. (ibid.)

Dentro desse universo de percepção de efeitos de sentido, incertos e analisáveis, Landowski explica a ruptura causadora da percepção em nossa relação com os objetos:

Mediante uma ruptura súbita que, ao que parece, em nada depende da vontade do sujeito, modifica-se então a maneira de ser do mundo externo, de tal modo que um determinado componente sensível do ambiente, em que de manter-se distanciado e quase imperceptível como estava ainda no instante anterior, de repente entra, por assim dizer, nele, absorve-o, domina-o, impõe-lhe sua presença e, por meio de uma comoção

“estésica”, revela-lhe justamente este sentido outro, a espera do qual ele se havia consumido (ibid.:132).

Assim, buscamos neste trabalho destacar os momentos de ruptura súbita que modificam a maneira de ser do mundo externo, como diz Landowski. O componente sensível do ambiente, mediado aqui pela televisão, absorve e domina o sujeito telespectador, impondo-lhe sua presença e produzindo efeitos de sentidos. A obra de Yvana Fachine de Brito mostrou-se essencial para a realização do estudo das transmissões diretas, com sua análise semiótico-discursiva das transmissões ao vivo do programa *SPTV*, que constituem a base para a pesquisa que desenvolvemos. De acordo com a pesquisadora e professora da Universidade Federal de Pernambuco, o termo “transmissão direta” significa “uma operação que permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de modo simultâneo” (BRITO, 2001b:12). A utilização do termo “transmissão ao vivo” é feita para ocasiões específicas, quando o que está sendo apresentado, além de ser realizado no mesmo instante, sugere a possibilidade de surpresas e até mesmo a inserção de falhas de produção na exibição. É então uma estratégia técnica – e também enunciativa – destacada pela produção televisual, que busca assim estabelecer o contrato comunicativo entre a televisão e o telespectador, o que garante a sensação de veracidade dos fatos, urgência, presença e interatividade.

Examinamos também com os estudos de Dayan e Katz (1995) sobre os grandes acontecimentos midiáticos, eventos planejados para serem transmitidos pela televisão a um público de massas. São os grandes acontecimentos cobertos pela mídia, como casamentos de reis e rainhas, funerais de grandes personalidades, eventos esportivos internacionais. Nessas realizações a televisão tem lugar privilegiado para acompanhar e transmitir o evento, com disposição estratégica na posição de seus aparelhos de captação e transmissão em estádios, igrejas, etc. Porém, em um primeiro olhar, avaliamos que, devido a sua natureza de planejamento prévio, os grandes acontecimentos midiáticos não se enquadram perfeitamente em nosso objetivo de analisar a transmissão direta

que se dá extraordinariamente, quebrando a rotina televisual. Afinal, as transmissões ao vivo telejornalísticas são produções mais dinâmicas, com planejamento e produção ínfimos que exigem a organização extrema dos profissionais em tempo reduzido e para garantir o máximo de entendimento e atratividade. Contudo, os conceitos de Dayan e Katz sobre os grandes acontecimentos midiáticos são de grande importância em nossa pesquisa quando posteriormente analisamos relações feitas com o trabalho de Becker. Os estudos da professora Beatriz Becker, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicados em *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil* (BECKER, 2005) constituíram referencial para a criação de nossa ficha de análise. Becker, a partir da investigação em ensaios, artigos e livros de vários autores, reúne onze princípios de enunciação contidos na linguagem do telejornal: relaxação, ubiqüidade, imediatismo, neutralidade, objetividade, fragmentação, timing, comercialização, definição de identidade e de valores, dramatização e espetacularização (ibid., p. 35). Algumas alterações foram necessárias, devido à natureza do *corpus*: não se trata do telejornal, mas especificamente de inserções extraordinárias na grade da programação televisual. Não examinaremos todo o programa, mas apenas as partes realizadas em tempo real. Assim, por exemplo, ao tratar dos blocos, abordaremos a seqüência e o intervalo definidos para as inserções jornalísticas.

Muitos outros materiais eventualmente se fizeram necessários para leitura e compreensão do objeto de pesquisa, e assim foram considerados de acordo com o andamento do projeto. A incursão pela semiótica discursiva, detentora de uma gama variada de estudos relacionados à experiência sensória intermediada pelo aparato técnico, não foi exaurida em sua possibilidade de oferecer respostas aos anseios das pesquisas em comunicação. No portal da CAPES, um levantamento de estudos de “transmissão direta na televisão” resultou em apenas dois trabalhos: a dissertação de mestrado de Inês Teixeira Valença, *O espetáculo da tradição: um estudo sobre as escolas de samba e a indústria cultural* (2003), que abordava o início da transmissão do desfile de carnaval pela televisão como uma grande mudança naquele espetáculo, e a tese de doutorado

de Yvana Fechine de Brito, *Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta em gêneros informativos* (2001), que propõe realizar uma abordagem semiótica sobre as transmissões diretas.

É preciso destacar que o objeto “transmissão direta” – a transmissão da produção “ao vivo” – tem sido pouco estudado na Comunicação, mesmo sendo considerado um dos instrumentos mais poderosos e identificadores da televisão. A ausência de estudos sobre esse objeto pode ser compreendida a partir do fato de que não há no Brasil uma instituição que documente a produção televisiva e a coloque à disposição para estudos; além disso, não é possível contar com a colaboração das redes brasileiras de TV com o público acadêmico e também não se possa contar com a colaboração das redes brasileiras de TV com o público acadêmico⁴.

O primeiro capítulo de nossa dissertação apresenta a herança radiofônica na transmissão televisual ao vivo, e destaca a importância da transmissão direta para esse meio comunicacional. Adiante, dentro da perspectiva que exalta a importância do aspecto temporal na transmissão da televisão, levantamos e relacionamos as configurações temporais abordadas por Machado (1988 e 2000) e Brito. É nesse ponto que investigaremos os conceitos de transmissão direta e transmissão ao vivo, bem como em tempo real.

No segundo capítulo buscamos definições que colaboram para o entendimento da construção dos percursos passionais nos textos que justificam o efeito de “medo” e a “insegurança” produzidos pelas transmissões ao vivo nos telejornais. Pontuamos momentos históricos do telejornalismo brasileiro que se relacionam à estratégia de passionalização do texto informacional. Por fim, dentro

⁴ É importante denunciar a dificuldade para levantamento de material televisual para fins de pesquisa acadêmica em nosso país. Ainda não há no Brasil um centro de documentação televisual que coloque à disposição as transmissões necessárias para essa pesquisa. E as emissoras de televisão não fornecem o conteúdo de suas transmissões para análise. Essa foi a experiência obtida a partir de nossos esforços para a pesquisa. Apenas o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão – forneceu suas transmissões diretas relacionadas aos ataques em São Paulo para uma pré-análise, ainda que selecionadas previamente pela direção do Departamento de Jornalismo. Todas as outras transmissões foram adquiridas por meio de serviços de clípagem, o que justifica a ausência da transmissão integral do programa, como a inclusão de outras notícias não relacionadas e os comerciais.

do esforço de contextualização da passionalização do medo pelo gênero informacional na TV, trazemos como exemplo a emissora SBT e seus programas de natureza jornalística.

O terceiro capítulo tem por objetivo realizar uma análise textual descritiva e interpretativa dos textos constituídos pelas transmissões telejornalísticas diretas extraordinárias, ou seja, os plantões noticiosos em tempo real e em outras configurações temporais que simulam a particularidade do “ao vivo”. O foco são as transmissões que produzem o efeito de *tempo presente*, com base nas definições temporais, delimitadas no primeiro capítulo, e nas estratégias enunciativas já mencionadas acima.

O quarto capítulo apresenta outras análises das transmissões em tempo real, desta vez dentro dos telejornais *SPTV e Jornal Nacional*, separados do capítulo de análise por razões específicas. Assistimos e decupamos *o SPTV* durante o período de um ano previamente à realização da pesquisa sobre as transmissões diretas; assim, possuíamos mais conhecimentos adicionais a respeito desse programa e o aproveitamos durante sua análise. O *Jornal Nacional*, todavia, além do fato de ser o telejornal mais assistido do país e, portanto, justificando uma atenção especial, apresenta a mais vasta bibliografia quando se trata de telejornais brasileiros, o que não poderia ser ignorado. Recebendo, desta forma, um destaque maior, as análises de ambos os programas ficaram mais longas e foram desmembradas do terceiro capítulo.

CAPÍTULO 1: Princípios e definições da transmissão ao vivo

1.1 A televisão e a herança radiofônica da transmissão ao vivo

Acreditamos ser necessário pontuar a relação próxima que existe entre o rádio e a televisão desde o início de sua utilização como meios de comunicação de massa, mesmo que não seja nosso objetivo a construção de uma linha temporal da experiência coletiva entre esses veículos. Em especial no gênero das transmissões, o rádio foi o meio de comunicação desenvolvido no século XX baseado na difusão de informações em tempo real, rompendo distâncias com muito mais eficiência que os meios anteriores, como o jornal impresso; a experiência de radiodifusão foi aproveitada em vários aspectos nos trabalhos de televisão, da mesma forma que o cinema ou o teatro colaboraram com a teledramaturgia. Exemplo clássico de utilização da difusão em tempo real e de produção da sensação de pânico e insegurança se deu no rádio, em seus primórdios, com a transmissão de uma suposta invasão de marcianos em Nova Iorque, por Orson Welles. Aos 23 anos, o jovem roteirista da rádio norte-americana CBS produziu uma transmissão do romance de HG Wells, caracterizada com marcas e estratégias do discurso que promoviam a sensação de verossimilhança, a partir de um discurso jornalístico que causou pânico em massa no nordeste dos Estados Unidos.⁵

Com o avanço da televisão após a Segunda Guerra Mundial, o rádio foi cedendo espaço para

surgimento da televisão “costa-a-costa”⁶ (BRIGGS, BURKE, 2004: 233). Em 1952 havia mais de 20 milhões de aparelhos de TV em uso nos Estados Unidos (ibid.: 238). Nesse contexto histórico a televisão herdaria muitas das invenções radiofônicas, como a novela (o termo “soap-opera” foi criado no rádio por serem patrocinadas pelas fabricantes de sabonete Colgate-Palmolive e Procter & Gamble), os programas de auditório e os noticiários (ibid.: 233). A transmissão da televisão por ondas de rádio, como vimos, ancora-se na sua recepção instantânea do mesmo modo que o rádio. É essa característica da instantaneidade da transmissão a maior herança que a televisão traz do rádio. Naquela época era mais fácil e barato produzir programas ao vivo no Brasil e encarar os imprevistos corriqueiros, que realizar a filmagem de programas com equipamentos de cinema – câmeras muito pesadas, cujo rolo de filme poderia gravar apenas 10 minutos sem interrupção, e cuja edição era feita à base de cortes das cenas diretamente no filme revelado (MEMÓRIA GLOBO, 2005: 33). O *videotape*, equipamento que facilitava ações de gravação e edição, chegaria mais tarde como uma demanda dos profissionais do meio televisual (SIMÕES, COSTA, KEHL, 1986: 38). No começo da história da televisão, tudo o que era transmitido se fazia no mesmo instante da transmissão: novelas eram produzidas ao vivo, com trocas de cenários durante os intervalos comerciais, programas de auditório eram “esticados” caso o público do auditório demonstrasse interesse no assunto em discussão⁷. Os telejornalistas repetiam as notícias produzidas no jornal impresso e no rádio, e raramente possuíam imagens sobre as mesmas (MOYA, 2004: 239). Os profissionais deste período lembram que, se houvesse algum problema técnico

⁶ Nos Estados Unidos da década de 1950, já existiam redes de televisão e rádio que cobriam vastas regiões do país, mesmo antes da invenção e instalação dos satélites de comunicação. Era o formato das networks: uma emissora tinha sua programação transmitida sequencialmente com o auxílio de estações retransmissoras ao longo do país, numa rede que, além de transmitir programas de caráter nacional produzidos nas grandes cidades como Nova Iorque, Chicago ou Los Angeles, ainda tinha espaço para inserir nessas transmissões, programas de caráter local com abrangência regional. (SILLER, WHITE, TERKEL, 1960: 159)

⁷ Um caso curioso em que a transmissão ao vivo atrapalhou o sentido da produção. Álvaro Moya nos remete à transmissão de um teleteatro, Teatro Nove, apresentando o espetáculo Cimento, quando em determinado momento da história um prédio cenográfico desabava em pleno palco. Como a transmissão era ao vivo e em um teatro, o som da platéia impressionada com o desabamento do edifício e aplaudindo a cena foi transmitido, prejudicando o sentido de verossimilhança do espetáculo para quem assistia em casa pela televisão (MOYA, 2004: 53).

durante a realização de um programa, este era interrompido e em seu lugar entravam intervalos comerciais, também produzidos ao vivo. E que, por sua vez, também podiam sofrer com os imprevistos do “ao vivo” (ibid.: 66).

Nos primórdios do telejornalismo brasileiro, profissionais egressos do rádio tiveram a sua parcela de mérito sobre a criação de técnicas e padrões de reportagem. O jornalista Ferreira Neto, contratado pela TV Excelsior depois de trabalhar na Tupi dos anos 1960 (e ser abandonado por aquela emissora no Egito quando cobria a Guerra dos Seis Dias entre Egito e Israel), destacou a responsabilidade do repórter daquela época sobre a notícia que produzia:

[...] os repórteres eram polivalentes... Na rua você comandava uma equipe e fazia inúmeras reportagens ao vivo, narrando os acontecimentos... O repórter tinha que ter muita experiência em tudo... Saber o que dizer, mesmo porque, naquele momento você estava com a estação nas mãos... No momento em que

contava que a principal diferença entre o *JN* e o *Repórter Esso* era conceitual, pois o telejornal da Globo apresentava matérias testemunhais, com a fala dos entrevistados. Ele explica:

O que caracterizava o nosso jornal era o som direto. O *Repórter Esso* não tinha som direto porque saía embalado da redação do Jornal do Brasil, onde funcionava a United Press, distribuidora do noticiário, tanto na época do rádio quando na da televisão. No nosso telejornal, além de imagens cobertas com áudio do locutor, inseríamos depoimentos, com voz direta, da pessoa falando (NOGUEIRA apud MEMÓRIA GLOBO, 2004: 34).

À medida que se desenvolviam novas tecnologias para a implantação de *links* eletrônicos simultâneos, a televisão produzia uma metodologia geradora de notícias que a diferenciava do meio radiofônico, e que pudesse valorizar sua visualidade, sua instantaneidade em relação ao acontecimento. Ainda assim, Heródoto Barbeiro destacou a herança do rádio para o telejornalismo ao vivo vista até dias mais recentes. A televisão, de acordo com Barbeiro, faz rádio quando não tem imagens para apresentar. À época desse comentário, o jornalista deu como exemplo a rede norte-americana CNN e sua cobertura da Guerra do Golfo nos anos 1990, bem como a utilização de um telefone vermelho pelo apresentador do telejornal *Bom Dia Brasil* para ouvir as notícias de correspondentes:

Quando entra um boletim de repórter coberto por um *slide* com a foto dele e um mapa de onde fala, no *Jornal Nacional*, também é rádio na tevê. Estas técnicas do rádio também estão sendo exploradas no programa *Opinião Nacional*, da TV Cultura de São Paulo, onde sou um dos âncoras. (BARBEIRO apud KAPLAN, REZENDE, 1994: 11)

Dentro do processo de produção da notícia, ou seja, da determinação da pauta, do envio de profissionais para apurar uma matéria nas ruas e produzir a notícia, uma das dificuldades encontradas pela equipe de profissionais de telejornalismo é manter a população dentro da sua rotina, ou seja, era preciso que as pessoas não mudassem de comportamento por causa da chegada da equipe de reportagem e toda a sua parafernália tecnológica. Caco Barcelos, repórter

investigativo da TV Globo, afirmou que a câmera é uma grande transformadora da realidade, na medida em que desperta um fascínio muito grande:

É muito comum, por exemplo, o repórter chegar em um ambiente onde as pessoas estão envolvidas em uma tragédia e ainda assim ter que desviar dos que querem sorrir, abanar para a câmera, mandar um recadinho engraçado para a família. Nas manifestações de protesto, nos campos de futebol, nos locais de grande aglomeração também é freqüente constatar que, ao ligar a câmera, tudo se transforma. Em geral, mesmo quem estava no maior desânimo, passa a gritar, vibrar como nunca. (BARCELOS apud KAPLAN, REZENDE, 1994: 19)

Para evitar estas situações, o repórter relatou suas estratégias: escondia a câmera ou gravava de surpresa, chegando ao local da notícia já com o aparelho ligado. Se fosse uma matéria de denúncia, Barcelos encontraria o acusado sem avisá-lo do contato, para evitar preparações. Por causa disso, corria o risco de não encontrá-lo para a entrevista e de aumentar os custos para a empresa.

Mas a experiência prova que se você telefona antes é bem provável que a pessoa vá receber o repórter com o cabelo penteadíssimo, vestida com a melhor roupa e com a mentira bem decorada (ibid.)

O repórter ainda avaliou a importância da transmissão ao vivo da notícia na televisão, em um depoimento para o seminário *Jornalismo Eletrônico ao Vivo*⁸:

Ao vivo, nem sempre você dispõe de tempo para refletir, apurar, selecionar, hierarquizar a informação para o telespectador. Eu gosto de contar com a notícia com todos os seus detalhes, explicá-la um pouco mais, e isso, ao vivo, é impossível. (...) A cobertura ao vivo pode representar a ausência de qualquer interferência editorial entre a fonte de produção da notícia e o telespectador. Se os profissionais envolvidos na transmissão foram isentos, significa a independência plena, quase a liberdade. Sonho com o dia em que se possa praticar a investigação jornalística ao vivo. Por que não? (ibid.: 21)

⁸ O seminário *Jornalismo Eletrônico* foi promovido pelo Centro Cultural Cândido Mendes em 1992 e publicado no livro *Jornalismo eletrônico ao vivo* pela Editora Vozes (1994).

Com a evolução tecnológica dos anos 1960, o trabalho de captação, produção e edição de imagens e som foi diminuído, e a maioria dos programas começou a ser gravada com antecedência, num processo que facilitava o planejamento e a organização da produção do programa. As transmissões ao vivo foram reservadas para momentos especiais na televisão, em que pudessem transferir para o telespectador o “calor dos acontecimentos” no mesmo instante em que aconteciam. As telenovelas e outros programas de dramaturgia começaram a ser gravados, os programas de auditório mais tarde seguiram essa tendência, e no telejornalismo a transmissão ao vivo hoje é dos apresentadores com reportagens em sua maioria já devidamente gravadas, editadas e prontas quando são transmitidas.

1.2 Sobre a diferença entre transmissão direta e ao vivo

Encontramos em alguns textos e livros o termo “transmissão direta” que é tratado em alguns casos como sinônimo de “ao vivo”. Entretanto, há uma diferença contextual histórica a ser ressaltada. Baseados nas explicações das transmissões televisuais antes da utilização de satélites pelas emissoras, percebemos que o termo “transmissão direta” está relacionado a um período da história da televisão e do rádio anterior ao momento da invenção do satélite de comunicação. Era um período em que as transmissões só eram recebidas, ao mesmo tempo em que eram produzidas, em um pequeno âmbito geográfico, correspondente ao recebimento das ondas de rádio transmitidas pelas antenas nos topos dos prédios ou nas montanhas mais altas. Inicialmente, transmissões em Nova Iorque não chegavam a Los Angeles, por exemplo, devido à distância geográfica entre as duas cidades norte-americanas e a impossibilidade de se transmitir uma onda de rádio potente o suficiente de uma cidade à outra. Era preciso a participação de estações intermediárias, que retransmitiam o programa, captando-o da estação original e re-enviando com nova força para uma terceira

estação⁹. Essa transmissão em rede propiciou a criação das *networks* de rádio e TV (ABC, NBC), principalmente nos EUA (SILLER, WHITE, TERKEL, 1960: 158). Um exemplo histórico dessa transmissão em rede no Brasil se deu em 1960. Para a transmissão da inauguração de Brasília as emissoras de televisão contaram com a colaboração de aviões da Força Aérea Brasileira, que sobrevoando a cidade, captavam e enviavam as imagens dos festejos para antenas receptoras e transmissoras de um *pool* de emissoras em terra, garantindo imagens do evento “ao vivo” para as cidades do eixo Rio de Janeiro – Belo Horizonte – São Paulo (SIMÕES, COSTA, KEHL, 1986: 48). Uma emissora conectava-se a outra, que por sua vez se conectava a outra, e nesse formato de rede emitiam suas transmissões¹⁰. A transmissão indireta tornou-se evidente com a chegada do sistema via satélite. Com o satélite de comunicações, a intermediação resumia-se, a emissora tinha acesso a um *link*¹¹ com o lugar onde a reportagem estava sendo transmitida, podendo assim ser transmitida, além de “ao vivo”, diretamente, de um ponto a outro do planeta.

Um anúncio do jornal O Globo destacava a evolução tecnológica trazida pela transmissão direta via satélite em 26/02/1969:

Dia 28 de fevereiro (anote esta data histórica) a televisão brasileira estará ligada ao mundo inteiro em transmissões diretas através do satélite Intelsat III. Você assistirá a todos os lances do espetacular vôo da Apolo 9, desde o seu lançamento em Cabo Kennedy, o audacioso acoplamento no espaço, até a sua emocionante descida no Pacífico. Você estará participando de todos esses

⁹ No Brasil o papel de instalação de torres de transmissão situadas a 40, 50 quilômetros umas das outras em toda a extensão entre São Paulo e Rio de Janeiro ficou por conta das próprias emissoras (SIMÕES, 1986: 47).

¹⁰ Era ainda preciso transportar o material gravado, como reportagens especiais e episódios de seriados, e transportá-los por rodovias, ou até mesmo barcos, nos inúmeros rios da região amazônica (SIMÕES, 1986: 50). Os episódios do seriado Vigilante Rodoviário eram transmitidos primeiro na cidade de São Paulo pela TV TUPI, transportados por automóvel pela rodovia Rio-Santos e chegavam ao Rio de Janeiro no dia seguinte, quando eram transmitidos naquela cidade.

¹¹ Olga Curado em *A notícia na TV* (2002) utiliza termos técnicos como *link* e NET, para mencionar a transmissão ao vivo. Refere-se a conceitos de origem tecnológica. Como Machado explica em seu glossário no livro *A arte do vídeo* (1988), *link* é um estrangeirismo que define uma conexão entre a Terra e um satélite artificial, abrindo-se em dois termos, *uplink* e *downlink*. Através do *uplink* o satélite de comunicações recebe um sinal emitido por uma estação transmissora na Terra, e pelo *downlink* o retransmite imediatamente para uma extensão geográfica “excepcionalmente maior do que em qualquer outro sistema de emissão por ondas conhecido até então” (ibid.:31).

acontecimentos no mesmo instante em que eles estarão ocorrendo (MEMÓRIA GLOBO, 2004: 22).

Devido a atrasos da Agência Aeroespacial Norte-Americana, a transmissão do lançamento do Apolo 9 não ocorreu. A TV Globo, no entanto, conseguiu uma entrevista com o Papa Paulo VI, direto de Roma, e logo depois transmitiu um jogo do clube italiano de futebol Juventus. Enfocando o aspecto do “ao vivo” preparava o espírito do espectador para a Copa do Mundo de 1970, a ser transmitida do México por satélite. Ainda, o texto da abertura do *Jornal da Globo*, em 3 de março de 1969, em que o apresentador Hilton Gomes saudava “o admirável mundo novo da televisão via satélite”, pode nos dar uma pista para entender a confusão entre os termos “transmissão direta” e “ao vivo” no vocabulário do meio:

Agora o fato entra na sua casa instantaneamente, como ocorreu hoje à tarde, precisamente à uma hora, quando um extraordinário sistema de comunicações, incluindo a NBC, o satélite Intelsat, a Embratel, as Emissoras Associadas e a Rede Globo de Televisão, lhe mostrou imagens de impressionante nitidez do lançamento da Apolo 9 nos Estados Unidos (ibid.).

Ao que nos parece, o processo de transmissão do lançamento espacial norte-americano, que deveria compreender um número menor de intermediários graças à utilização do satélite em órbita, precisou da colaboração de várias entidades e organizações para a sua realização. Não foi uma transmissão direta ao pé da letra, mesmo porque somente graças à participação do satélite fora possível.

Com o tempo, a percepção para o espectador de que existe um processo de transmissão via satélite foi perdendo o destaque, e nos dias atuais não importa mais se o que assistimos nos chega por satélite ou por *link* entre aparelhos receptores e transmissores de sinais, como as peruas especiais dos canais de televisão.

Por outro lado, popularmente o termo “ao vivo” é usado pelas emissoras de televisão e pelos jornalistas e apresentadores envolvidos, e serve para indicar ao telespectador que aquilo que ele assiste está sendo produzido

naquele mesmo instante. As definições de Squirra, Bacelar e Paternostro são idênticas e claras a esse ponto: “Ao vivo” é transmissão realizada no exato momento em que o fato está acontecendo. Utilizada pelas emissoras de televisão com o auxílio de uma legenda gráfica em um dos quatro cantos da tela, enfatiza ainda mais a sensação de simultaneidade de produção e transmissão. Vê-se a legenda gráfica “ao vivo” em transmissões esportivas como as competições das olimpíadas, as partidas da copa do mundo de futebol, alguns concertos musicais e inserções específicas nos telejornais. Além das transmissões com a legenda, existem outros programas televisuais que são transmitidos ao vivo, mas que não carregam a legenda gráfica na tela. É o caso da maioria dos telejornais, e de alguns programas de auditório e de variedades, como o programa *Dia a Dia* da TV Record ou o *Mais Você* da TV Globo. As transmissões ao vivo dos telejornais da TV Globo se dão dentro de uma outra transmissão que está sendo realizada: as notícias dos repórteres nas ruas são apresentadas com a legenda de “ao vivo” na tela durante o telejornal, no qual os apresentadores estão em estúdio apresentando concomitantemente à transmissão, mas sem legenda em cena.

“Transmissão direta” nos remete ao satélite. *Link* nos remete ao equipamento de recepção e emissão instalado nos carros técnicos da emissora. “Ao vivo” é uma expressão criada pelos repórteres e apresentadores no discurso telejornalístico. Mesmo que os dois primeiros termos refiram-se a processos tecnológicos diferentes e com custos distintos, podemos considerá-los como sinônimos no contexto de nossa pesquisa, já que nossa preocupação é com o efeito de sentido que produzem nas transmissões televisuais para os telespectadores. Podemos considerar que no momento em que a transmissão apresenta a legenda “ao vivo” trata-se da representação máxima da “transmissão direta”, em oposição a uma transmissão em que o apresentador relata, sem o apoio de imagens, um fato noticioso já ocorrido.

1.3 As diferentes proposições das transmissões ao vivo

Roberto Moreira acredita que a transmissão “ao vivo” da televisão é a sua característica diferenciadora em relação aos outros meios de comunicação de massa, e por isso será acentuada em um momento de competitividade pela atenção do receptor entre os veículos de comunicação na atualidade.

Ora, nesse quadro, o que uma emissora aberta pode oferecer? A transmissão de grandes eventos ao vivo: shows, reportagens, programas de auditório, esportes... e também ficção. Sim, por que não? Durante dez anos os programas ficcionais foram ao vivo e podem voltar a ser. O seriado *E. R.* (NBC, 1994-), maior sucesso do prime time norte-americano, teve dois capítulos de grande audiência transmitidos ao vivo. A sensação de simultaneidade entre a experiência do espectador e o processo que gera a representação, a convergência entre estes dois tempos, intensifica o apelo emocional. Eu, espectador, sei que aquelas imagens estão sendo geradas neste mesmo instante e que estou vivendo, junto com os atores e toda a equipe, a emoção de sua realização. O passo seguinte é delegar ao público parte da responsabilidade pelo produto que está indo ao ar, a famosa *interatividade* (HAMBURGER, BUCCI, 2000: 61).

Como vemos, transmissão direta aliada à presença da legenda gráfica “ao vivo” na imagem do televisor produz uma sensação de atenção mais intensa no espectador, de *estar assistindo a algo que acontece no mesmo instante de sua transmissão*. É “uma modalidade de produção e recepção associada à instauração de efeitos bem específicos dentro da televisão” (BRITO, 2001b: 2). De acordo com a intensidade do sentido de simultaneidade de quem assiste em relação a quem produz, a transmissão televisiva se enquadra em uma categoria temporal diferente. E a produção dessa sensação cognitiva seria preservada pela produção televisiva para momentos específicos. Assim, são produzidas variações de transmissões ao vivo, nas quais a legenda gráfica no canto da tela oferece a maior intensidade e a sua ausência enfraquece a sensação de simultaneidade. Um exemplo rápido para entendermos a base da variação entre as sensações de simultaneidade se dá ao prestarmos atenção no aspecto de atualidade de um telejornal. O apresentador está no estúdio ao vivo, falando diretamente para o

telespectador, mas não possui a legenda gráfica com os dizeres “ao vivo”. Entretanto, ao chamar um repórter na rua para atualizar alguma notícia, a legenda gráfica surge imediatamente, fortalecendo a sensação de que todo o jornal está no mesmo tempo em que o telespectador.

Daniel Dayan e Elihu Katz destacam a importância da transmissão direta para a televisão. Eles desenvolveram o conceito dos *media events*, termo que Arlindo Machado (1988) chama de “*cerimônias televisuais de exceção*”, e Yvana Fachine de Brito (2001b) de “*grandes acontecimentos midiáticos*”. Os definidores dos *media events* consideram a transmissão direta de grandes acontecimentos um novo gênero narrativo que utilizaria o “potencial único dos *media* eletrônicos para impor uma atenção universal e simultânea, com o objetivo de contar uma história primordial sobre os temas do dia” (DAYAN, KATZ, 1995: 11. Tradução nossa).

Essas transmissões, caracterizadas sempre como “ao vivo”, são acontecimentos que interrompem o fluxo televisual em mais de um canal para propor “coisas excepcionais em que pensar, que presenciar e que fazer” (ibid.:14). Esses acontecimentos midiáticos são planejados, anunciados com antecedência, e procuram apresentar o evento como uma quebra, uma transformação, um ponto de mudança, que “celebram a ordem e sua restauração” (ibid.:17). Baseiam-se em três pilares: as entidades que os organizam, os meios de comunicação que os promovem e os transmitem diretamente, e a população que muda sua rotina para assistir à transmissão.

Dayan e Katz distinguem os *acontecimentos midiáticos* assim planejados dos *acontecimentos das notícias*: a transmissão direta de um acontecimento não planejado, que fala de acidentes, de perdas, cujo objetivo é primordialmente a informação a respeito do fato. Um *acontecimento da notícia*, como por exemplo o acidente fatal do piloto de fórmula um Ayrton Senna, é uma mensagem não usual, com efeitos específicos, e é apresentado em tons completamente diferentes em relação à transmissão da cerimônia de enterro do piloto, essa sim um *grande acontecimento midiático*. A programação televisual é quebrada, mas sem avisos de antecedência; muitas vezes nem mesmo a equipe

de televisão está suficientemente preparada para essa transmissão não usual, que interrompe a rotina.

Na manhã do dia 15 de maio de 2006, a segunda-feira em que as redes de televisão interromperam a programação convencional para transmitir notícias dos ataques depois nomeados como “do PCC” na cidade de São Paulo, o departamento de jornalismo do SBT não contava com sua figura mais célebre naquele momento, o jornalista Carlos Nascimento, egresso da TV Globo com a proposta de elevar a qualidade do gênero telejornalístico no canal de Silvio Santos. As primeiras transmissões foram realizadas pela apresentadora Joyce Ribeiro, e somente à tarde Nascimento foi ao ar com informações sobre os ataques¹². Em depoimento na mesa redonda “O PCC e a Mídia” o diretor de jornalismo do SBT, Marcos Cripa, mencionou o fato de que estavam preparados para “entrar no ar e falar sobre as eleições ou a Copa do Mundo, mas não sobre ataques de bandidos”¹³.

Devido à ausência de aviso prévio o telespectador é pego de surpresa, mas o alcance imediato dessa transmissão não ultrapassa o público que já estava assistindo à programação. Ao contrário *dos grandes acontecimentos midiáticos*, em que a população, devidamente avisada e preparada pelos meios de comunicação de massa, reúne-se em frente à televisão para assistir coletivamente à transmissão.

Percebemos então que a sensação produzida por essas duas transmissões diretas é diferente: em uma não há surpresa na interrupção do fluxo televisual, a transmissão direta é planejada e reunidora da população frente à tevê

¹² De acordo com depoimento do profissional Marcos Vinicius do departamento de jornalismo do SBT, em visita realizada no dia 23 de junho para levantamento das transmissões realizadas em 15 de maio.

¹³ Realizada durante a Semana de Jornalismo da PUC pelos alunos do curso de Comunicação Social em 30/05/06, a mesa redonda contou com a participação de Marcos Cripa, diretor de jornalismo do SBT; Marina Amaral, editora da revista Caros Amigos; Luis Mendes, ex-presidiário e escritor; e Rodrigo Priolli, professor de Direito e Ética na PUC. Eis a transcrição completa da frase de Cripa: “Não tivemos um estudo antecipado, um planejamento, como há com a cobertura da Copa ou as Eleições. As informações começaram a chegar a partir de sexta-feira, fomos chamando os profissionais e organizando a inteligência sobre o assunto. Nossa preocupação na segunda-feira foi ‘Não podemos alarmar a população mais do que o real.’ Não nos interessava ser uma assessoria de imprensa de organização criminosa, muito menos dar carta branca aos policiais para matarem quem quisessem.”

TV, os sentimentos elevados são os de construção de identidade coletiva, de valores positivos para a sociedade estabelecida.

Já no tipo de transmissão direta que analisaremos em nossa pesquisa somos pegos completamente de surpresa, retirados do nosso cotidiano e apresentados a uma outra realidade que se faz simultaneamente à nossa, em que os destaques são os conflitos sociais e as ameaças de destruição do sistema em que vivemos. Como a *pseudo-notícia* radiofônica dos invasores marcianos nos Estados Unidos dos anos 30, as transmissões do dia 15 de maio também causaram surpresa ao apresentar cenas de meios de transporte incendiados em variados pontos da cidade, provocando como consequência, entre outras, o cancelamento de aulas de universidades e escolas.

1.4 Configurações temporais da transmissão direta

Vistas as características gerais das transmissões diretas, passemos para as descrições de categorias e configurações temporais importantes para a análise a ser empreendida nessa pesquisa. Dos poucos autores que abordam definições para esse assunto, selecionamos Arlindo Machado e Yvana Fachine de Brito, que buscam avaliar os efeitos de sentido que a transmissão ao vivo produz. Realizaremos um levantamento das definições dos pesquisadores mencionados, para nos aprofundarmos nas concepções já definidas para as configurações temporais e seus efeitos de sentido, e assim encontrar uma definição universal que possa ser utilizada em todo o percurso de nossa análise.

Arlindo Machado, em *A televisão levada a sério* (2000), determina uma distinção entre os termos *tempo real* e *tempo presente*. Mas foi em sua obra anterior, *A arte do vídeo* (1988), que Machado desenvolveu mais explicitamente sua análise sobre o conceito de transmissão direta televisual, relacionando-o com o texto *Enredo e causalidade*, de Umberto Eco. Machado destaca a diferença entre o meio televisual e outros meios de comunicação que apresentam a imagem para o receptor, sendo que apenas a imagem no televisor pode “restituir o

presente como presença de fato” já que a imagem ao vivo é simultânea ao que está se desenvolvendo.

Contrariamente à tecnologia da fotografia e do cinema, a análise da imagem pela câmera e a sua síntese no monitor de vídeo se dão de forma instantânea e simultânea, dispensando todo processamento intermediário (MACHADO, 1988: 67).

E considera que na transmissão direta de TV, as decisões do “olho agenciador da cena”, ou seja, dos responsáveis pela captura das imagens, não contam mais com o tempo da manipulação. Naturalmente, a intencionalidade e a subjetividade daqueles que transmitem o que se passa na TV permanece de uma maneira ou de outra, mas essas características intrínsecas dos emissores lutam contra o tempo, de modo que os profissionais devem dar consistência ao material no mesmo momento em que esse material está sendo tomado. As conseqüências desse fenômeno, para o pesquisador, são inumeráveis (ibid.: 68):

Na transmissão direta de tevê, a tentativa se confunde com o resultado, o ensaio com o produto final. A disposição das câmeras, seus movimentos sobre *dolly* ou sobre o próprio eixo, o campo visível recortado pelo quadro, as aberturas e fechamentos de *zoom*, a duração de cada tomada, o corte, a substituição de uma tomada por outra e todas as outras decisões necessárias para a construção do enunciado televisual devem ser tomadas já com o programa no ar. Como conseqüência, por mais que se automatizem os procedimentos e sejam dominadas as intervenções do acaso, o resultado sempre denuncia uma impossibilidade de se obter nexos unívocos ou qualquer coerência estrutural predeterminada (ibid.: 70).

Para Machado o *tempo real* é um efeito no cinema e uma conseqüência natural na transmissão “ao vivo” da televisão. Uma simultaneidade entre o tempo simbólico de uma história com o tempo de sua exibição (ibid.). É a sensação de que a configuração temporal apresentada na grande tela, vivida pelos personagens, coincide com o tempo vivido pelos espectadores ao assistirem à narrativa. Esse “efeito de fluência natural do tempo” é uma produção artificial, conseguida na ficção audiovisual por meio de horas extras de gravações e efeitos de edição, exemplificada no cinema em filmes como *Festim Diabólico* de

Hitchcock ou na televisão o seriado *24 Horas* apresentado no canal por assinatura FOX (MACHADO, 2005: 137).

Na televisão, o *efeito de tempo real* se torna, conforme Machado, a condição para a transmissão “ao vivo”. Devido à diminuição do tempo para editar, o material “ao vivo” pode não ser manipulado tão intensamente, da mesma maneira que uma narrativa ficcional, por exemplo. A simultaneidade de produção e transmissão proporciona situações inesperadas nos planos de criação (por parte da equipe envolvida na sua produção e transmissão) e recepção (dessa vez por parte do público espectador), impedindo o estabelecimento de um momento para a manipulação dos dados e/ou das cenas a serem transmitidos. E por consequência, o surgimento dos imprevistos, que se tornam parte da transmissão em tempo presente, tornam-na diferente das outras transmissões, e colaboram na sensação do espectador dessa natureza simultânea, que, por sua vez, tenta nos convencer que de está livre de possíveis intervenções ideológicas daqueles que a produzem. Para o pesquisador, não se deve considerar os imprevistos e erros como falhas tal qual se considera nas regras de continuidade cinematográfica:

Claro que errar a tomada, esquecer o foco ou o diafragma, perder o motivo, acionar a câmera no momento errado são acidentes que

americana, um homem subiu ao palco e pegou o microfone das mãos da cantora Jennifer Lopez para “passar um recado” sobre seu documentário em produção à venda em um site na Internet (WHAT I’M WATCHING, 2006). Em oposição a esses momentos em que surgem os acontecimentos inesperados, há ocasiões em que aparentemente nada acontece, nas quais é preciso abrir mão de artifícios de preenchimento de um tempo que “sobra” durante a transmissão de um relato “ao vivo” na televisão. São então realizados passeios de câmera pelas pessoas integrantes da transmissão, no palco, na platéia, auditório, ou outros espaços, closes em detalhes sem grande importância, etc. Machado, no entanto, ressalta a importância da existência dessas rupturas:

Daí os estonteantes efeitos de fissura do espaço, as quebras constantes do “eixo da câmera” e a perda da inteligibilidade da topografia da cena. Ora, essa precariedade do olhar enunciador resulta justamente no avesso de qualquer naturalismo: o espectador percebe claramente (e às vezes até se irrita com isso) que entre o acontecimento e sua formulação simbólica há uma brecha imposta pela mediação de um aparato técnico, que lhe desvia o olhar para porções da cena destituídas de importância e o impede de obter a compreensão plena do evento. (ibid.)

Os momentos de atenção desviada, que de acordo com Machado denunciam a manipulação da transmissão, também podem ser resolvidos pela equipe produtora das imagens através de soluções improvisadas. Por exemplo, o enquadramento de uma câmera que perdeu a apresentação solo do baterista de uma banda, ou uma jogada de futebol que não fora capturada pela câmera principal e acaba sendo apresentada em *replay*, praticamente imediatamente, se naturalmente a jogada foi capturada por uma câmera subjacente (MACHADO, 2005: 138). Mesmo que o *replay* não seja uma transmissão simultânea ao ocorrido, ele não interfere na produção da sensação de concomitância do evento por ser um período muito breve.

Arlindo Machado defende a possibilidade reconhecida por Umberto Eco de inserir as imprevisibilidades do “ao vivo” como contrapartida ao repertório convencional de estruturas de enredo. Referindo-se a Eco, Machado diz que a transmissão direta:

permite acontecer o encontro entre a vida na infinita abertura de suas possibilidades e o *plot*, a operação sintática que o diretor institui ao tentar organizar, mesmo que de improviso, os eventos captados pelas câmeras (ibid.:136).

Umberto Eco baseou-se no conceito de narrativa de Aristóteles, e sugere a narrativa como uma fotografia panorâmica de um campo onde várias coisas acontecem; “a poesia consiste em isolar nesse campo uma experiência coerente, uma relação genética de fatos, enfim, uma ordenação dos fatos segundo uma perspectiva de valor” (ECO, 2003: 188). Ele considera, em seu livro *Obra aberta* (ibid.), que a “narrativa contemporânea tem-se orientado cada vez mais rumo a uma dissolução do enredo”. Se em um primeiro instante sugerem pseudo-histórias baseadas na manifestação de fatos “estúpidos” e inessenciais, ganham a sua importância se forem julgados segundo outra noção da escolha narrativa, “e todos concorrem para delinear uma ação, um desenvolvimento psicológico, simbólico ou alegórico, e comportam um discurso implícito sobre o mundo” (ibid.: 192).

A natureza desse discurso, sua possibilidade de ser entendido de modos múltiplos e de estimular soluções diferentes e complementares é o que podemos definir como “abertura” de uma obra narrativa: na recusa do enredo realiza-se o reconhecimento do fato de que o mundo é um nó de possibilidades e de que a obra de arte deve reproduzir essa fisionomia. (ibid.)

Precisamente, o famoso pesquisador e escritor italiano nos evidencia a importância de diferenciar conceitos: “a vida em sua imediatez não é *abertura*, é *casualidade*”. A abertura presente na história contada em um filme é um efeito proposital conseguindo de uma montagem que excluiu a “casualidade ‘casual’ para introduzir nela somente elementos de casualidade ‘desejada’ [...] A abertura pressupõe, portanto, a longa e cuidadosa organização de um campo de possibilidades” (ibid.: 194).

Justamente por estar em contato imediato com a vida como casualidade, a transmissão direta é induzida a dominá-la recorrendo ao gênero de organização mais tradicionalmente esperável, o de tipo aristotélico, regido por aquelas leis de casualidade e necessidade que são, afinal, as leis de verossimilhança.(ibid.: 195)

Finalmente Eco acrescenta que, não só a equipe de produção televisual, mas qualquer pessoa – mesmo um escritor familiarizado com novas técnicas narrativas –, se posto diante de uma situação vital imediata, vai enfrentá-la “segundo os esquemas de compreensibilidade fundados no hábito e na noção comum de causalidade”. Para ele tais nexos de compreensão ainda são os mais cômodos para nossa movimentação dentro da vida cotidiana. O autor tem um ponto de vista que sugere o impedimento do uso das possibilidades da obra aberta para a transmissão ao vivo:

A interpretação de um fato que nos acontece e ao qual devemos responder imediatamente – ou que precisamos imediatamente descrever, transmitindo-o com a câmera de televisão – é um dos casos típicos em que as convenções usuais ainda resultam as mais apropriadas (ibid.: 199).

E completa, defendendo que no momento em que surgem as poéticas da obra aberta, nem todos os tipos de comunicação precisam visar propositalmente a esse objetivo:

A estrutura de enredo entendida aristotelicamente permanece típica de muitos produtos de amplo consumo, que apresentam uma função própria importantíssima e podem alcançar cumes muito altos. A transmissão direta (...) deverá ser julgada segundo as exigências que satisfaz e segundo as estruturas com que as satisfaz (ibid.: 200).

No entanto, Machado percebe que há oposições funcionais ao completo uso da transmissão “ao vivo”: “para diversificar a programação e esquadrihar os patrocinadores, a produção de tevê impõe certa economia de horário, que acaba funcionando como uma camisa-de-força para a plena vigência da transmissão direta” (MACHADO, 1988: 74). Machado também sugere, a partir das considerações de Eco, que a transmissão direta é a porta para a produção de uma televisão nova, autônoma e livre dos esquemas institucionais e mercadológicos, e os adquiridos à custa do hábito. E acreditamos que as eventuais marcas de erro das transmissões diretas (perda do foco, perda do

(www.google.com/video).¹⁴ Afinal de contas, não se trata de congelar imagens, mas sim de produzi-las dentro de um processo criativo que já inscreva as suas

Por conseqüência, a características básicas da programação ao vivo parecem contaminar o restante da programação televisual, que mesmo nos seus produtos pregravados ainda assim guardam a marca da atualidade do *tempo presente*, sem se submeter ao efeito mumificante do tempo congelado que caracteriza as outras representações visuais. (MACHADO, 1988: 81)

É essa constatação, de que a televisão trabalha a questão temporal de forma que as características básicas da transmissão direta contaminam os programas da grade, que nos levou aos estudos semióticos de Yvana Fachine de Brito sobre diversas configurações temporais encontradas na transmissão de televisão. A partir de uma análise sociosemiótica sob a perspectiva da Escola de Paris, Brito trabalha os gêneros televisuais informacionais. A pesquisadora traz uma frase de Eric Landowski que explica essa abordagem semiótica da produção de efeitos como uma “Semiótica das experiências sensíveis, preocupada com o sentido que emerge da nossa relação com as ‘coisas mesmas’, com o próprio mundo enquanto ‘mundo significante’” (BRITO, 2001b:3).

Considerando a transmissão direta como um tipo particular de enunciado, um texto que se organiza em ato, e produz um efeito de presença por parte da recepção, verificamos que o programa ao vivo busca construir um espaço, um local, em que o telespectador esteja presente junto com o apresentador – e quem mais estiver envolvido ao evento transmitido - na vivência dos fatos apresentados (ibid.:39).

Levantamos inicialmente duas configurações temporais associadas às transmissões diretas televisuais que Brito define, para podermos assim distinguir a transmissão direta em suas variáveis. A primeira, o *tempo real*, seria “a exibição de uma duração que se mostra intrínseca tanto ao evento quanto à própria transmissão, produzindo, por isso mesmo um efeito de correspondência entre uma temporalidade do discurso (da TV) e do ‘mundo’ (referencial)” (ibid.:89). Aqui cabe uma reflexão a respeito do *tempo real* de Machado: a configuração de Brito aborda transmissões realizadas enquanto o evento acontece, e não apenas o efeito de simultaneidade provocado, destacado com o nome de *tempo real* por

Machado. É a transmissão ao vivo que está, ou que é simultânea ao tempo do apresentador do telejornal, e também ao tempo do espectador.

Partimos dessa visão de *tempo real* que considera a transmissão durante o acontecimento, para elencar alguns eventos recentes que foram transmitidos pelas tevês em tempo real:

1 – O seqüestro de passageiros do ônibus linha 174 - Jardim Botânico no Rio de Janeiro, em que as emissoras enviaram equipes de filmagem para o local, que foram utilizadas pelos seqüestradores para falarem de suas exigências, das condições para acordo com a polícia, etc. (12/06/ 2000)¹⁵.;

2 – A explosão do ônibus espacial Columbia durante a sua re-entrada na atmosfera, em 01/02/2003, que mais tarde foi re-televisada por outras emissoras;

3 – O ataque terrorista à segunda torre do World Trade Center em 11/09/2001, quando as emissoras de televisão de todo o mundo noticiavam a primeira colisão de um avião com o prédio, levando em seguida ao desabamento das duas torres acompanhado ao vivo em todo o planeta;

4 – A aterrissagem forçada de um avião sem os trens de pouso acionados devido a um defeito na aeronave, no aeroporto de Los Angeles, enquanto as televisões transmitiam as cenas inclusive para os passageiros do próprio avião (21/09/05).

¹⁵ Além do documentário produzido a respeito dessa tragédia transmitida em tempo real, ONIBUS 174, de José Padilha (2002), há um interessante estudo sobre o assunto produzido por Leonardo Coelho Rocha: o caso Ônibus 174 Entre o documentário e o telejornal, disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.pdf>



Figura 2: Exemplo de transmissão em *tempo real*. O pouso forçado de um avião com problemas foi acompanhado por câmeras e transmitido “ao vivo” pela rede norte americana Fox News em 21/09/05.

A segunda configuração temporal é a do *tempo atual*, que Brito busca aproximar discursivamente da concomitância entre o evento em si e a sua transmissão, mesmo referindo-se a eventos já passados, ou até futuros. É o caso das inserções dos telejornais que mostram repórteres nas ruas contando “ao vivo” sobre eventos que *já aconteceram*, e que poderiam ser apresentados em matérias pré-gravadas. Apesar de estar na rua para relatar algo que já aconteceu, a enunciação do repórter compreende a uma narração que se dá ao mesmo tempo em que sua recepção, corroborada pelo logotipo de “ao vivo” do canal de televisão. Essa configuração de *tempo atual* está justamente em busca do sentido de presença e concomitância com a vida real do espectador.

Como exemplo da configuração de *tempo atual* de Brito assinalamos os telejornais, que transmitem suas informações diretamente de um estúdio, sendo que algumas reportagens são apresentadas “ao vivo”, com repórteres em vários pontos fora do estúdio, e outras reportagens são inteiramente gravadas, sendo assistidas em concomitância com a sua transmissão pelos espectadores dos programas.



Figura 3: A apresentação clássica de telejornal configura-se no *tempo atual*, uma vez que os apresentadores estão contando a notícia no estúdio ao mesmo tempo em que o espectador os assiste em casa, porém trata-se de fatos que já aconteceram, eventos narrados no passado.

As outras duas configurações temporais presentes no telejornal, variações do *tempo real* e *tempo atual*, diferenciam-se a partir dos graus de deslocamento temporal em relação ao presente instituído pela duração da transmissão do próprio programa. À medida que nos afastamos do tempo presente da transmissão do telejornal, diminui a sensação de um acesso direto e imediato ao mundo pela notícia, ou, como assinalaria Machado, diminui o *efeito de tempo real*. O *tempo real virtualizado* se dá quando o apresentador do telejornal passa o poder de voz para uma reportagem gravada que se refere aos acontecimentos, sem determinar sua data no passado. É uma matéria “gravada ao vivo”, em que o repórter não diz que o fato aconteceu, mas que está acontecendo. Fora do segmento dos telejornais, um exemplo de configuração de *tempo real virtualizado* são os concertos musicais de artistas e bandas, gravados enquanto são realizadas as apresentações em estádios, movimentando platéias de multidões. Ou seja, sabe-se que o evento já aconteceu, porém ele guarda em sua transmissão o “calor” da sua realização.



Figura 4: Exemplo de transmissão em tempo real virtualizado durante os boletins informativos extraordinários do SBT em 15/05/06. A presença do repórter na rua falando de algo que ainda está acontecendo sugere que a sua transmissão seja “ao vivo”. Entretanto, é uma matéria gravada, sugerida com *tempo real* pela fala do apresentador (“Vamos agora a Osasco com a repórter..”).

Já o *tempo atual virtualizado* é uma seqüência gravada, em que o jornalista reporta um fato situando-o num momento anterior ou posterior àquele em que a reportagem é transmitida. A sensação de presença é uma notícia com menos “calor”, como diz Brito. O *tempo atual virtualizado* é praticamente uma transmissão em “tempo passado” - se pudermos tratá-lo com este sinônimo – o telespectador sabe que o que assiste já aconteceu, e o próprio acontecimento é narrado no passado durante a transmissão: “O acidente ocorreu às 21:00h de ontem...”, ou “A chuva que caiu na manhã de hoje prejudicou o trânsito na cidade...”. É importante lembrar que esta pesquisa da professora Brito se relaciona às transmissões televisuais informacionais, ou seja, transmissões de cunho jornalístico.



Figura 5: Imagem de uma transmissão telejornalística em *tempo atual virtualizado*, na qual o telespectador sabe que a matéria foi gravada, e o relato do jornalista está no passado. (Matéria de Ernesto Paglia sobre a ausência de ônibus em São Paulo em 15/05/06.)

Nível do Apresentador	O porta-voz do telejornal apresenta a notícia no presente	O porta-voz do telejornal apresenta a notícia no passado
Nível do repórter		
A notícia é dada pelo jornalista no presente	Tempo Real	Tempo Real Virtualizado
A notícia é dada pelo jornalista no passado	Tempo Atual	Tempo Atual Virtualizado

Tabela 2. Representação das variações de configurações temporais baseadas em Brito.

Brito também destaca a criação de um novo contexto espacial, onde os espectadores se encontram com o fato narrado. O apresentador do telejornal avisa ao espectador que será transportado para um novo ponto da cidade pelas imagens ao vivo do helicóptero de televisão, ou a tela é dividida em duas, com inserção do entrevistado de um lado e do entrevistador de outro e mesmo os dois

estando em lugares diferentes da cidade; resulta daí a construção de um terceiro espaço de convivência, que não é nem o estúdio do entrevistador, nem o do entrevistado, mas que também convida à participação do espectador em casa como testemunha da entrevista. É o efeito de sentido de presença que se produz de uma transmissão ao vivo. Assim, as transmissões diretas da televisão podem ser classificadas segundo suas origens técnico-produtivas e segundo as conseqüentes sensações que nos fazem sentir, afastando-se gradualmente do sentimento de presença no evento que ocorre durante a transmissão.

As configurações temporais apontadas por Machado delimitam um espectro maior de transmissões, uma vez que para esse autor *tempo real* é um efeito, algo que pode ser produzido, sendo inclusive bastante utilizado na ficção. Toda transmissão direta se encontra no *tempo presente* de Machado, ou seja, o aspecto importante é a sua transmissão enquanto se produz, e por sua vez esse *tempo presente* engloba as variações de tempos apresentadas por Brito de *tempo real* e *tempo atual*, que além de causar um efeito de tempo real variável em sua intensidade, são transmitidas simultaneamente a sua produção.

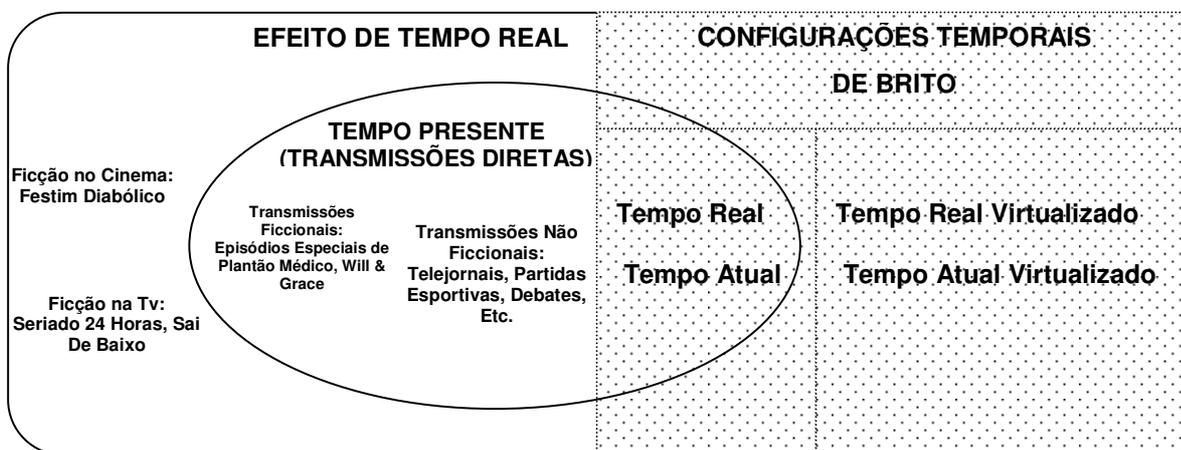


Tabela 3: Em uma tentativa de unir os conceitos trabalhados por Machado e Brito, construímos esse quadro, que é uma mistura entre as tabelas originais dos pesquisadores. Objetivamos com esse quadro mostrar que as configurações temporais chamadas por Brito de *tempo real* e *tempo atual* são correlatas à definição de transmissão direta em *tempo presente*, com *efeito de tempo real* de Machado. Já as configurações de tempo real virtualizado e tempo atual virtualizado não produzem o *efeito de tempo real* que Machado define, nem são realizadas em *tempo presente*.

Utilizaremos as configurações temporais de Brito, assim como a sua abordagem espaço-temporal para a definição de um lugar comum entre enunciadores e enunciatários nas transmissões diretas que analisaremos. As configurações temporais de Machado estão inseridas nessas categorias, como características embasadoras para definir o que é simultâneo ou apenas uma simulação da simultaneidade. É o olhar preciso de Machado, que não deixa escapar os mínimos detalhes da narração que se produz, em busca das marcas de construção do texto da transmissão direta, junto com as imperfeições que a tornam singular por sua natureza, que nos guiará nesse caminho por entre as transmissões diretas das notícias de ataques em São Paulo.

CAPÍTULO 2: A passionalização no telejornal: a construção do medo

2.1 O percurso passional no telejornal

O telejornalismo no Brasil é muito mais dramático do que factual. Organiza-se como ficção, e uma ficção primária: tem suspense, tem lição de moral, tem mocinhos e bandidos, os “do bem” e os “do mal”, como desenho animado de super-heróis. (BUCCI, 1997: 49)

Neste capítulo buscaremos investigar a construção, nas transmissões ao vivo dos telejornais, dos percursos passionais que criam o efeito de “medo” e de “insegurança”. Tentaremos entender como se organiza a narrativa nas notícias do telejornal: como são definidos os vilões, os mocinhos, os “dramas” que se opõem à realidade dos fatos, como diz Bucci. Para entender o que chamamos de percursos passionais e como estão relacionados aos telejornais, discutiremos a pesquisa de Valdério Cândido de Almeida. Para este pesquisador, a paixão direciona o pensamento e a construção de opinião do receptor – no nosso caso, o telespectador – quando veiculada através dos textos. A paixão se constitui no oposto da razão: é como se a pessoa que acessa o texto – a transmissão televisual, em nosso caso – tivesse com ele uma relação além da leitura, fugindo da racionalidade e se deixando influenciar pelo que de mais significativo o texto fala, incluindo a emoção suscitada por certas palavras (ALMEIDA, 2004: 4). O Dicionário de Semiótica colabora para essa definição de paixão: é um “estado de alma, entendendo por isso a vestimenta discursiva do estar-ser modalizado dos sujeitos narrativos” (GREIMAS, 1991: 186). O estado de alma é uma oposição à compreensão baseada na racionalidade, e se dá por uma reação emocional à mensagem, algo muito claro em um dos famosos sermões do Padre Antonio Vieira: “A nossa alma rende-se muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos” (VIEIRA, 1965). É do rendimento da alma que trata a passionalização em um texto, não nos importando neste momento se mais pelo sentido da visão ou da audição.

Almeida explica as paixões pela sua oscilação no ser humano: “Ora o homem odeia, ora ama, ora está alegre, ora triste. Essa oscilação lhe dá estados de ânimo diferenciados para agir, pensar”. Movidos pelas paixões,

também os locutores se mostram informantes de notícias com variantes apaixonadas (ALMEIDA, 2004: 38). Assim, por meio da retórica, o telejornal modula as paixões dos telespectadores. “Ao assistir determinada reportagem, ora ele sente raiva, ora amor, ora medo. À medida que as notícias vão sendo apresentadas, as paixões são moduladas de acordo com o que o texto apresenta” (ibid.: 40).

O pesquisador destaca que um dos fatores predominantes para o movimento realizado pelas paixões no texto é a tensão, que associa dois pólos de conhecimento de um dado assunto para uma análise e conclusão posteriores. Por exemplo, fala-se dos aspectos negativos e positivos da notícia para, ao fim, posicionar-se, deixando a sensação de que todos os lados da história foram abordados. Para concordar ou discordar de uma tese proposta, deve-se tensioná-la a fim de descobrir qual seu real significado para o telespectador. Ou seja, se há uma concordância com um determinado fato ocorrido, ela se dá por meio da busca de uma resposta a perguntas feitas pelo telespectador, por ele mesmo e para si (ibid.: 42). Vejamos um exemplo de como a tensão de uma narrativa se realiza no discurso telejornalístico: ao reportar a reação das escolas, comércio e algumas instituições públicas paulistas diante de novos ataques do PCC, o apresentador do SBT Carlos Nascimento pergunta aos jornalistas: “Onde está o governador Cláudio Lembo?”. Por posicionar-se ante as câmeras, e realizar um olhar direcionado ao telespectador, Nascimento dirige essa pergunta não apenas aos jornalistas, mas também ao telespectador. Como a resposta que recebe do jornalista em externa é negativa (o governador não apareceu à imprensa para esclarecer fatos como seria esperado), a conclusão implícita é de que há ausência da autoridade responsável.

Almeida conta que uma notícia pode ser percebida pelo espectador com alegria e esperança, provocando euforia, ou com vergonha e medo, que trazem a disforia. Estes dois últimos sentimentos, o medo e a vergonha, relacionam-se ao dever, “à medida que colocam o homem diante de situações fora de seu controle ou difíceis de resolver” (ibid.) – caso do nosso exemplo acima citado. A relação com o dever se dá então com o sentimento da disforia, que, em oposição à euforia, é um sentimento de perturbação mórbida ou mal-estar provocado pela ansiedade. É uma ansiedade ligada não a objetos ou

relações com qualquer contexto de perigo, mas sim a uma causa psicológica inconsciente: a necessidade, o dever de encontrar uma solução para os problemas veiculados na mídia.

O telespectador se sente impotente, às vezes, para resolver questões do seu interesse. O jornal coloca o telespectador diante dessa realidade. Ao ser veiculada uma morte num assalto, vê-se a necessidade de proteção, mas a disforia é o primeiro sentimento a se manifestar, naquele momento da notícia (ibid.: 43).

Dessa maneira o jornal, utilizando a tensão entre estados de euforia e disforia em que vive o homem, estimula o telespectador a fazer uso das paixões que lhe são próprias. “Existe um sujeito que tende a se apaixonar e outro que o estimula. TV e telespectador encontram, aqui, seu papel de interação” (ibid.). O pesquisador defende que o *Jornal Nacional*, objeto de sua pesquisa, dá ênfase mais detalhada a fatos negativos do que a positivos, o que seria característica de emissoras com telejornalismos em busca de audiência (ibid.: 60). E destaca ainda a preocupação em gerar no telespectador a paixão desejada, com exemplos das saudações de abertura e fechamento do programa: o *boa noite* do início do jornal tem um tom de solenidade, formalidade, seriedade aguda. O *boa noite* final é dito como um tipo de saudação mais leve, descontraída, como a preparar para o dia seguinte. “São dois momentos expressivos de tensão e relaxamento, euforia e disforia. Veja-se no uso da voz do jornal uma aprendizagem de seus interesses persuasivos” (ibid.).

Outro exemplo do movimento tensional das paixões construídas no discurso do *Jornal Nacional*: à medida que avança o programa, as notícias tornam-se mais amenas, agradáveis, com o propósito de preparar o telespectador para o invariável “final feliz, característica de todo aquele que quer persuadir e convidar para, no outro dia, o telespectador assistir ao Jornal novamente” (ibid.: 62). A sensação geral, permanente, é a de algo que começa mal, mas sempre termina sem maiores problemas. Essa é a marca da euforia x disforia, a tensão x relaxamento, e é feita com intencionalidade, para motivar as paixões de forma ordenada, ora num crescente de notícias de forte impacto (tensão), ora amenizando o dito com notícias de menor impacto (relaxamento). Caracteriza-se como consequência um movimento das paixões em todas as

edições do programa. A movimentação das paixões do telespectador se dá pela sensibilização, que, de acordo com Almeida, é ocasionada por três instantes:

- 1º) Disposição: refere-se à competência para apaixonar-se, característica inerente a cada ser por sua formação histórico-ideológica;
- 2º) Passionalização: refere-se à performance do comportamento apaixonado. É através dela que se verá quanto e como um tema interfere na formação do telespectador, qual o grau de importância dado por ele para o assunto;
- 3º) Emoção: refere-se à consequência da paixão e, por meio dela, pode-se avaliar de forma objetiva quais os assuntos mais atraentes. (ibid.: 44)

Poderíamos entender esse processo da seguinte maneira: no primeiro passo está a natureza própria, intrínseca de cada indivíduo, que traz consigo seu histórico cultural e social, e assim determina a sua capacidade de se deixar envolver sentimentalmente por um discurso. A passionalização, a performance do comportamento apaixonado em si, é o momento em que o ser humano reage ao discurso como se estivesse contaminado por seu conteúdo, na medida em que se deixa levar pelo arrebatamento emocional que sua natureza sócio-cultural o permite. Por fim, a emoção é uma consequência, é o sentimento percebido pelo próprio realizador das ações, o indivíduo que conclui que espécie de sentimento lhe aflorou por causa de sua reação ao texto passional.

É para nós interessante ver como Almeida defende que o processo de passionalização aumenta quando o tema da notícia se relaciona a uma grande parte da sociedade: quanto mais próximo for da realidade de quem assiste ao jornal, mais a notícia causará comoção. Entretanto, o pesquisador não considera se a comoção é positiva ou negativa, mas sim a sua importância para aquele a quem o programa busca informar (ibid.: 45). Ao trabalhar essas questões Almeida chega ao tema da ética, ligada pelo autor diretamente à questão da moralização, que por sua vez poderia ser evidenciada de maneira diferente por distintos grupos de receptores. Aqui entram em jogo os valores individuais tanto de quem emite como de quem recebe as notícias. Por exemplo, a notícia sobre a guerra pode até ser bem aceita, desde que justificada com elementos éticos e morais: se os EUA quiseram a Guerra do Iraque porque acreditavam ter razões para tal, para eles foi ético e moral ir à

guerra. Já na visão de um telespectador de outro país, ou mesmo de um norte-americano que não queria e nem acreditava nas razões para uma guerra, a lógica desta pode ter parecido absurda. O querer e o acreditar (aqui entendido como o saber) são peças essenciais para o entendimento do processo de passionalização do texto: “É nesse jogo de euforia e disforia que se dará o julgamento, por meio da paixão, de uma notícia” (ibid.).

O movimento das paixões (ora amar, ora odiar) faz oscilar o comportamento para se posicionar posteriormente a respeito do que se assiste. Quem determina isso é a articulação das palavras, e aqui nós podemos inserir todas as estratégias enunciativas do telejornal, incluindo os esforços técnicos e estéticos, e o modo pelo qual se enuncia a notícia. É esse o processo elementar da decodificação de um tipo de notícia: ação e reação sempre estabelecidas por um tema. Amor e ódio, alegria e tristeza, sentimentos os mais diversos são os actantes principais para se chegar a um denominador comum: o julgamento ético e moral de uma notícia. (ibid.)

Por outro lado, é preciso lembrar que há um objetivo que acompanha cada ação realizada por uma emissora de televisão de caráter comercial no Brasil: a busca pela audiência. O professor Laurindo Lalo Leal Filho ressalta que, longe de reconhecerem a responsabilidade social e cultural do meio de comunicação do qual 90% da população adquire suas informações sobre o cotidiano, diretores e apresentadores consideram a televisão um meio completamente neutro (LEAL FILHO, 2006: 18). Apoiados na nulidade de sua responsabilidade, os responsáveis pela transmissão televisual podem fazer o que acharem melhor e mais conveniente para chamarem a atenção do público para seu produto¹⁶.

Nilton Hernandez, em *A mídia e seus truques* (2006), defende que o seu estudo a respeito do “gerenciamento dos níveis de atenção” realizado pelos jornais esclareceria os “truques” que tais enunciadores adotam para obter e manter laços com o público. Nessa perspectiva de gerenciamento de atenção, os enunciadores desenvolvem estratégias enunciativas que estabelecem um patamar básico, que não é discutido, sobre características

¹⁶ Em uma entrevista ao programa Comitê de Imprensa da TV Câmara, transmitido em 13/01/07, o professor Lalo menciona a abrangência da população que utiliza a televisão como fonte primária, e às vezes única, de informação. Ainda destaca a importância de uma atualização da legislação brasileira sobre a transmissão de televisão, que poderia mudar o estado de ausência de ação governamental para o estímulo da qualidade da televisão comercial.

consideradas intrínsecas do meio de comunicação, como a imparcialidade e a objetividade. Para ele é importante destacar que a notícia é por si uma história narrada que não conta todos os detalhes do fato, não é uma história completa sobre o que aconteceu.

Um jornal pode ser entendido como um texto que materializa e congela, numa coordenada espaço-temporal específica, o recorte da realidade que um grupo social faz e julga mais conveniente legitimar para uma camada social mais ampla (HERNANDES, 2006: 29).

Esse ponto de vista que nos remete ao de Umberto Eco: trata-se, em última instância, da escolha que o editor da notícia faz sobre o que contar (a agenda temática), e quais caminhos percorrer para contar a história a ser assistida pelos telespectadores. Eco referiu-se ainda a Aristóteles para explicar que a história não apresenta um fato único, mas sim um período único de tempo, e que é esse período de tempo que abarca todos os fatos envolvendo os personagens de uma história. É como uma “fotografia panorâmica” de “um campo de eventos”: “a poesia consiste em isolar nesse campo uma experiência coerente, uma relação genética de fatos, enfim, uma ordenação dos fatos segundo uma perspectiva de valor” (ECO, 2003: 188). Retornando a uma definição de Hernandez, “os jornalistas desenvolveram meios de guiar a percepção do público, direcionar as expectativas” (HERNANDES, 2006: 11). Para esse autor, o esforço para criar uma empatia se dá “quando um jornal mobiliza afetos do público ao noticiar, tenta obter uma identificação entre leitor, internauta, ouvinte, telespectador (atores da enunciação) e os personagens das notícias (atores do enunciado)” (ibid.: 64). Existiria assim, uma proporcionalidade direta entre o potencial de atração da notícia e a projeção do público nos dramas mostrados:

O sujeito é manipulado, por sua vez, pelos efeitos de realidade que “humanizam” o texto. É importante que ele, além de obter saberes, tenha a sensação de “estar no mundo” e possa “viver” dores, alegrias, e outros afetos mostrados nas histórias (ibid.: 65).

Toda a empatia teria como base o efeito de realidade:

A projeção do público na história contada é produto de um tipo de ação narrativa que vai expondo determinados estados afetivos. Para haver empatia, a complexidade figurativa deve estar a serviço da maior concretude possível de uma narrativa em pleno desenrolar, na qual apareçam certas paixões, sentimentos (ibid.: 67).

A projeção do público na história narrada remonta ao já mencionado teatro aristotélico, que define a repartição das ações entre enunciador e enunciatário de um texto: “O espectador assume uma atitude passiva e delega o poder de ação ao personagem” (BOAL apud ibid.: 67). Como o personagem se parece conosco, “nós vivemos, vicariamente, tudo o que vive o personagem. Sem agir, sentimos que estamos vivendo. Amamos e odiamos quando odeia e ama o personagem” (BOAL apud ibid.). A verossimilhança, recurso estilístico literário utilizado em grande escala pela literatura ficcional, relaciona-se aqui à paixão produzida pela história contada no texto não-ficcional, a notícia. Para acreditarmos na reportagem contada pelo jornalista, precisamos sentir a notícia, vivê-la em um nível próximo de sentimentos, ter compaixão ao personagem envolvido na notícia e empatia para tomar as suas dores.

Os comentários de Bucci sobre a construção do texto telejornalístico por meio das imagens escolhidas pelos editores e diretores do programa completam o raciocínio acima estabelecido:

O sentido das coisas nos telejornais não é dado exclusivamente pelo discurso falado, mas decorre também do andamento das imagens. A associação entre elas (dada por fatores aparentemente casuais como a mera proximidade) é uma das possibilidades de sentido. É uma possibilidade da qual raramente nos damos conta, mas ela já foi estudada, medida e comprovada na TV depois de anunciada por Eisenstein para o cinema. (BUCCI, 1997:52)

Dessa forma, nos textos dos jornais em geral, o sentimento de piedade e de terror seriam definidores de grande parte das paixões negativas assumidas pelo público destinatário, e aqui destacamos o telejornal, cujo objetivo é a projeção empática do telespectador no drama vivido pelos personagens da notícia.

As narrativas jornalísticas se impõem, do ponto de vista afetivo, porque ora tentam confundir-se com as narrativas da própria

vida, mobilizando pelo temor – o medo da violência e a impotência diante da ação dos governos –, ora porque fazem aflorar sentimentos que irmanam leitores, internautas, telespectadores, ouvintes em relação aos dramas de famílias vítimas da guerra e do terrorismo, da fome, de tragédias naturais, de injustiças de todos os tipos. Nesse último caso, há uma mobilização pela piedade. Do ponto de vista analítico, em seu maior grau, a empatia é uma fusão afetiva sujeito-público e sujeito-personagem. (HERNANDES, 2006: 68).

O autor segue sugerindo caminhos de exploração da empatia entre público e notícia, como o sensacionalismo e a fidelização do público, trazendo exemplos de jornais impressos cujas capas selecionadas apelam para a empatia do público por meio da paixão da piedade. Essa paixão é o sentimento de compaixão, um dos afetos mais mobilizados pelos jornais em busca de uma projeção empática (ibid.: 80). À medida que se percebe o esforço de emocionar o leitor, perde-se a neutralidade do discurso revelando-se o ponto de vista do enunciador jornal, mas ainda assim o leitor ou espectador não se afasta, porque ele deseja realizar, concluir esse sentimento, incitado à curiosidade causada pelo próprio veículo.

Em sua dissertação de mestrado, Hernandes caracteriza relações específicas de meios de comunicação de massa impressos, apresentadas nos exames da diagramação, tipografia, tipos de papel, entre outros, para verificar como o medo se torna a *paixão motivadora* da revista semanal *Veja* (id., 2001:162). Hernandes busca as origens do medo passionalizado pela revista *Veja*, no caso o medo de ficar desempregado, e encontra em Domenico de Masi justificativas para a existência desta paixão relacionadas às condições atuais do capitalismo em sua mais recente fase. O pesquisador segue a busca de definições do medo por Marilena Chaui e historiadores, para posteriormente avaliar pela semiótica *greimasiana* que o medo surge no leitor da revista como uma resposta a uma competência que não se sabia que deveria possuir, e cuja falta agora percebida gera insegurança nele. A essa competência desconhecida Hernandes chama de um *não-poder-saber*.

Sendo mais preciso, podemos afirmar que o sujeito tinha um simulacro anterior no qual se imaginava com todas as capacidades para manter seu objeto-valor. Desfrutava então da paixão da segurança, da tranquilidade, um *saber-poder-ser*. Só que o saber recém-adquirido o obrigou a atualizar todo o

cenário. Ao se perceber despreparado, ou em dúvida sobre sua capacidade de enfrentar a inesperada ameaça, ele é tomado pelo medo (ibid.: 143).

2.2 Telejornalismo popular: as investidas do SBT

A paixão do medo, o estado de alma de amedrontamento ante a violência descontrolada, foi construída nas narrativas das transmissões diretas de reportagens, depoimentos ou apenas imagens no dia dos ataques do PCC. Para justificar a afirmativa sobre a passionalização do medo no discurso telejornalístico, faremos a análise de alguns trechos apresentados ao vivo naquela data. Escolhemos especificamente o Sistema Brasileiro de Televisão porque realizamos um levantamento histórico dos telejornais apresentados nesta rede desde o seu lançamento, que corroboram nossa visão de passionalização do medo, culminando nos telejornais transmitidos na data dos ataques.

Criado por Silvio Santos a partir da sua concessão original ao canal carioca TV S, e calcado historicamente numa apresentação de programas populares, o Sistema Brasileiro de Televisão foi para a pesquisadora Maria Celeste Mira o destino dos programas de televisão renegados pela TV Globo, que na década de 1970 já buscava apresentar uma programação sofisticada e moderna. Com isso, os diretores do SBT pretendiam recuperar os padrões antigos da televisão anteriores à chegada da Globo, herdando programas e elenco da TV Tupi e Excelsior. Descontração, emoção, participação eram palavras-chave presentes nos discursos dos produtores do SBT à época de sua inauguração (MIRA, 1995: 111). Um dos programas marcantes da época foi *O Povo na TV*, que concentrava todas as características determinantes do apelo popularesco em televisão:

Somente num programa que se considerava “o único espaço que realmente se coloca à disposição do povo” poderia caber tanta coisa: do programa feminino, típico do horário vespertino, até o gênero policial, exibido após as 23 horas, passando por denúncias sobre o mau desempenho dos serviços públicos, em geral apresentados pelos noticiários locais. Como nos

programas de rádio, procuravam-se pessoas desaparecidas, remédios dos quais se precisa com urgência ou carros roubados. Doentes de todas as espécies buscavam conseguir atendimento hospitalar, cirurgias e tratamentos, viessem eles dos médicos ou do curandeiro Lengruber. Lares desfeitos, inquilinos despejados e demais vítimas da “maldade alheia” procuravam encontrar justiça por meio dos advogados do programa ou do justiceiro Wagner Montes, mais conhecido como o “chicote do povo”. Violência, miséria, abandono, nem mesmo a morte deixaria de ser mostrada em “O Povo na TV” (ibid.: 114).

Tudo que fosse ao ar na então TV S deveria ser popular (ibid.: 115). As características determinadas para regerem outro telejornal da época, o *Noticentro*, eram, de acordo com o jornalista egresso da TV Tupi Humberto Mesquita, linguagem simples, apresentação descontraída e “assuntos que estão afligindo o nosso povo mais diretamente” (ibid.). Em resumo, Mira enxerga no canal de Silvio Santos um apelo para o “grotesco”, “um grotesco que para as elites significava falta de cultura, e para a esquerda seria expressão da miséria social” (ibid.: 140).

O *Povo na TV* teve vida relativamente curta devido à fortíssima rejeição dos anunciantes (SQUIRRA, 1993: 138). Em 1986, surgiu o *Últimas Notícias*, com Luiz Lopes Corrêa, locutor do *Repórter Esso*, que, de acordo com Squirra, também durou pouco (ibid.). Em 1988, percebendo que deveria aliar a audiência do programa com a credibilidade de seu conteúdo, Silvio Santos contratou o jornalista Marcos Wilson para dirigir o departamento de jornalismo do SBT. Em depoimento a revistas da época, o profissional adiantava que o jornalismo do SBT não poderia ter a cara da Globo. “O noticiário de TV deve ser otimista, explicativo, não carrancudo ou chato...” (MARCOS WILSON apud ibid.: 139).

Em busca da credibilidade o SBT contratou, em 1988, o jornalista paulista Boris Casoy¹⁷. Jornalista consagrado no meio impresso, Casoy tinha o direito de opinar a respeito de cada notícia que transmitia. A frase “isso é uma vergonha” ficou marcada como seu jargão, entoada com sentimento de revolta quando transmitia suas críticas à violência, à corrupção, ao descaso das autoridades. Ainda para conseguir credibilidade, a emissora contratou também

¹⁷ Foi Casoy quem colocou uma foto de Lula pela primeira vez na primeira página da Folha em 1984 (ibid.: 152), enquanto fora editor-responsável do jornal impresso de grande circulação nacional, e durante as eleições para a prefeitura de São Paulo de 1985 perguntou em debate eleitoral na televisão ao candidato Fernando Henrique se ele acreditava em Deus (ibid.: 153).

Hermano Henning em 1989 (ibid.), e trouxeram da Globo Lílian Witte Fibe para o *TJ Brasil 2ª Edição* (ibid.: 140). Lançaram ainda os programas *TJ Brasil São Paulo* e *Notícias de Primeira Página*, e em 1990 o *TJ Internacional*.

Ao destacar o estabelecimento da figura do âncora no telejornalismo do Brasil graças à contratação de Casoy pelo SBT, Sebastião Squirra resgatou a definição de âncora por Walter Cronkite:

Basicamente, é um jornalista com a paciência e a curiosidade de ler, com a maior isenção possível, os jornais impressos do dia; esse jornalista deve ter uma visão de mundo, dispor de uma cultura humanística e histórica que lhe permita descobrir, mesmo em uma pequena anedota, a sua importância trágica ou a sua terrível comicidade; alguém em condições de estar permanentemente chocado pela realidade, mas com o poder de se apresentar diante dos telespectadores sem que olhos e músculos reflitam qualquer tipo de comoção indesejável; alguém que acompanhe, na redação, o nascimento e o desenvolvimento da notícia; uma pessoa capaz de sofrer, durante dez minutos, para escrever um bom texto de duas linhas e, ao mesmo tempo, improvisar com naturalidade e conhecimento de causa uma locução de dois minutos sobre algum acontecimento de última hora; alguém com ar de serenidade e respeito pelos outros; traços corretos, boa voz, um ritmo dialogal de leitura e – exigência suprema – um ar inteligente. (ibid.: 119)

Para Squirra, o estilo de ancoragem de Boris Casoy marca a história da forma de apresentação de telejornais no meio eletrônico brasileiro (ibid.: 129).¹⁸ Vera Íris Paternostro sugere que o TJ, com a figura do âncora, imprimiu sua marca e levou as emissoras a reformular o formato de seus telejornais (PATERNOSTRO, 1999: 34).

Praticamente ao mesmo tempo, Silvio Santos manteve os investimentos num programa popular como o *Aqui Agora*. O *Aqui Agora* estreou em 20/05/1991. Squirra o definiu como a transposição do jornalismo popular do rádio para a televisão. A herança ficava clara com o uso de algumas das mais conhecidas vozes dos programas radiofônicos, como Gil Gomes e Luiz Lopes Corrêa. Por outro lado, o programa trouxe personagens que não são jornalistas e nada tinham a ver com a área, como o boxeador Maguila e o então “político-relâmpago” Enéas. “Trata-se da recriação, na TV, do programa

¹⁸ À época destes comentários, o autor disse que “a adoção de uma linha fortemente popular tem proporcionado ao SBT o segundo lugar no total da preferência da audiência (ibid.: 136)”, o que hoje não acontece mais. O segundo lugar de audiência é ocupado pela TV Record, copiando a estética dos programas da TV Globo.

O Povo na TV, misturado com os programas de rádio. Entretanto, o programa começou com 6 pontos de audiência e chegou a bater em 20 pontos” (SQUIRRA, 1993: 142). O *Aqui Agora* era uma cópia do *Nuevodiário*, programa argentino do qual se herdou uma idéia inovadora na arte de relatar os fatos na televisão: o plano-seqüência. Squirra destacou um depoimento de Albino Castro a respeito do plano-seqüência: “O *Aqui Agora* chega nos lugares e sai gravando. Se a coisa acontece, a câmera vai atrás. Não tem aquela coisa editadinha” (CASTRO apud id., 1994: 143). Se por um lado boa parte da opinião pública esclarecida tinha repulsa àquele popularesco modelo de jornalismo eletrônico, por outro, “é inevitável reconhecer que ele representa um divisor de águas na arte de apresentação de programas jornalísticos na TV, quer os intelectuais concordem ou não” (id., 1994: 143). Squirra o defende como um novo modelo, que rompeu com o estilo tradicional de apresentação e “radicalizou numa inteligente estratégia de conquistar audiência e chamar a atenção da mídia e da população” (ibid.).

Apesar das críticas iniciais, a influência da estética do *Aqui Agora* repercutiu em outras emissoras. Noticiários da Globo buscaram aproximar-se do estilo, e um programa que aborda histórias violentas entrou na grade: o *Linha Direta*. Poderíamos encontrar nas reportagens de viés comunitário do jornalista Marcio Canuto, realizadas para o telejornal *SPTV 1ª Edição*, traços da narrativa popularesca que foram marcantes no *Aqui Agora*, como a presença dos moradores da comunidade em depoimentos repletos de carga emocional e a construção de pequenas histórias dentro da notícia. Para a pesquisadora Rosamaria Luiza de Melo Rocha, da PUC-SP, os “herdeiros” do *Aqui Agora* interessantemente trabalham a ficcionalização do registro das cenas em uma estética que manipula o visível, e que, na busca pela delação dos fatos e seus realizadores, a ética é esquecida “por um torpe maquiagem de denúncias entretenimento” (ROCHA, 1997: 90)

Um exemplo atual de que o telejornal no SBT ainda é tratado como mais um programa da grade de espetáculos da emissora é o lançamento do programa *Jornal da Massa*, apresentado pelo controverso Carlos Massa, o Ratinho. Seu programa anterior foi enormemente criticado pelo seu conteúdo

popular e politicamente incorreto, chegando a sofrer forte pressão para ser cancelado por parte de ongs do setor de comunicação e cultura.¹⁹

É preciso evidenciar o investimento e um certo pioneirismo do canal em estabelecer a figura do âncora, que além de explicar a matéria, a comentava com ênfase no arrebatamento passional. Havia ainda o investimento nos telejornais de apelo popular e espetacularização, que extrapolavam a linha de shows da emissora. Tais fatos nos sugerem que, mais que focar no conteúdo da violência – e gerar medo na população – o departamento de jornalismo do SBT sempre foi focado em produzir discursos que arrebatassem a população, afetassem o sentimento do telespectador pelo choque das notícias.

2.3 O programa especial *São Paulo Contra o Crime*

Vejamos agora como o telejornal noturno do SBT apresentado em 15 de maio trata o medo passionalizado nos seus textos. Para isso analisaremos um telejornal apresentado especialmente para aquela data, o *São Paulo Contra o Crime*. A vinheta de abertura do programa consiste em uma seqüência sonora e imagética que por si já apela para a modulação das tensões vistas pelo pesquisador Almeida. Visualmente, um dos componentes iniciais da abertura é uma fumaça cênica, ou seja, percebe-se que ela vem de alguma espécie de fogo de artifício. Ao se esvaír a fumaça, surge na tela o logotipo do programa, onde o nome do telejornal localiza-se sobre a imagem de uma vidraça atingida por uma bala de revólver, refletindo a luz vermelha intermitente de uma sirene pressuposta para o telespectador. Os componentes sonoros da abertura do programa são uma música de ritmo acelerado e tom desconcertante, similar aos conhecidos acordes de trilhas sonoras usadas em

¹⁹ Encontramos respostas da equipe diretora do departamento de telejornalismo do canal, afirmando que o *Jornal da Massa* não se trata de um telejornal e sim de um programa da linha de shows da emissora. Ainda assim a crítica de televisão o considera uma mistura dos dois termos, uma vez que o próprio nome do programa justifica seu esforço em busca de uma linguagem telejornalística. Fontes:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67288.shtml>. Acesso em 20/01/07 e <http://www.sbt.com.br/jornalismo/jornaldamassa/> Acesso em 20/01/07.

filmes de suspense, como *Halloween* ou *Psicose*, aliados à presença constante de uma sirene.

Carlos Nascimento surge em cena, na conformação clássica de telejornal: atrás de um balcão e dividindo o campo visual com uma tela onde se vê o logotipo do programa. Sua primeira frase define o assunto que se trata no programa. Por sua vez destaca a consequência dos ataques à cidade: “A maior cidade do país reage ao estado de violência e caos deflagrado pelo PCC.” A reação a que se refere, entretanto, não é uma reação positiva ou organizada a respeito dos ataques; é a de que “São Paulo parou em consequência do medo”. A notícia dos ataques se desdobra inicialmente para uma informação secundária: a recusa do governador do estado em receber ajuda federal, apesar da “confusão” do alto número de mortes desde o início do fim de semana anterior, destacados pelo apresentador. Outro assunto a nascer dos ataques a São Paulo e que ganha espaço na fala de abertura do programa é a dificuldade do paulistano para retornar ao lar, já que as empresas de ônibus retiraram os veículos das ruas e o rodízio municipal foi suspenso: “milhares de pessoas ainda tentam descobrir um jeito de voltar para casa e ninguém sabe se amanhã vai ter transporte”. Nessa configuração de *tempo atual*, em que o jornalista apresenta-se no estúdio para o telespectador, sabemos que a sensação de concomitância e presença não é a maior possibilitada pelas articulações temporais na televisão. Mas é o momento em que o telejornal começa, e o apresentador em um estúdio marca a visualidade do fluxo televisual, definindo para o telespectador o clima de notícia a ser assistida. Analisando o texto telejornalístico transmitido no início do programa, percebemos que, para manter a atenção conquistada pela vinheta de abertura, o *São Paulo Contra o Crime* desdobra o tema da insegurança em um texto com várias notícias, recheadas de marcas passionalizantes do medo: a cidade parada, mortes, confusão estabelecida, milhares de pessoas tentando descobrir um jeito para voltar para casa, ninguém sabendo como será o dia seguinte são expressões que tomaram conta do discurso de abertura. Essa escolha de palavras e expressões, dentro de uma narrativa que figurativiza o medo, constrói uma sensação de insegurança que aumenta à medida que o texto segue, e torna-se um contraponto à informação de que o governo estadual recusara o apoio do governo federal. A recusa a que o apresentador

se refere, a do governo estadual, graças ao medo que se trabalha pelas outras notícias, aparece como atitude insensata. É como se quisesse nos fazer pensar: como agir dessa maneira quando há tantas dificuldades na cidade por causa dos ataques? Assim, ao retirar a sensatez das ações governamentais, o discurso do programa promove ainda mais a insegurança no telespectador.

A passionalização do discurso telejornalístico continua com a mudança de cena para uma transmissão em *tempo real* de uma operação policial nas ruas da cidade. A escolha da transmissão ao vivo de imagens aéreas da polícia nas ruas da cidade é feita em detrimento à transmissão de reportagens com conteúdo mais explicativo sobre o que acontecia em São Paulo. O apresentador informa, em *voice-over* sobre o som das hélices do helicóptero, que a polícia está operando em toda a cidade. Tal fato adquire caráter amedrontador quando Nascimento destaca a função da operação: viaturas da polícia militar estão perseguindo automóveis suspeitos e procurando encontrar criminosos do PCC. Se outra narrativa fosse construída, enfocando os esforços da polícia em assegurar a tranquilidade para a população, a presença das viaturas nas ruas poderia ser confortante para o telespectador. Somente após a transmissão ao vivo é inserida uma reportagem em VT, com trechos da entrevista coletiva do Ministro da Segurança Pública reforçando a oferta de apoio militar e tático ao Governo do Estado. Após os trechos da coletiva do ministro e do governador, o tema da violência sofre um relaxamento. Com uma repórter em Brasília, Nascimento reflete sobre as questões políticas que envolvem a recusa da ajuda federal: por ser o governo federal de oposição à gestão paulista, uma ajuda aceita naquele instante poderia se transformar em gesto de fraqueza a ser usado durante as eleições para governador e presidente no fim do ano. Como essa questão é apresentada como uma interpretação dos fatos por Nascimento, ela adquire um tom de menor gravidade, tornando-se assim um “respiro” na tensionalização do medo no telejornal. O medo retorna ao discurso do telejornal quando o apresentador conversa em *tempo real* com um repórter em externa sobre os motivos alegados pelo jornalista para a diminuição

e que escutas telefônicas captaram ordens de criminosos para interrupção dos ataques. Nascimento então destaca as evidências de que o Estado e a polícia não venceram a guerra, mas foi feito um acordo entre autoridades e criminosos, que “estão de trás das grades dando ordens”. Ele direciona a conversa com o jornalista em externa para ressaltar atitudes que demonstram a fragilidade da situação: as autoridades não resolve

CAPÍTULO 3: A construção do “ao vivo” nas transmissões de 15 de maio

3.1 Estratégias textuais em tempo presente

Este capítulo tem por objetivo realizar uma análise textual descritiva e interpretativa dos textos constituídos pelas transmissões telejornalísticas diretas selecionadas nessa pesquisa, ou seja, aquelas em *tempo real* e em outras configurações temporais que simulam a particularidade do “ao vivo”, conseqüentemente causadoras do efeito de *tempo presente*²⁰. Nosso *corpus* está constituído, como já dissemos, pelas transmissões que trazem notícias sobre os ataques do PCC à cidade de São Paulo em 15 de maio de 2006. Utilizaremos os estudos realizados por Becker sobre a linguagem do telejornal, e os estudos da semiótica discursiva. Levantaremos as marcas textuais das notícias que mostram características de transmissão direta, e analisaremos como elas foram trabalhadas nesses textos. Com esses esforços temos os objetivos de entender como são constituídos os textos em *tempo real*, como se estabelece o contrato comunicativo entre enunciador e enunciatários das transmissões, bem como as estratégias textuais de cada emissora.

Beatriz Becker, doutora em comunicação pela UFRJ e professora da mesma instituição, ao realizar um estudo sobre a cobertura telejornalística da comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil, elencou onze princípios de enunciação contidos na linguagem do telejornal: relaxação, ubiquidade, imediatismo, neutralidade, objetividade, fragmentação, timing, comercialização, definição de identidade e de valores, dramatização, espetacularização (BECKER, 2005:35). A pesquisadora explicou, ao longo de sua obra, os princípios acima relatados, e de alguns deles trazemos mais detalhes a seguir:

- O efeito de relaxação é o esforço realizado pelo telejornal para manter o interesse do espectador durante toda a narração do programa, mesmo

²⁰ No primeiro capítulo definimos que todas as configurações temporais trabalhadas na narrativa televisual, elencadas por Brito como *tempo real*, *tempo atual*, *tempo real virtualizado* e *tempo atual virtualizado*, buscam causar o efeito de tempo presente mencionado por Machado.

com os intervalos e a fragmentação dos enunciados. Produz-se a fragmentação de cenas, com tomadas curtas e intercaladas, para manter a atenção do espectador voltada para a transmissão. Ao mesmo tempo, a respiração do repórter, assim como a sua dicção e o ritmo em que fala a notícia também estão articulados para prender a atenção do espectador;

- Ubiquidade é a sensação de onipresença promovida pela “multiplicidade de olhares, pela variedade de fontes de imagens – filmes, tapes e retransmissão direta”, oferecendo ao espectador a sensação de que pode ver tudo, está em todo o lugar e nada ficará de fora (ibid.: 76). A transmissão ao vivo, por sinal, seria capaz de produzir um efeito de “ubiquidade instantânea”, em que “o telespectador vivencia um suspense real, já que tudo passa a ser imprevisível, e o fato ganha ainda mais importância e conteúdo” (ibid.);

- Em relação à dramatização, Becker destaca esse efeito como um princípio enunciativo dos telejornais em que “a natureza ficcional do telejornal envolve emocionalmente o telespectador, como uma montagem, cujos procedimentos são semelhantes aos da ficção.” Aqui vemos novamente como o medo cumpre papel importante ao transformar o fato em notícia, uma ação que envolve a ficcionalização do acontecimento;

- Imediatismo é o esforço em transmitir a sensação de que o fato ocorre no momento da emissão da notícia, mesmo que a transmissão seja de algo gravado, construída a partir de localizadores lingüísticos (este, aqui, neste momento, de lá, ao vivo, olha aqui);

- Com a categoria “ritmo do telejornal”, Becker refere-se à apresentação das notícias de assuntos diversos em cadeia. E definiu o timing analisado como curto, que convida a um passeio rápido pelo Brasil e pelo mundo, por meio de um processo de hierarquização dos acontecimentos:

Para o telespectador, as freqüentes mudanças no tempo da narrativa promovem, especialmente, a sensação de que o noticiário está ligado o tempo todo nos acontecimentos do Brasil e do mundo; nada escapa ao seu olhar (ibid.: 84).

notícia e seus contornos; são os representantes dos enunciadores do discurso²¹. De outro lado há o espectador, que está na condição de receptor do discurso e pode ser estudado a partir de sua posição construída no próprio texto, isto é, uma função de discurso construída a partir de contratos enunciativos específicos, função dita enunciatória. O enunciatário é um simulacro do espectador estruturalmente construído no texto. Por fim, devemos ressaltar a importância do sujeito de quem se fala na notícia, o entrevistado, a testemunha do acontecimento, a própria vítima ou realizador da ação, que, dentro da narrativa criada pelo enunciatário, deverá ressaltar o contrato comunicativo estabelecido entre todos os envolvidos.

Por meio das análises semióticas Hernandes realizou uma análise profunda dos maiores noticiários brasileiros: a rádio CBN, o jornal impresso *Folha de São Paulo* e a revista *Veja*, o telejornal *Jornal Nacional* e o site de notícias do portal UOL. Sua questão primordial era: como os jornais obtêm atenção e fazem laços com o público? A partir daí o autor esmerou-se em estudar o que chamou de “gerenciamento do nível de atenção”, que mostrou “truques” que os mediadores de comunicação utilizam para apresentar opiniões particulares como fatos que devem ser partilhados, cujo propósito maior é obter e manter laços com a audiência (HERNANDES, 2006: 10). E justifica:

Estudar o gerenciamento do nível de atenção serve também para estabelecer princípios de organização e funcionamento dos principais jornais, integrando discussões e preocupações que aparecem dispersas em outros métodos de investigação (ibid.: 11).

Em seu livro *A mídia e seus truques*, Hernandes especifica algumas dessas estratégias realizadas pelos meios de comunicação informativos para atrair a atenção do público. Considera efeitos de objetividade aquelas regras para construção de uma notícia objetiva determinadas por autores de manuais de estilo de redação: depoimentos de terceiros devem ficar entre aspas, opiniões não

²¹ Para realizarmos a pesquisa, baseamo-nos nas definições de Fiorin para considerarmos discurso como uma prática social de construção de textos, em que levamos em conta o contexto social e histórico de sua produção para a análise.

devem surgir com obviedade e utilização da terceira pessoa no intuito de que os fatos surjam como se o próprio leitor tivesse tomado contato com eles. As imagens servem como uma “prova” do que foi dito e todos os lados devem parecer ter sido ouvidos. (ibid.: 29). “A objetividade [...] comum a todos os noticiários aqui analisados é uma estratégia de construção do discurso que instaura um efeito de sentido de adequação ao real” (ibid.: 31). O pesquisador levantou a existência dos efeitos de neutralidade: a ausência do “eu” no texto e a criação e definição, por parte dos profissionais de jornalismo, de três tipos de textos de notícia: textos objetivos ou factuais, interpretativos, e opinativos, numa divisão que não possui fundamento empírico, mas que serve para categorizar a proximidade com que os autores do texto, os enunciadores, se apresentarão (ibid.: 35). Assim obtém-se o gerenciamento do nível de atenção, a partir da estratégia principal de persuasão: definindo os sujeitos do fato no texto e os modos pelos quais eles se relacionam, buscando atrair a atenção e aguçar a curiosidade a partir de estratégias de arrebatamento e de sustentação, causando uma proximidade temporal que se relaciona ao efeito de atualidade, uma proximidade espacial com os atores e o lugar da notícia que promove a empatia com o texto, ou através da proximidade imposta, que pode ser percebida na matéria sensacionalista (ibid.: 37-88 passim).

3.2 As transmissões ao vivo sobre os ataques na TV Globo

Para iniciarmos nossa análise sobre as transmissões diretas dos ataques do PCC, precisamos situar as transmissões dentro de uma seqüência de acontecimentos que se transformaram em notícia nos meios de comunicação. Em 15 de maio de 2006, reportagens sobre ataques de bandidos – de início não identificados como a organização criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) – na cidade de São Paulo, foram transmitidas em telejornais e boletins extraordinários nas TVs abertas brasileiras.

Apesar de não mostrarem imagens dos ataques em si, as cenas indicaram o que acontecia na capital paulista em conseqüência dos ataques, como

ônibus incendiados em diversos pontos da cidade e delegacias com janelas quebradas em tiroteios com os bandidos.

Durante aquela segunda-feira, a TV Globo transmitiu “ao vivo” de São Paulo durante os telejornais *Bom Dia São Paulo*, *Bom Dia Brasil*, em boletins dentro do programa *Mais Você* de Ana Maria Braga, no *SPTV 1ª* e *2ª* Edições, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*. Houve ainda inserções no boletim *Globo Notícia* e durante os intervalos da *Sessão da Tarde*. Para a análise selecionamos os boletins matutinos do programa *SPTV* e do *Globo Notícia*.

3.2.1 Os boletins do SPTV

O telejornal local da TV Globo produziu e transmitiu três boletins extraordinários. Cada transmissão era iniciada com a entrada do programa *SPTV*, a vinheta gráfica e a música do telejornal, antecipando o que seria a notícia do programa naquela segunda-feira. A primeira transmissão apresentou o repórter Fábio Turci no terminal de ônibus de Santo Amaro, durou 40 segundos e mostrou imagens capturadas naquela manhã no Largo 13. De acordo com as definições de Brito, foi iniciada já como uma transmissão em tempo atual, em que o repórter entra em cena com o logotipo, ou legenda gráfica de “ao vivo”, mas traz informações que ocorreram em um momento passado, com o auxílio de cenas gravadas. O repórter começava a reportagem com o semblante bem sério, enfocando a confusão causada pela ausência dos ônibus:

Manhã de muita confusão no transporte coletivo em São Paulo. Das nove empresas de ônibus que operam na Zona Sul, seis não estão funcionando, e os quatro terminais dessa região, também estão fechados, como o Santo Amaro, por exemplo. Tudo isso porque desde a noite de ontem, 65 ônibus foram incendiados na Grande São Paulo, e as empresas agora tentam se precaver contra novos atos de vandalismo. A população se vira como pode, e tenta a pé, encontrar alguma solução. A cobertura completa no *SPTV 1ª* Edição, logo após o anúncio de convocação da Seleção Brasileira.

Durante essa transmissão três imagens foram utilizadas: a primeira apresenta o repórter em frente do terminal de ônibus fechado, com a legenda gráfica de “ao vivo” inserida no canto direito inferior da tela. Como o terminal estava fechado, não havia movimento de pessoas ou carros no local. A ausência de movimento no terminal indicava algo fora da rotina. Quando o repórter menciona os ataques ocorridos na noite anterior, a cena muda para um ônibus incendiado àquela noite. Não houve informação sobre a localização do ônibus, a qual empresa do consórcio público o veículo pertencia, se o ônibus estava com passageiros ou estacionado e vazio. A cena mostra em close as cinzas e resquícios do veículo destruído numa noite escura. Da cena do ônibus incendiado, enquanto a fala do repórter comenta como a população está “se virando” para ir ao trabalho, entra uma tomada aérea sobre o Largo 13, mostrando pontos de ônibus e esquinas lotados, pessoas caminhando nas ruas entre carros e pontos de vans. Essa terceira cena não apresenta legenda de “ao vivo”, o que corrobora com a definição da configuração de *tempo atual*, de uma tomada gravada, provavelmente relativa a instantes antes da transmissão naquela manhã. Nela culmina a seqüência de construção do sentido de “muita confusão” naquela manhã, de acordo com o discurso do repórter: na primeira tomada não havia confusão, apenas o terminal vazio. Na segunda foi mostrado o que seria a causa, o ônibus incendiado. E na terceira tomada a aglomeração de pessoas aponta a confusão mencionada pelo repórter.

A segunda transmissão, cuja duração foi novamente de 40 segundos, também foi realizada antes da convocação da CBF sobre a seleção brasileira para a Copa do Mundo. Essa transmissão em *tempo atual* apresentava uma seqüência maior de imagens “ao vivo” do trânsito no Largo 13, capturadas pelo helicóptero da TV Globo, além de outras, gravadas, de ônibus em fogo, já destruídos, e também sendo apagados por bombeiros. O jornalista retorna o enfoque na confusão causada pela ausência de coletivos públicos nas ruas da cidade:

Continua muito difícil²² a situação das pessoas que precisam de transporte coletivo [...] Tudo porque durante a madrugada ... 65

²² Todo grifo no texto das falas dos apresentadores e repórteres dos telejornais citados é nosso.

ônibus foram incendiados. Muita gente lotou os pontos de ônibus pela manhã e acabou também ocupando as calçadas e as faixas de rolamento.

Nessa transmissão extraordinária do *SPTV*, a primeira imagem é uma tomada aérea “ao vivo” do Largo 13, desta vez mais aberta, mostrando não somente as calçadas repletas de transeuntes, mas também as ruas com carros circulando lentamente, ao redor de uma grande igreja na região. Essa primeira cena já ilustra a confusão relatada pelo repórter no helicóptero. Nesse relato as notícias sobre os ônibus recolhidos pelas empresas produzem uma sensação de gravidade: se na primeira transmissão seis de nove empresas haviam suspendido o serviço, agora é dito que todas as empresas de transporte público da zona sul estão paradas, inclusive algumas da zona norte. Há enfoque também para os terminais: “todos os terminais da zona sul estão fechados”. Quando o repórter explica o motivo da suspensão da circulação de ônibus na cidade, a cena muda para imagens gravadas de um ônibus pegando fogo à noite, fundindo-se com a imagem de um veículo já destruído pelo incêndio, em tomada aérea que se abre para mostrar como o veículo interrompe completamente o trânsito na rua em que se encontra. A imagem se funde novamente para mostrar a cena de mais um ônibus incendiado, todas essas três imagens não possuindo nenhuma informação sobre o ataque em si, nem sobre a localização precisa dos ônibus, ou se houve feridos. A cena retorna para a tomada aérea do Largo 13, com a legenda gráfica de “ao vivo”. É importante notar que a imagem é na verdade a mesma tomada aérea sobre o Largo 13 da primeira transmissão extraordinária do *SPTV*: pode-se conferir que são as mesmas pessoas nos mesmos pontos da rua e aparece um veículo de transmissão de televisão, no qual a pessoa permanece sentada exatamente na mesma posição, o que revela que a última cena da transmissão ao vivo não é “ao vivo”, e sim uma configuração de *tempo real virtualizado*. Isso não é mencionado pelo repórter.²³

²³ Essas transmissões podem ser conferidas no arquivo de Plantão SPTV. Todas as três transmissões foram unidas na gravação, mas pode-se identificar o fim de cada uma delas pela chamada do repórter sobre mais informações no SPTV. A primeira cena está aos 0:28 minuto da transmissão, e a segunda aos 1:20 minuto. Note que o caminho realizado pela câmera apresenta



Figura 6. As duas cenas transmitidas pela TV Globo nos Plantões do SPTV: a primeira à esquerda foi transmitida anteriormente à segunda, e somente a segunda à direita contém o logotipo de “ao vivo”.

A terceira transmissão é mais curta, tem 25 segundos e mostra apenas uma tomada aérea de um ônibus incendiado, com um texto que repete as mesmas informações passadas anteriormente:

Este é um dos 65 ônibus que foram incendiados desde ontem em São Paulo. Por isso as empresas que operam na zona sul de São Paulo, empresas de transporte coletivo, decidiram recolher os coletivos, 4100 ônibus que deveriam estar circulando neste horário foram levados para a garagem. As informações da Grande São Paulo você vai ver logo mais no SPTV, que começa depois do anúncio da convocação da Seleção Brasileira.

A cena dá destaque ao ônibus incendiado, abandonado no meio da pista. A legenda indica que é ainda o Largo 13, e o logotipo de “ao vivo” busca construir uma concomitância com o acontecido, através do efeito de *tempo real*. Há pouquíssimos carros no cruzamento filmado, e eles precisam manobrar devido ao impasse do ônibus incendiado. O texto do repórter também não traz novidades: ele apenas re-apresenta a situação, numa espécie de reforço da condição de confusão na cidade devido os ataques do PCC. Por ser mais curta e por ter apenas uma tomada que é em *tempo real*, essa transmissão se afasta do quadro

os mesmos elementos: uma van/mini-estação transmissora, os carros, as barracas de camelô e os transeuntes são os mesmos.

clássico do telejornal, já que não há a aparição de apresentadores, nem imagens gravadas para colaborar na construção de uma história a ser apresentada. Essa inserção ao vivo apega-se à definição clássica de transmissão “ao vivo”.

Percebe-se que todas as três transmissões mencionam o anúncio da seleção brasileira convocada para a Copa do Mundo da Alemanha. Dessa maneira os plantões aqui referidos conseguem não somente informar sobre a situação dos ataques do PCC, mas também sobre outra informação sobre a qual existe expectativa naquele momento: a escalação realizada pelo técnico Parreira dos jogadores de futebol. Na realidade, devido à série de ataques, a notícia sobre a seleção brasileira acabou não sendo apresentada no telejornal *SPTV 1ª Edição*.

A produção de três boletins extraordinários sobre os ataques do PCC levou à construção de um efeito de urgência. Os três tiveram poucas cenas ao vivo, nenhuma de algum ataque do PCC, e focaram a confusão causada pela ausência de transporte coletivo na cidade. Esse sentido de confusão produzido ao longo das três transmissões reflete o princípio de enunciação da dramatização de Becker, na criação de uma narrativa cujo envolvimento se dá pela emoção, no caso o medo. As inserções em *tempo real* colaboram com os princípios da ubiqüidade e imediatismo, a sensação de onipresença do enunciatário televisual, aos quais se adicionam a objetividade e a definição de identidade e valores. No entanto, além do tom de seriedade dos locutores e da força das imagens gravadas dos ônibus incendiados, o que cria mais intensamente o sentimento de urgência é justamente a interrupção da programação convencional da rede, em três momentos, em um horário que abriga um programa de variedades feminino e outro de dramaturgia infantil baseado no folclore brasileiro.

Há estudos que analisam a interrupção da programação convencional da rede. Yvana Fachine de Brito, por exemplo, destaca a descrição de dois modos de recepção da televisão, levantados originalmente por John Ellis como “estados limites dentro de uma pluralidade de formas intermediárias de fruição da TV” (ELLIS apud BRITO, 2003: 97). De um lado há o regime do olhar, e de outro o regime da olhadela. No primeiro regime de recepção o espectador confere ao meio uma grande atenção, e “é completamente absorvido pelo que vê na tv.”

(BRITO, 2003: 97). Sua atenção se volta para um programa específico, que está sendo transmitido. Já no regime da olhadela, a atenção do espectador é dividida entre o fluxo televisual, ou seja, os programas transmitidos sem uma seleção profunda, e outras atividades que o espectador esteja realizando. Ele liga o aparelho de TV para “acompanhá-lo” em seu cotidiano. Dessa maneira, o regime da olhadela é um regime de hábito, que Brito vê como uma produção de sentidos diferente do regime do olhar, uma vez que o importante é o

[...] sentido que se identifica com a reiteração do próprio contato do sujeito com sua programação; enfim, um sentido que se instaura no e pelo próprio hábito de assistir à televisão em determinadas situações e circunstâncias (ibid.).

O hábito de ligar a TV “para passar o tempo, esvaziar a cabeça ou não pensar em nada”, já sugere novos questionamentos a respeito da experiência dessa sensação, que a semiótica discursiva ajuda a investigar. Inicialmente pensamos nessa divisão de regimes para apontar um momento de “ruptura” no cotidiano do telespectador quando as transmissões telejornalísticas interrompem a programação convencional da televisão, transformando o modo de “fruição” televisual do receptor, do regime da olhadela para o regime do olhar.

3.2.2 Os plantões *Globo Notícia*

O boletim especial *Globo Notícia*, que vai ao ar às 9:30h, entre o programa *Mais Você* e o *Sítio do Pica-pau Amarelo*, é uma espécie de informativo fixo da rede, intermediário, pois é apresentado depois do *Bom Dia Brasil* e antes do telejornal local, e se diferencia dos boletins extraordinários do *SPTV* pelo seu alcance nacional e principalmente pelo fato de que faz parte da grade de programas da rede. Ao ser inserido no fluxo televisual, a força de ruptura no cotidiano da grade e captura da atenção do espectador é mais limitada, apesar da música de ritmo acelerado, que lembra vagamente o conhecido tema do plantão do *Jornal Nacional*, caracterizando com a ajuda do *timing* um esforço para criar o

aviso de que mais atenção deve ser demovida ao aparelho televisor naquele instante.

Ao iniciar a apresentação, a jornalista se apresenta em uma redação de jornalismo, no canto direito da tela, atrás de um púlpito onde sobressaem elementos transparentes e o seu computador portátil, e ao lado da tela onde imagens ao vivo são projetadas. A presença do púlpito remete a um elemento arquitetônico com origem nas igrejas medievais européias, onde era lido o evangelho. O púlpito não era o altar, ele ficava na lateral da nave, e a pessoa nele presente era um representante do povo com o privilégio e a autoridade para falar dentro da igreja. Essa pessoa praticava a oratória, a arte de falar publicamente. Essa utilização do púlpito pela jornalista Sandra Annenberg constrói um efeito de sentido de respaldo, de fala autorizada (Figura 7).



Figura 7: Cenário do boletim de notícias *Globo Notícia*.

A agenda do Globo Notícias do dia 15 de maio concentrou-se no tema dos ataques em São Paulo. Sandra Annenberg entrava em contato com jornalistas em diferentes pontos do estado de São Paulo e até mesmo de outros estados - Mato Grosso do Sul e Paraná. Os textos falados pela jornalista construíram e disseminaram o efeito de sensação de insegurança, aliado aos princípios enunciativos de imediatismo e ubiqüidade mencionado por Becker:

Bom dia, o Globo notícias está no ar. Manhã de caos em São Paulo. Depois de um fim de semana de violência, a população acordou sem ônibus para ir ao trabalho. Vamos direto ao Globocop saber como está a maior capital do Brasil neste momento, Marco Antonio Sabino?

- Sandra este é um dos terminais de ônibus da zona sul de São Paulo. Todos continuam fechados. As empresas de ônibus que atuam nessa região decidiram recolher das garagens cerca de 4

identificada em que se vê alguns carros em movimento, uma rua que, dadas suas características, poderia ser de qualquer cidade do interior do estado: mão dupla, apenas duas faixas, alguns prédios baixos ao redor, cuja arquitetura não se destaca, árvores na linha do horizonte. Não há pessoas em volta, nenhum entrevistado. Esse efeito de ubiquidade se relaciona com a empatia espacial: a figura do repórter da TV Globo está cada vez mais próxima do espectador, ao caminhar das tomadas aéreas para as ruas, tanto na capital quanto nas cidades do interior.

Após o enfoque na cidade de São Paulo e as informações do interior do estado, a apresentadora do boletim resgata o poder de voz e o entrega para uma jornalista em Brasília, em frente ao palácio do Planalto, que fala sobre as medidas que o Governo pretende tomar sobre os ataques. Nessa transferência do poder de voz, a apresentadora do boletim fala rapidamente e utiliza termos coloquiais, que aproximam o espectador da emissora nessa corrida por informações ao redor do país – “pra’ ao invés de “para”. A repórter de Brasília informa “ao vivo” que o presidente Lula vai se encontrar com outras autoridades para decidir o que fazer. Não há entrevistados ou cenas gravadas das autoridades. Sua presença em Brasília demonstra o esforço da TV Globo em mostrar-se presente tanto onde os fatos ocorrem como onde eles devem ser repercutidos e onde poderão ser tomadas decisões pelo Estado.

Ainda há uma inserção “ao vivo” de Mato Grosso do Sul, sobre uma rebelião de presos, com destaque no texto para um rebelado que foi decapitado. A apresentadora inicia a matéria com uma nota simples, passando para o jornalista de Campo Grande. Annenberg retorna para informar a situação de rebeliões em dois presídios do Paraná, dessa vez uma nota “pelada”, sem inserções “ao vivo” ou gravadas. As notícias apresentadas pelo boletim enfocavam a situação de descontrole das rebeliões nos presídios, em que a polícia estava ausente em alguns dos presídios, e re-iniciando as negociações com os presos. Houve destaques para situações dramáticas, que promovem a espetacularização do noticiário pela imposição de um conteúdo “pesado”, capaz de chocar, aumentando a atenção: a decapitação de um rebelado e um preso que pulou do telhado.

Toda a transmissão deste boletim fixo da TV Globo produz um sentido de urgência e de insegurança equivalentes aos boletins extraordinários do *SPTV*. As informações não são mais atualizadas, estão apenas sistematizadas e organizadas para serem transmitidas, dessa vez em rede nacional. Assim, podemos identificar o esforço da produção telejornalística da TV Globo em mostrar os resquícios mais recentes dos ataques na cidade de São Paulo, sua conseqüência mais direta em toda a população, no caso a ausência de transporte coletivo, bem como as possíveis repercussões no governo federal, de interesse para todo o país, a respeito dos ataques. Por fim, a transmissão levanta a questão da abrangência dos ataques, levando o espectador a acompanhar fatos relacionados no Mato Grosso do Sul e no Paraná.

Além da produção de sensações insegurança e urgência, há também um efeito de presença, baseado na empatia espacial, quando o espectador sente-se próximo do que está acontecendo devido à natureza instantânea da transmissão do fato. Uma sensação que é auxiliada pela quebra do cotidiano da programação televisual e outras estratégias, como planos aproximados de pessoas entrevistadas, escolha de locações, etc. À medida que essa transmissão se afasta ou se aproxima do momento da ocorrência dos fatos, configura tempos diferentes de transmissão direta.

Verificamos também que a seqüência de imagens criada pela produção jornalística da Rede Globo serve para construir um efeito de sentido de história a ser acompanhada, de narratividade. Ou seja, durante a transmissão das notícias, as imagens foram utilizadas para, junto ao texto dos repórteres e apresentadores, construir uma linearidade explicativa dos fatos, em que passa despercebida aos olhos do espectador a intencionalidade dos produtores da notícia ao contarem essa história. Como vimos nos capítulos anteriores, um evento ocorrido pode gerar inúmeros caminhos, notícias e narrativas que são selecionadas pelos *broadcasters* para manter uma linearidade óbvia e verossímil. São os nexos de compreensão, referidos por Eco, cômodos para a vida cotidiana (ECO, 1993: 199), mas que impedem reflexões alternativas, ou até mesmo contrárias, às apresentadas na narrativa. O efeito de narratividade vem antes do

princípio de dramatização mencionado por Becker, pois o segundo (a dramatização) pressupõe um envolvimento emocional com o telespectador graças à apresentação da reportagem. Um outro princípio de enunciação de Becker, a ubiqüidade, está presente nas transmissões da TV Globo, principalmente ao apresentar informações ao vivo não somente da cidade atacada, mas do interior do estado, de outros estados e da capital brasileira. Isso porque a ubiqüidade seria a sensação de que a produção telejornalística está presente em todos os lugares, acompanhando todos os fatos relacionados ao acontecimento. Todo o conhecimento enquadrado na apresentação das notícias durante os boletins extraordinários do programa local *SPTV* foram aproveitados para a apresentação do boletim fixo *Globo Notícia* em rede nacional. Mesmo que não apresentassem atualizações dos fatos ou correções de dados apresentados prematuramente, colaboram entre si para a construção de efeitos de sentido de urgência, insegurança e ubiqüidade no espectador.

3.3 Os plantões extraordinários do SBT

O Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT, é conhecido pelo seu desapego a uma grade de programação estável ou solidificada. A mudança nos horários dos programas, e até mesmo a retirada de séries ficcionais e shows de auditório ou entrevistas sem nenhum aviso prévio, é realizada de maneira freqüente pela emissora de Silvio Santos.²⁴ Esse fato colaboraria para o sentimento de descrédito do espectador em relação a uma notícia transmitida em caráter de plantão extraordinário, com transmissão direta, já que o efeito de quebra do cotidiano, que chama a atenção pelo que vem de “fora da rotina” não se consolida em uma programação em constante mudança, ao contrário de uma grade “engessada” como a da TV Globo. Ocorre que o SBT tem nos últimos dois

²⁴ A coluna de notícias sobre televisão OOOPS acompanha as mudanças da programação no SBT: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ooops/ult340u1059.shtml>. Acesso em 29/11/06.

anos investido pesadamente na aquisição de profissionais de jornalismo já conhecidos e de confiança pela população brasileira, como Carlos Nascimento, Ana Paula Padrão, Hermano Henning, etc. A contratação desses profissionais encabeça um esforço de atingir a parcela da audiência interessada em consumir notícias, que também é considerada pelas empresas de pesquisas como a faixa responsável pelas decisões de compras nas casas dos espectadores. Preocupado em trazer uma audiência consumidora para seus programas, Silvio Santos abriu as portas para uma equipe bem conceituada de profissionais, ávida por realizar um jornalismo abrangente e livre das amarras que pudessem existir nas emissoras em que antes trabalhavam, como a Globo.²⁵

O diretor do departamento de jornalismo do SBT é Luiz Gonzaga Mineiro, e o chefe de redação é o professor de Técnicas de Redação do curso de jornalismo da PUC SP Marcos Cripa. Os telejornais de rede são o *SBT Brasil*, apresentado Ana Paula Padrão, o *Jornal do SBT ed. Manhã* apresentado por Hermano Henning e o *Jornal do SBT ed. Noite* de Carlos Nascimento. Na segunda feira, dia 15 de maio de 2006, o departamento de jornalismo do SBT entrou no ar à tarde para anunciar novos ataques à cidade de São Paulo e suas conseqüências, como o fechamento de escolas, comércio e o trânsito complicado, durante a transmissão dos programas *Casos de Família* e *Charme*, previstos na grade. Os programas vespertinos do SBT são voltados para o público feminino adulto, começando por reprises de novelas mexicanas. *Casos de Família* trata de questões familiares, explorando com sensacionalismo os problemas de famílias que apresentam suas dificuldades a uma platéia opinativa, baseado em programas como *Geraldo* ou *Márcia*. *Charme* é o programa de auditório de Adriane Galisteu, que traz novidades e celebridades da televisão para conversas

²⁵ Uma reportagem do Portal Imprensa em outubro de 2005 sobre os investimentos das emissoras em jornalismo com depoimentos dos responsáveis pelos departamentos de mídia dos canais (http://portalimprensa.uol.com.br/mapadamidia/206_materia.asp) destaca o momento de investimento no gênero jornalismo visando as possibilidades de retorno financeiro. Em uma entrevista realizada ao jornal Folha de São Paulo no início de 2006, o jornalista Carlos Nascimento critica a sisudez comum nos âncoras de TV: <http://www1.folha.uol.com.br/folha.shtml>. Outra nota na Internet anunciando as mudanças realizadas pelo departamento de jornalismo do SBT: http://jc.uol.com.br/tvjornal/2005/08/11/not_83123.php

informais em um sofá, no estilo de Hebe Camargo. Os boletins extraordinários começaram a partir das 16h, ainda antes do programa *Casos de Família*, e foram até às 19h antes do programa especial *São Paulo Contra o Crime*, em um total de dez inserções extraordinárias²⁶. Na manhã de terça-feira, 16 de maio, houve seis inserções extraordinárias, mesmo com a queda no número de acontecimentos.

Analisando os plantões extraordinários realizados pelo SBT e também os plantões da TV Globo inseridos em sua programação²⁷ verificamos que a característica mais determinante deste tipo de inserção telejornalística é a quebra da rotina, a interferência nos hábitos cotidianos do telespectador ao se relacionar com o meio televisual, presentificando um sentimento de urgência por parte da equipe da emissora que por sua vez é transferido para o receptor da notícia. O objetivo é aumentar a audiência, convocando-a para uma notícia de extrema importância, como a morte de uma figura pública, ou decisões políticas de grande impacto na história do país, como ocorreu, por exemplo, na época da morte do senador Ulisses Guimarães, ou da votação de *impeachment* do então presidente da república Fernando Collor de Mello. Ao ser narrada ao mesmo tempo em que acontece, a notícia transmitida em caráter de plantão extraordinário sugere ao destinatário da audiência a necessidade de manter-se sempre conectado à transmissão, à espera de uma solução, um final para a história que se desenrola. Há um conjunto de estratégias discursivas de que a equipe de produção do telejornal dispõe para produzir no telespectador uma diferenciação entre o regime do olhar e o regime da olhadela trabalhados por Brito. Essa mudança de regime se manifesta pela inserção não esperada do programa no fluxo televisual e pelas ações realizadas por repórteres e apresentadores durante o telejornal. Como exemplo, pode-se mencionar a fala dos repórteres em tom de urgência e a seriedade maior que o tom convencional (aqui não há espaço para pequenas tiradas ou conversas amenas e bem humoradas entre jornalistas, típicas de

²⁶ Realizamos no dia 23 de junho de 2006 uma visita ao departamento de jornalismo do SBT para conferir o material disponível em estúdio, ainda nas fitas de back-up, onde conferimos cada plantão extraordinário e sua duração.

²⁷ Lembramos que os plantões da TV Globo analisados nessa pesquisa são inserções fixas na grade de programas da rede; acontecem todos os dias como uma “prévia” do que será apresentado nos jornais da tarde. Por isso não os consideramos “extraordinários”.

matérias transmitidas em horário vespertino), a presença de outras vozes no estúdio e em externas (de repórteres especializados como Cesar Galvão), a transmissão de entrevistas com figuras conhecidas tais como políticos da região e profissionais envolvidos no acontecimento em *tempo real*, realizadas no local em que os acontecimentos se deram.

Nesse contexto da quebra de rotina da audiência televisual, podemos constatar a existência de três variações de plantão extraordinário, que se alteram à medida que apresentam recursos de ordem tecnológica e produtiva que causam uma maior sensação de proximidade e concomitância no espectador em relação ao fato narrado. A primeira variação de plantão extraordinário é mais simples, a apresentação da notícia por um profissional da televisão em estúdio, lendo as informações passadas através de um material impresso ou pelo *teleprompter*. Carece de imagens disponíveis para a transmissão, e os dados passados pelo apresentador são poucos e imprecisos. À medida que o tempo do acontecimento se distancia da transmissão do plantão, mais recursos de produção e esforços dos profissionais envolvidos são dispensados para a cobertura do acontecimento, surgindo assim mais material para a produção da notícia, o que favorece a categorização de uma nova modalidade de plantão extraordinário, oferecendo imagens externas do ocorrido, ainda que gravadas, talvez até mesmo pertencentes a bancos de imagens. A última categoria de plantão extraordinário apresenta recursos televisuais mais avançados para a produção da notícia: às transmissões em estúdio do apresentador somam-se transmissões em *tempo real* a partir local do fato ocorrido, com possíveis depoimentos de testemunhas e entrevistas com profissionais de áreas relacionadas ao fato em estúdio e cenas externas. Esses recursos se fazem disponíveis e principalmente são de extrema importância para a construção do sentido de concomitância e do sentido de presença em relação ao fato ocorrido, uma vez que esse plantão já não se refere à novidade do fato em si, mas às informações adicionais que alimentam a

curiosidade estabelecida no telespectador a partir das variações de plantões anteriores²⁸.

A primeira inserção extraordinária do SBT sobre os ataques na cidade foi realizada durante a transmissão da novela mexicana *Cristal*, às 16 horas. A novela, assim como os programas posteriores a ela que complementam a grade vespertina do canal, *Casos de Família* e *Charme*, faz parte de um conjunto de programas voltados para a dona de casa, um grupo de audiência representado por mulheres adultas que tomam conta do lar e/ou da família, e que ao realizar suas tarefas deixam a TV ligada para acompanhar o que é transmitido. Esse acompanhamento do que se passa na tevê caracteriza o regime de olhadela mencionado por Brito, em que se deixa a televisão ligada, para dela “fruir” uma sensação de presença que a transmissão televisual é capaz de produzir (BRITO, 2003:97).

O boletim extraordinário apresenta uma vinheta de abertura, que se repete no fechamento da transmissão, produzida com efeitos gráficos visuais. As imagens mostram cenas do cotidiano de uma sala de edição de matérias, nas quais profissionais usam a mesa de edição para corte, seleção e melhoramento de imagens. Essas imagens fundem-se ao centro da tela e são “engolidas” pelo microfone do SBT, que, voando sobre um globo estilizado em meridianos e paralelos, emite ondas radiais, como uma antena. Essa vinheta personifica os esforços da equipe do departamento de jornalismo em trabalhar o fato e produzir a notícia, para que essa possa ser transmitida a todos os lugares em *tempo real*, representada pelas ondas de rádio. O microfone da emissora, por sua vez pressupõe a figura do repórter que fala através desse instrumento: o microfone é o próprio SBT. A presença do microfone sobre o globo sugere a abrangência da

²⁸ Baseamos essas constatações a partir dos plantões realizados pela TV Globo e pelo canal de notícias Globo News a respeito do acidente do voo 1907 da Gol e o avião da Embraer na Amazônia, em 29 de setembro de 2006. Os primeiros plantões da notícia foram realizados pelas emissoras durante a noite de sexta-feira e a manhã de sábado. As primeiras imagens (gravadas e de arquivo) do local foram apresentadas em boletins na tarde de sábado, e transmissões em *tempo real* direto do local do acidente eram tão difíceis de serem conseguidas que foram realizadas em uma fazenda nas proximidades do acontecimento. Imagens do local do acidente, só aéreas, foram transmitidas a partir da terça-feira 03 de outubro dentro dos telejornais das grades.

transmissão, numa referência lúdica às transmissões via satélite, capaz de atingir todos os espaços.



Figura 8: Seqüência de abertura do boletim do SBT.

Direcionando inicialmente nossa atenção para as marcas visuais do boletim extraordinário, destacamos o cenário onde o apresentador se localiza. Atrás dele há a imagem de um globo estilizado, como se fosse visto por baixo. Há uma estilização do globo, com linhas meridianas e paralelas que se cruzam formando retângulos na mesma proporção da tela de TV, sugerindo a mistura de dois elementos presentes no telejornalismo: a figura do globo terrestre e a tela da TV. É como se o globo fosse construído por telas, o que sugere a importância da mediação do telejornal para o entendimento do mundo (cf. Figura 9).



Figura 9: Cena de abertura do plantão do SBT, com Carlos Nascimento à frente de um globo estilizado.

A legenda gráfica de “ao vivo” aparece no canto superior esquerdo, definindo a configuração de *tempo real*, a mais efetiva na construção de um sentido de proximidade e concomitância, como vimos no primeiro capítulo. Carlos Nascimento surge no chamado plano próximo de câmera, uma configuração que o mostra da região do tórax para cima. O plano próximo é um posicionamento da câmera que promove maior intensidade, foco e afetividade entre o sujeito na tela e o telespectador, de acordo com Nilton Hernandez (2006: 136). No capítulo em que realiza uma análise do *Jornal Nacional*, esse pesquisador abordou diversas definições de planos de câmera baseados no cinema e mapeou os planos da linguagem cinematográfica adaptada para a linguagem do telejornalismo (ibid.). Ele afirma que os planos de câmera simulam um contato entre os emissores e os receptores, um efeito que se desdobra na sensação de intimidade e curiosidade despertada à medida que se aproximam do objeto focado. “Tudo que a câmera traz para perto mobiliza uma dimensão mais afetiva – emocional, passional ou sentimental” (ibid.: 137). E o distanciamento conferido nos planos mais abertos pelos equipamentos tem a função oposta de promover uma observação mais fria de todo o contexto, com menos sentimentos anexados a esse exercício de cognição. Para Hernandez, no plano geral “há um efeito de conjunto. Somos solicitados a fazer relações entre os objetos, as pessoas e o espaço que ocupam” (ibid.: 140). O pesquisador ainda ressalta que existe uma variação de plano do cinema que não é utilizada na televisão, o grande plano geral, onde uma enorme área de ação é apresentada a longa distância. “Na TV, o grande plano geral tem utilização muito limitada. Os detalhes desaparecem na tela pequena.” (ibid.).

ENQUADRAMENTOS E EFEITOS DE CÂMERA			
+ Intensidade + Foco + Afetividade No limite, ressalta o ator e dissolve o espaço		PLANOS <i>Close-up</i> Plano próximo Plano médio Plano americano Plano de conjunto Plano geral	+ Extensidade + Apreensão + Inteligibilidade No limite, ressalta o espaço e dissolve o ator

Tabela 4: Este quadro produzido por Hernandes descreve as possibilidades de produção de sentidos dos planos de câmera, a partir de dois extremos: o *close up* e o plano geral (HERNANDES: 2006, 140).

Hernandes constata que existe uma relação construída entre a narração da notícia e o enquadramento escolhido para cada uma das cenas que a compõem. Como cada plano está conectado a outro, normalmente utiliza-se o plano de conjunto no começo de uma narração para que o espectador possa realizar as relações entre os objetos que compõem a cena de modo que uma tomada em plano médio ou americano aproxime e delimite a atenção do espectador em apenas um objeto da notícia, seja o repórter, a vítima, o entrevistado, etc. Essa estratégia de apreensão da atenção do receptor foi percebida na nossa análise das imagens dos plantões extraordinários do SBT: tomadas aéreas realizadas por helicópteros apresentam toda a extensão da marginal Tietê, onde se encontram carros parados nos dois sentidos e em todas as vias da marginal devido ao trânsito congestionado daquele dia (Figura 10). Há ainda tomadas aéreas noturnas que acompanham a polícia operando em “blitz” nas ruas da cidade, e cenas “no chão”, em que estudantes deixam escolas e universidades. Todos esses fragmentos colaboram na produção do efeito de sentido de ubiquidade do telejornal, na aproximação espacial entre o fato ocorrendo e o telespectador.



Figura 10: Tomada aérea da marginal Tietê no plantão do SBT, usando-se o plano de conjunto, que propõe a cognição dos elementos presentes na imagem: as estradas, os carros, o rio cortando a cidade.

Realizaremos agora uma análise interpretativa sobre o texto verbal produzido pelo noticiário. O primeiro boletim, por volta das 16h, interrompia a programação habitual do canal com a presença do jornalista Carlos Nascimento em estúdio, informando sobre os últimos acontecimentos decorrentes da onda de ataques no fim de semana: escolas, shopping centers e outros estabelecimentos comerciais fechavam suas portas mais cedo devido a boatos de que os ataques recomeçariam. Define-se neste instante a razão da produção e transmissão do boletim extraordinário do SBT; não se trata dos ataques criminosos em si, que aconteceram desde a sexta-feira passada, e cujos dados foram levantados e trazidos pelos programas da Globo. Na transmissão do SBT não houve imagem gravada ou em *tempo real* sobre os ataques criminosos ou conseqüências imediatas como ônibus incendiados ou delegacias com vidraças espatifadas, apenas a referência a suas ocorrências no fim de semana. Boatos de ameaças de novos ataques foram apresentados pelos repórteres como razão do fechamento de lojas no centro da cidade. Particularmente a respeito dos boatos que serviram

de fonte presumida, no caso o terceiro boletim transmitido, há uma inserção de tomada externa na qual a repórter diz que os comerciantes do centro da cidade de Osasco fecharam as portas devido a um arrastão que teria ocorrido pela manhã; sem imagens desse arrastão ou de suas vítimas, dos comerciantes que fecharam as portas, ou depoimentos da polícia daquele município. Sequer imagens do comércio de Osasco foram mostradas. A fala de Nascimento antes de passar a voz para a repórter em externa em Osasco sugere uma tomada em *tempo real* – “Vamos agora a outras informações com a repórter Thais Venâncio” – mas ao conferir que a jornalista não possui fones de ouvido, ferramenta essencial para a transmissão em *tempo real*, e sem a legenda gráfica de “ao vivo”, acreditamos tratar-se de uma tomada de configuração de *tempo real virtualizado*.

Os números são utilizados para promover a sensação de objetividade da notícia. Em todas as inserções há a preocupação da equipe de reportagem de passar o que seriam dados confirmados e principalmente, comprovantes do que acontece na cidade: “Cinco escolas da rede de colégios vicentinos suspenderam as aulas hoje e amanhã. Serão 6000 alunos e 600 funcionários parados...”, “Entre os mortos há 39 policiais, agentes penitenciários e guardas municipais, quatro cidadãos e 38 criminosos ou suspeitos. Agora uma informação dos shoppings centers de São Paulo: pelo menos cinco deles dos mais importantes já encerraram o expediente...”. Estes números convidam o telespectador a realizar um “cálculo” pelos âmbitos da educação, do consumo, da comunicação, do próprio ir e vir sacramentado pela constituição brasileira, e causam a sensação de que todos os campos da sociedade estão sofrendo com a insegurança causada pelos ataques. Uma estratégia por sua vez que gera ainda mais insegurança, por não trazer informações mais amplas que pudessem colaborar no entendimento do que estaria acontecendo ou que oferecesse soluções para as questões problemáticas apontadas pelas reportagens, da ordem do trânsito, da violência, da insegurança instaurada. Acreditamos que a equipe de produção de notícias deveria ter filtrado informações que não continham dados oficiais ou que não viessem de fontes confiáveis, dando menor destaque a ações populares baseadas em boatos. Por exemplo, uma curta entrevista com o delegado da região central de Osasco

poderia desmentir a hipótese de ameaça àquela região, e a declaração de algum comerciante local ofereceria dados do que realmente tinha acontecido. Além disso, mesmo que a polícia ou a CET estivessem ausentes para realizar melhor esclarecimento, policiais e bombeiros, bem como outros profissionais, como sociólogos, deveriam ter sido ouvidos para sugerir o que fazer em momentos de incerteza como aquele e para dar sugestões para a população.

No caso dos plantões do *SPTV* os tópicos das notícias foram o congestionado trânsito da cidade e a ausência de ônibus nas ruas aliados aos ataques às delegacias. Nos plantões do SBT outras conseqüências dos ataques ganharam foco, principalmente os boatos de ameaças de bandidos a estabelecimentos comerciais. Carlos Nascimento chega a dar os nomes de cada shopping center a fechar as portas mais cedo naquele dia – “Este é o shopping center Eldorado que está sendo mostrado agora, e não funcionarão esta noite: Eldorado, Shopping Center Anália Franco, o Market Place, o principal shopping da cidade que é o shopping Iguatemi, e também o shopping center Morumbi”. Considerar o shopping Iguatemi como o principal da cidade é subjetivo e impossível de se verificar, uma vez que os critérios para essa categorização não se apresentam. Serve apenas para corroborar a dramatização da notícia. Este quarto boletim nos sugere uma relação um tanto quanto curiosa: o repórter apresenta os números de pessoas que morreram em confronto com a polícia, e metade deles eram bandidos ou foram considerados suspeitos. Imediatamente após esse número a atenção da notícia retorna para os shoppings da cidade, com a tomada aérea do shopping Eldorado e os avisos dos encerramentos de expediente dos estabelecimentos. Terá sido uma coincidência ocorrida pela imprevisibilidade do recebimento das notícias aliada à casualidade da presença do helicóptero nas proximidades do shopping center? Ou há uma devida intencionalidade de aproximar o fato das mortes de policiais, bandidos e cidadãos à decisão de interrupção das atividades dos centros urbanos de lazer e comércio da cidade? Infelizmente não há como obter respostas que esclareçam essa dúvida.

O quinto bloco traz mais confusão e insegurança. É um plantão inserido apenas para dizer que há congestionamentos de ligações celulares, que acarretaram na interrupção no serviço. E o sexto boletim tem um texto que volta a mencionar a ruptura do cotidiano, quando Nascimento diz: “Essa é uma tarde completamente atípica para uma segunda-feira na cidade de São Paulo”. No quinto e sexto boletins as imagens que cobrem as narrações em *off* são das avenidas marginais ao rio Pinheiros e algumas ruas da zona oeste, em que as tomadas aéreas mostram pessoas andando a pé pelos acostamentos. A falta de ônibus na cidade é mais uma vez levantada, e dessa vez o problema é o retorno do paulistano para casa, no horário das 17h, com dados sobre o congestionamento fora do normal para aquele momento.

Apenas no sétimo plantão extraordinário há o depoimento da polícia militar, quando o coronel Eclair deu uma coletiva no palácio dos Bandeirantes, transmitida em *tempo real* pelo boletim. A versão dos fatos pela instituição pública da polícia era diferente daquilo que fora mostrado desde o começo do dia: o coronel Eclair disse que a população poderia ficar tranqüila, que os ataques já haviam sido controlados e não haveria necessidade de receber ajuda do governo federal. Mas esse aviso chega tardiamente, uma vez que as emissoras de televisão já haviam se organizado para cobrir tais acontecimentos. Por não terem recebido abertura suficiente por parte das instituições oficiais, que se ausentaram desde o começo do dia em reuniões de portas fechadas, construíram assim uma versão dos fatos que excluía o sujeito instituição pública de sequer dar explicações sobre o assunto. Para se ter idéia da ausência de explicações oficiais, em um determinado momento no décimo e penúltimo boletim, Carlos Nascimento pergunta para o repórter localizado em externa para a coletiva do comandante geral da polícia militar: “Vamos ao vivo agora do palácio do governo de São Paulo de onde fala ao vivo o repórter Luis Lobo. Você mostrou há instantes, Lobo, o comandante da polícia militar, mas cadê o governador de São Paulo, o Cláudio Lembo, hein?”. Ainda durante a coletiva o repórter refere-se a uma suposta frase de Eclair que acusa a Internet como responsável pela onda de boatos, uma opinião que não é fortalecida em nenhum outro momento dos boletins dos

telejornais, provavelmente porque ela levaria à conclusão de que a televisão fizera o mesmo.

A resistência dos partidos políticos, concorrentes entre si na disputa eleitoral de 2006, em unir forças e favorecer decisões políticas de âmbito nacional e estadual que colaborassem na solução da situação de crise não foi devidamente mencionada durante os boletins vespertinos do SBT. Esse assunto somente seria articulado mais intensamente, inclusive apresentando um enfoque opinativo por parte de Carlos Nascimento, durante o telejornal *São Paulo Contra o Crime*, que foi veiculado às 20h30min apenas naquela segunda-feira pela emissora, e serviu para trazer novamente ao ar todas as notícias veiculadas durante os boletins e novas tomadas aéreas em *tempo real* pela cidade. O programa especial teve a participação de repórteres em diversas localidades, inclusive Brasília, o que conferiu o efeito de sentido de presença, a ubiqüidade do jornal. Apresentou trechos da coletiva realizada pelo ministro da justiça Thomas Bastos e o governador de São Paulo Cláudio Lembo; em um determinado momento o apresentador Nascimento reconhece que a situação de perigo imediato não era mais a mesma: “É, digamos que os momentos mais críticos da situação já passaram”.

Os onze boletins extraordinários inseridos na programação vespertina do SBT completam-se um ao outro nas notícias produzidas. As primeiras matérias foram sobre os boatos que causaram os fechamentos dos estabelecimentos, seguida pelo trânsito congestionado devido à ausência de ônibus até as coberturas em *tempo real* de coletivas oferecidas à imprensa pelo governador e o comandante da polícia militar no início da noite. Quando começaram, os plantões quebravam a rotina tranqüila estabelecida por programas leves do horário vespertino para aumentar o pânico a respeito dos ataques. O apresentador esmerava-se para chamar a atenção sem o apoio de imagens do movimento que ocorria em toda a cidade por causa de supostos ataques e toques de recolher não confirmados pelas autoridades. Bem mais tarde os próprios jornalistas do SBT confirmariam a partir de dados da polícia civil que os ataques foram controlados pelas autoridades ou terminaram por si ainda durante aquela segunda-feira. Mas o telespectador que acompanhava a transmissão de novelas reprisadas e

programas de auditório e ao longo da programação era repetidamente convocado a estabelecer um novo vínculo com o meio, assinava um novo contrato: o assunto agora seria de mais importância, estaria acontecendo naquele mesmo instante, e na cidade onde o telespectador mora, sendo atitude derivada envolver-se e sentir-se parte daquele acontecimento. Como vimos no segundo capítulo, esse sentimento de medo, a sensação de perigo eminente é parte do discurso do jornal e se constrói diariamente nos telejornais tanto brasileiros como os americanos ou europeus.

CAPÍTULO 4: Para além dos boletins – análises das transmissões nos telejornais fixos da programação

4.1 As transmissões diretas no telejornal *SPTV*

Um dos telejornais abordados para recorte nessa pesquisa é o *SPTV 1ª Edição*. O programa *SPTV* é o telejornal do horário vespertino da TV Globo, com uma seqüência entre novelas às 19h. De acordo com informações colhidas em seu próprio site na Internet: www.globo.com/sptv, desde uma série de alterações realizadas em seu formato no ano de 1998 ele serve de referência para a produção de jornais locais por parte das retransmissoras da Rede Globo nas capitais de praticamente todos os estados brasileiros. A partir de dados do Ibope, a audiência da emissora no horário do telejornal engloba 47% dos televisores ligados em todo o país²⁹. Sua característica principal é a utilização de “links ao vivo” em vários pontos da cidade, com coberturas jornalísticas para notícias em andamento no dia. Os “links ao vivo” mencionados pelo texto do telejornal na Internet são as transmissões diretas informacionais que enfocamos nessa pesquisa, e no caso do *SPTV* são realizadas em *tempo real*.

De acordo com o trabalho apresentado pela pesquisadora Cristina Valéria Flausino no Núcleo de Jornalismo do XXVI Congresso Anual de Ciências da Comunicação da Intercom, em 2003, o telejornal apresenta uma cobertura policial, realizada a partir da inserção dos fatos dentro de um contexto, buscando manter uma linha editorial que mostre o que a cidade tem de bom. Em um breve relato, o então editor executivo do programa Cláudio Marques diz: "Nós procuramos cobrir a cidade em todos os aspectos e a violência está muito presente, mas tentamos evitar o mundo cão"³⁰. Em um trabalho anterior,

²⁹ Informações obtidas no site: www.globo.com/sptv Acesso em: outubro de 2004.

³⁰ O Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação é um evento anual realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom. No congresso há colóquios, sessões de temas livres e encontro dos núcleos de pesquisas da Intercom. O trabalho de Flausino, apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 de setembro de 2003, encontra-se disponível no site:

apresentado no XXV Congresso Anual da Intercom, Flausino (2002) aborda as mudanças do programa em 1998. Ela informa que o modelo que estreara em março daquele ano era considerado bastante arrojado, “tanto no formato quanto no conceito editorial”. Incorporava uma série de mudanças perceptíveis até mesmo para o telespectador comum, como a linguagem coloquial, fácil de ser assimilada, tons de brincadeira, ironia ou de bronca numa reportagem, e o tipo de personagem entrevistado, na maioria dos casos gente comum das diversas zonas da cidade que permaneciam mais tempo no ar. As autoridades presentes no programa tinham o direito de se manifestar, mas também poderiam estar sujeitas a pressões tanto do entrevistador quanto da própria população que demanda a solução dos problemas na comunidade:

Os temas parecem atingir mais de perto os problemas da dona de casa ou de um trabalhador comum e os apresentadores, quase sempre um casal, parecem estar na sala de visitas de um dos milhares de lares onde o telejornal entra todos os dias, tal a informalidade com que tratam os assuntos, trocam idéias entre si e se dirigem ao público. Nada – ou muito pouco – lembra o formato rígido que ainda hoje caracteriza noticiários como o Jornal Nacional da Rede Globo, cuja estrutura é considerada “engessada”: a construção dos relatos é sempre muito parecida do ponto de vista da edição, os repórteres são sujeitos de atitude contida, a apresentação é fria, quase impessoal, distante ou eventualmente dramática. Além disso, telejornais nacionais só se ocupam das questões do “topo”. (FLAUSINO, 2002: 5)³¹

Juliane Guzzoni, na dissertação *A Comunidade na TV: Uma análise sobre a regionalização da notícia e o processo de participação popular*³² avalia o objetivo das mudanças realizadas no programa, e encara o SPTV como uma “espécie de laboratório”, com espaço para informalidade e debates ao vivo com a participação popular. A informalidade também estava presente na construção dos textos das reportagens, nas participações dos repórteres em transmissões diretas

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4399/1/NP2FLAUSINO.pdf> acesso em 14/09/06

³¹ Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro da Comunicação – Salvador/BA – setembro de 2002, disponível em:

http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18664/1/2002_NP2FLAUSINO.pdf
Acesso em 14/09/06

³² XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro de 2001.

em *tempo real* de variados locais na Grande São Paulo, como escolas, hospitais públicos ou pronto-socorros, da Assembléia Legislativa ou da Câmara dos Vereadores, da periferia, da porta da fábrica onde os trabalhadores estariam parados piqueteando, do presídio, de qualquer lugar onde um fato poderia ser transformado em notícia. “A informalidade está na linguagem do apresentador, na fala espontânea, na participação dos entrevistados” (GUZZONI, 2001: 1). Desde que adquiriu esse caráter em 1998, o programa ganhou prêmios no Brasil³³, e tornou-se uma espécie de referencial de programa jornalístico regional para todas as transmissoras da Rede Globo no país, inclusive sugerindo uma possibilidade de imitação por jornais de outras emissoras.

Atualmente o *SPTV* possui três apresentadores fixos: o casal Chico Pinheiro e Carla Vilhena são os apresentadores do horário do meio-dia, e Carlos Tramontina é o apresentador da edição noturna, que vai ao ar após a novela das seis. A jornalista Patrícia Poeta e o repórter César Tralli também ocupam o espaço de apresentadores em ocasiões como férias ou licença dos outros âncoras, ou nas edições de sábado. A presença do casal de apresentadores no telejornal, casados na vida real, produz um efeito de sentido de proximidade da população junto aos produtores da notícia. É um casal afinado, contemporâneo, em que as duas partes possuem poder de voz e conhecimentos de causa, um casal que sugere seguir – pelo fato de seu relacionamento ser público e ligando-se a ele o comportamento de seriedade e cooperatividade, um companheirismo que pode ser encontrado em casais ou em duplas de profissionais – as mesmas convenções estabelecidas pela sociedade que o assiste, a paulistana, e que vive a rotina familiar, que conta para o espectador o que acontece em sua cidade.

Outra presença marcante no programa é a do jornalista Márcio Canuto. De acordo com o site do programa, Canuto era diretor de jornalismo do telejornal local da retransmissora da Globo em Alagoas, e veio para o sul

³³ Em 1999 a Associação Paulista de Críticos de Artes premiou o programa na categoria Televisão – Programação Jornalística, especificamente o jornalista Amauri Soares. Fonte: APCA. Disponível em: <http://www.apca.org.br/premiados.asp?acao=filtrar&categoria=&ano=1999&votaram=&premiados=&palavra=sptv&pag=1> Acesso em 14/09/06

O site do programa informava em janeiro de 2006 que havia recebido a premiação de melhor programa telejornalístico no Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, nas edições de 1999 e 2002. Atualmente essa informação não consta mais no site do programa: www.globo.com/sptv

convidado para trabalhar como jornalista esportivo. Atuou em reportagens esportivas, em que sobressaía seu senso de humor e a sua relação próxima com os entrevistados. Além disso, o jornalista abusava da teatralidade em suas reportagens, sem esconder o forte sotaque nordestino, contando histórias, utilizando como figurantes pessoas escolhidas no local da reportagem para ilustrar o que acontecia, promovendo interatividade com o público que rodeava as equipes de reportagem de notícia nas ruas da cidade. Não é difícil encontrar pessoas recolhidas da comunidade de espectadores ao redor da equipe de reportagens que fazem reclamações em tom alto de voz, com suas próprias gírias, sem vergonha de falar errado, ou até mesmo de inserir piadas e enveredar nas brincadeiras do jornalista. É gente que, graças a essas ferramentas discursivas usadas pelo repórter, não se constrange com a presença da câmera e se sente muito bem junto ao jornalista. Desde agosto de 2005 Márcio Canuto está comandando o quadro *SPTV Comunidade*, em que retoma as requisições das comunidades da periferia da Grande São Paulo às autoridades locais. Uma espécie de cobrança do que foi prometido à população durante a campanha eleitoral, em que são postas ou frente a frente para diálogo as autoridades públicas e os representantes das exigências dos moradores, ou por meio da equipe de reportagem do *SPTV* em matérias prévias que são utilizadas como imagens de arquivo para as notícias.

No dia dos ataques do PCC em São Paulo Márcio Canuto não esteve presente nas reportagens do programa. Naturalmente, seu tom bem humorado, sua imagem sorridente e animada, não “ornaria” com as reportagens de tom grave e inserções ao vivo sérias cujo tema é a violência, por maior que fosse a capacidade de improviso do repórter diante das câmeras. A ausência deste profissional qualificado, com longa experiência para o contato com o público nas ruas, é o primeiro diferencial encontrado por nós no discurso do telejornal para o dia 15 de maio. O programa foi exclusivamente sobre os “ataques à cidade”, e trouxe ao ar uma grande equipe de repórteres posicionados nos diversos pontos da cidade – terminal de ônibus, helicóptero, DEIC (Departamento de Informações Criminalísticas), e centro – transmitindo mais uma vez as informações atualizadas

sobre os ataques. Entre os repórteres convocados estava o jornalista César Galvão, especializado em matérias policiais, destinado a permanecer no estúdio, ao lado dos apresentadores, durante todo o programa.

O *SPTV* é um telejornal que usa o recurso das transmissões diretas em grande quantidade. Para falar da previsão meteorológica, apresenta imagens em *tempo real* da cidade, ou põe a “moça do tempo” fora do estúdio, em externa “ao vivo” nos arredores da TV Globo no bairro do Brooklin. Para falar da partida de futebol que acontecerá à noite, inserem uma participação “ao vivo” de um repórter esportivo na frente do estádio onde o jogo acontecerá. Se o assunto é trânsito, apresenta cenas de avenidas e ruas da capital paulista em *tempo real* a todo o momento. Na segunda-feira em que o programa dedicou-se a falar dos ataques criminosos, não foi diferente. As inserções ao vivo de repórteres em pontos diferentes, de helicópteros, e uma entrevista entre estúdios do programa na cidade, contadas desde o início do programa, equivalem à metade da duração de todo o telejornal. Iniciando com 10 minutos de antecedência em relação ao seu horário normal, 12h10min, o programa abriu com uma tomada aérea de helicóptero, mostrando a cidade na parte inferior da tela, em proporção menor ao restante, o céu nublado encobrindo a região. Adicionando a voz em *off* de Pinheiro em *tempo real*, com texto sucinto e de ritmo rápido, mas que não deixava de demonstrar preocupação com a precisão dos fatos, nesse caso ao informar a hora da transmissão. E principalmente, desde a primeira sentença anunciada no programa já se anunciava que os ataques e a violência seriam a notícia relevante naquele dia.

Olá, meio-dia e um minuto, quase meio-dia e dois, você tem imagens da cidade de São Paulo, a metrópole que está refém da violência e que tem um dia atípico nesta segunda-feira; a temperatura da cidade nesse momento é de dezenove graus.

A cena inicial de apresentação do programa foi a fusão da tomada externa aérea com a tomada em plano próximo dos apresentadores do telejornal diante das câmeras, atrás do balcão do estúdio. O cenário é composto de imagens dos prédios da cidade de São Paulo e da reinaugurada Estação da Luz, agora

Museu da Língua Portuguesa, obra financiada pela Fundação Roberto Marinho. Mais um sinal que indica a presença da TV Globo na cidade, não só como observadora e mediadora dos fatos, mas como criadora e influenciadora da realidade. O programa daquele dia não teve escalada de notícias em sua abertura, e não houve informações sobre os autores dos ataques, pois o jornalista se referia a bandidos (e não ao PCC) que teriam causado “a maior onda de ataques criminosos que o estado de São Paulo já enfrentou”. Dividindo o plano com Carla Vilhena, Chico trazia na sua primeira fala referência a um assunto sempre freqüente no *SPTV*, o trânsito na cidade. Foi a maneira encontrada pela equipe do telejornal de aproximar o novo tema de uma questão já agendada pelo *SPTV*.

A respeito do agendamento de temas no jornalismo, nos baseamos nas definições de Mauro Wolf. De acordo com o pesquisador, na hipótese de construção da agenda do espectador (*agenda-setting*), os meios de comunicação de massa definem a pauta de assuntos do dia em que o leitor assistirá e conseqüentemente pensará e discutirá com os outros indivíduos. Tal teoria defende que existe uma “dependência cognitiva” dos indivíduos em relação à mídia, para definirem a “ordem do dia”, o assunto a discutirem (WOLF, 2005: 145).

Salientando essa crescente *dependência cognitiva* da mídia, a hipótese da *agenda-setting* postula um impacto direto ainda que não imediato – sobre os destinatários, que se configura segundo dois níveis: *a.* a “ordem do dia” dos temas, argumentos, problemas, presentes na agenda da mídia; *b.* a hierarquia de importância e de prioridade com que esses elementos estão dispostos na “ordem do dia” (ibid.).

Apesar de surgida no meio impresso, a hipótese do agendamento serve também para a televisão. Wolf refere-se inclusive à potencialidade de agendamento durante transmissões realizadas ao vivo de grandes acontecimentos midiáticos. Ele cita:

O uso dos visuais (nota do pesquisador: o autor se refere aos grandes acontecimentos midiáticos mencionados por Dayan e Katz) testemunha justamente a consciência de que o meio televisivo também possui um efeito de agenda particular e específico (ibid.: 152).

Por trabalhar com notícias que afetam o cotidiano da população que mora na região metropolitana de São Paulo, o *SPTV* dá destaque às conseqüências no transporte público a partir dos ataques que atingiram a cidade, já que a questão do transporte afeta a maior parcela da população. Mas é uma decisão que parte dos produtores do programa, que determinam que o assunto “trânsito” deve ser o mote para atingir a maior quantidade possível de paulistanos. É por si um *agendamento* de notícia, que estabelece o assunto para a audiência conquistada. Uma vez que a notícia sobre trânsito faz parte do agendamento do *SPTV*, os apresentadores então alteram o tema da agenda do transporte público para o da violência, não só contra policiais, mas contra todo o poder público e a população³⁴, relacionando os ataques com a falta de ônibus e os congestionamentos:

A maior onda de ataques criminosos que o estado de São Paulo já enfrentou deixou milhares de passageiros a pé na capital hoje pela manhã. 4100 ônibus de oito empresas e duas cooperativas deixaram de circular nessa segunda-feira. É quase um terço de toda a frota da cidade. Uma situação que provocou cenas só vistas quando há greve de motoristas e cobradores.

As tomadas aéreas de helicóptero ganharam destaque nesse dia. Geralmente o Globocop, como é chamado o helicóptero da TV Globo, cobre acidentes nas estradas da cidade, ou mostra o tempo sobre a capital dentro do quadro de previsão meteorológica, mas naquela data o repórter Marco Antonio Sabino entrou divulgando cenas de ônibus pegando fogo em diversos pontos da periferia por cinco vezes. À medida que o helicóptero se aproximava da região, a imagem que se construía na tela dava destaque a um ponto de onde se via um alto vórtice de fumaça negra, pressupondo mais um ônibus a incendiar-se. O repórter usava o gerúndio, com o objetivo de mostrar a notícia sendo feita no mesmo momento que o fato ocorria – informava que “estava indo” em direção ao

³⁴ Podemos afirmar que o assunto “Transporte” é sempre destaque no programa porque realizamos um processo sistemático de análise do telejornal *SPTV* por um período de um ano e meio, justificado pela proposta inicial de utilizar este programa como objeto único de estudo para a nossa pesquisa.

local, para saber o que “está acontecendo”. O texto do repórter completou-se com “informações que estão chegando de novos incêndios na cidade” e solidificou o efeito de concomitância da transmissão do telejornal com os acontecimentos do dia, auxiliado pela movimentação da câmera instalada no helicóptero em direção aos outros incêndios anunciados. Nessa segunda aparição das imagens do helicóptero no programa o apresentador Chico Pinheiro conversou com o repórter de dentro do estúdio, dividindo a imagem com o telão que mostra a fumaça na periferia. A utilização do telão unindo estúdio e helicóptero aumenta ainda mais a percepção de que a notícia está se fazendo naquele instante. Um sentido que ainda recebeu mais colaboração, dessa vez graças a uma interrupção da apresentadora Carla Vilhena na tentativa de inserir o jornalista Cesar Galvão na conversa entre Pinheiro e o repórter do helicóptero. Por sinal, a presença em estúdio de um especialista em matérias de crimes como Galvão é mais um destaque dado ao assunto da violência, mais uma “ruptura” na cotidianidade do texto visual do programa. O contexto visual em que o programa constrói seu discurso, constituído pelo estúdio em que está o cenário, pelos telões, pelo balcão dos apresentadores e pelos próprios apresentadores, conta também com mais um profissional, um repórter que ao sentar-se em uma cadeira improvisada no estúdio ganha um respaldo maior do que os outros profissionais da equipe posicionados em externas. Galvão não está atrás de um balcão e sim à frente dele, apertado no enquadramento da câmera que por vezes o ignora, em um espaço que sugere improvisado, e que assim personifica a urgência e o esforço dos enunciadores (a equipe do programa) em fazer de tudo para produzir notícia que atinja o maior número possível de pessoas.

Na terceira inserção de imagens do Globocop o jornalista Marco Sabino sobrevoava um ônibus que, em suas palavras, “ainda está pegando fogo”, e o destaque na cena foi dado para as chamas que saiam do veículo, junto com muita fumaça, em um close que dominou a tela. As informações são descrições do que as imagens mostravam à medida que o close diminuía: a população da região assistindo ao incêndio, que teria começado “agora há pouco”, viaturas da polícia civil próximas ao ônibus e o comércio fechado ao redor. O jornalista

destacou a proximidade do ônibus incendiado de uma escola pública e a câmera mostrava estudantes e moradores perigosamente próximos do ponto de incêndio. Essas pessoas em cena são mais um elemento que configura o efeito de provocar no espectador a percepção de estar acompanhando a notícia se fazendo, sugerindo a ele novas peças em um tabuleiro cognitivo: não vemos apenas o ônibus pegando fogo, também vemos (do helicóptero – uma visão privilegiada) vários elementos de uma comunidade – adultos, jovens, crianças, trabalhadores da região, o comércio local – envolvidos no acontecimento.

A quarta aparição do Globocop começou com um close no mesmo ônibus incendiado, mas dessa vez ocorreu uma conversa em *off* do jornalista Sabino com os apresentadores Pinheiro e Vilhena, mais o repórter Galvão no estúdio. Em um diálogo truncado, em que as delegações de fala não são muito claras, Carla Vilhena destacava o perigo de o incêndio alcançar a escola. Essa confusão de quem falava o quê, assim como a tentativa anterior de inserir o repórter Galvão na conversa, solidifica-se em uma própria marca enunciativa do *tempo real*, em que nós espectadores somos testemunhas do pequeno equívoco e da suposta desordem gerada no estúdio por causa das transmissões “ao vivo”. A tomada aérea do Globocop afasta-se parcialmente para mostrar a quantidade de pessoas nas ruas ao redor, e Sabino interrompe a conversa no estúdio para falar de outro incêndio avistado. Ressaltamos expressões e trechos de sua fala que promovem os efeitos de concomitância e a ubiquidade da notícia:

Na verdade está encostado em um prédio comercial e há uma escola muito próxima. Inclusive os alunos saíram e a gente vai mostrar muita gente nas ruas aqui da região, acompanhando esse incêndio sem poder fazer nada já que os bombeiros ainda não chegaram. Três carros da polícia militar estão aqui. Mas atenção Chico e Carla, nós acabamos de receber uma informação de que outro incêndio acontece aqui na zona Leste, a gente vai tentar já mostrar a fumaça preta à distância, incêndio em ônibus também na região de Itaquera. Agora sim, ali outro ponto, mais um ônibus segundo informações que nos chegam aqui no helicóptero agora, mais um ônibus sendo incendiado, Chico.”

O repórter Cesar Galvão entra nessa conversa e pergunta ao jornalista do helicóptero se ele percebera como o movimento nas ruas da zona

leste era menor naquele dia. Sabino confirma o comentário ainda com sua voz em *off* sobre imagens da zona leste, e adiciona ao fato narrado a ausência também de viaturas policiais. “Nós não percebemos muitos carros de polícia aqui na região da zona leste.” Podemos considerar que a resposta do repórter Sabino no helicóptero à pergunta feita por Galvão no estúdio do telejornal é uma informação não oficial, não confirmada por imagens, e que não possui respaldo pela outra parte envolvida, no caso as próprias polícias civil ou militar. São dados impossíveis de serem comprovados que só colaboram para a construção de uma história que produz os sentimentos de medo e insegurança da população.

Ainda há uma quinta tomada aérea de helicóptero para apresentar o outro ônibus em chamas, com a polícia chegando ao local, e seqüências dessas imagens em *tempo real*, com o logotipo de “ao vivo”. Estas cenas foram utilizadas para cobrir a entrevista também em *tempo real* com o presidente da Associação dos Delegados do Estado de São Paulo, André Di Rissio. Hernandez explica que o telespectador precisa se manter estimulado para continuar assistindo ao programa, e por essa razão a constante mudança de planos de câmera, o corte acelerado de imagens, e a aparição de pessoas e objetos em movimento na cena. “Em tv, não pode existir monotonia dos sentidos, especialmente para o olhar” (HERNANDES, 2006: 171). Assim, encontramos justificativa para a entrevista com o delegado ter sido coberta com imagens em *tempo real*, que dessa maneira mantiveram a vontade do espectador em assistir a algo novo enquanto a conversa entre estúdios se desenrolava sem maiores novidades visuais. Da mesma maneira, ao fechar o programa e apresentar os créditos de produção do *SPTV*, a imagem da zona leste com os focos de incêndio continuava em cena para manter a atenção de quem assistia ao programa.

É interessante constatar, porém, que a estratégia de cobrir com outras imagens uma fala, seja do apresentador, repórter ou do entrevistado, não é sempre utilizada pelo telejornal. Na primeira inserção em externa em *tempo real* com repórter, o apresentador do *SPTV* contactou o jornalista que estava fora do estúdio, em frente ao DEIC, que em plano próximo falava para a câmera sobre os dados a respeito dos ataques. Em sua pesquisa sobre o telejornal *Jornal Nacional*,

Hernandes analisou cada fragmento que compõe uma matéria telejornalística, e descobriu que a duração máxima para um fragmento é de 22 segundos. Percebeu também que os fragmentos que apresentam esse “pico” de duração são compostos por imagens que enquadram a câmera em plano próximo ou médio (em que a pessoa aparece da cintura ou do tórax para cima, de frente para a câmera, simulando uma posição de diálogo entre o apresentador e o telespectador), como o usado pelo repórter na inserção “ao vivo” em frente ao DEIC. Hernandes conclui então que “no telejornalismo, tão importante como mostrar os ‘fatos’ é falar sobre eles, mediá-los” (ibid.: 172), lembrando o enfoque de Arlindo Machado, que define o telejornal como o espaço onde os fatos são mediados, por meio de “atos de enunciação a respeito dos eventos” (MACHADO, 2005: 104). Percebemos dessa forma como o telejornal em seu papel de enunciador realiza artifícios opostos – focar imagens durante uma conversa em um momento, ou destacar o repórter em outra tomada – visando o mesmo objetivo: construir uma enunciação “pulsante”, em que a curiosidade do espectador é sempre estimulada.

Há ainda uma constatação de ordem de configuração temporal que podemos definir para essa transmissão em externa do repórter no *SPTV*. Nessa inserção estava presente a legenda gráfica “ao vivo” e André Di Rissio é chamado pelo apresentador para passar notícias que seriam novas, atualizadas àquele instante. Mas o que o repórter tem em mãos são os mesmos dados colocados à disposição pela manhã, não são mencionadas as mortes ou informações mais graves; o destaque é para a quantidade de ataques até então e a prisão de supostos envolvidos com o crime organizado. Assim, mesmo que a transmissão possua a legenda de “ao vivo”, não podemos considerá-la como em *tempo real*, pois o jornalista relata informações que já ocorreram. Ela configura-se como *tempo atual*. Como Brito menciona, essa configuração temporal, apesar de contribuir para a produção de um efeito de “acesso direto ao mundo real” e de imediatismo na divulgação dos fatos, não consegue com a mesma intensidade destacar esses atributos do gênero televisual da mesma maneira que a configuração de *tempo real*, pois existe e não pode ser vencida a barreira da

disjunção temporal entre o mundo real e o mundo inerente àquela transmissão (BRITO, 2001b: 118).

No final de sua fala, Di Rissio menciona dois ataques às estações do metrô, que mais tarde seriam desmentidas por outra repórter. A partir daí, se constrói uma seqüência de inserções “ao vivo” alternadas por falas do apresentador no estúdio, cobrindo a conversa entre repórter e apresentador, o que intensifica a percepção de um sentido de urgência da notícia e de ubiquidade da produção telejornalística. Quando retorna ao estúdio, Pinheiro chama a atenção para uma falha na administração pública – a ausência de pronunciamentos oficiais atuais para os ataques de segunda-feira – e imediatamente delega o poder de voz para a repórter que se encontra no terminal da zona sul. Ao informar quais terminais de ônibus ainda não funcionavam na cidade, a fala da repórter ganha um tom de serviço público, indicando quais empresas pararam de funcionar para a população; essa característica é marcante no programa e justifica o discurso dos enunciadores como representantes da comunidade³⁵.

A matéria que se apresentou anexada à mencionada em *tempo atual* é da jornalista Ananda Aple. Foi a respeito das dificuldades enfrentadas pela população que ficou sem ônibus naquela manhã e que andou pelas ruas da cidade procurando alternativas. A reportagem começou na zona sul, com depoimentos de pessoas que contaram como faziam seus trajetos de carona, de táxi ou a pé, a depender da chance que teriam para chegar ao trabalho. Há um destaque para as horas de espera dos trabalhadores, com cenas de pessoas lotando os pontos de ônibus e depoimentos carregados de desapontamento, com a sensação de terem sido esquecidos por autoridades, e de angústia por não saberem quando tudo voltaria ao normal. A fala em *off* da jornalista ainda convida o espectador para ver um terminal de ônibus na zona norte e outro no centro da cidade, e enfoca em seu texto ameaças de bombas e viaturas falsas da polícia aproximando-se do local. Essa “visão geral” do que ocorreu com os passageiros sem ônibus naquela manhã é um exemplo de reportagem na configuração de

³⁵ Referimos ao modo como o programa se apresentava no site www.globo.com/sptv no ano em que iniciamos nossa pesquisa (2004). O texto intitulava o *SPTV* como um telejornal comunitário, que daria voz ao paulistano na busca conquista de seus direitos.

tempo atual virtualizado. Nela, Brito destaca a instauração de marcas para um “não-agora”, ou seja, um momento que não é concomitante ao do espectador, a partir de “marcas lingüísticas” como o texto da repórter no passado, e imagens como a seqüência de cenas editadas em vários pontos da cidade a uma velocidade maior que convencional, e principalmente a ausência do logotipo gráfico de “ao vivo”. A pesquisadora sugere a existência de um “simulacro” da atualidade por um procedimento inverso de performances diretas: uma vez que a reportagem está em um “não-agora”, inscrito em um telejornal em que o apresentador refere-se ao acontecimento também no passado, a matéria consegue estabelecer um efeito de proximidade temporal com o conteúdo narrado posto no mesmo “não-agora” do apresentador do telejornal. Diz Brito:

Essa é a configuração mais freqüente na maioria dos telejornais, justamente pela impossibilidade de acompanhar, o tempo inteiro, todos os fatos relevantes no horário e duração rígidas destinados ao programa dentro da grade de programação. O que obriga o telejornal a produzir uma contínua “virtualização” da temporalidade dos fatos – uma desvinculação entre as durações da TV e do “mundo” – em prol do permanente efeito de atualidade que pretende construir: como se tudo que fosse exibido no decorrer da sua duração estivesse, como ele próprio, se fazendo enquanto se exhibe (BRITO, 2001: 124).

Procuramos um exemplo da configuração de *tempo real virtualizado* no *SPTV* de nosso recorte, sabendo de antemão que seria difícil de encontrar, já que uma cena gravada que utilize a legenda de “ao vivo” é considerada mais que um equívoco, uma atitude irresponsável, principalmente pensando em questões éticas no telejornalismo. Essa utilização da legenda gráfica quebraria o contrato comunicativo estabelecido entre os enunciadores da mensagem/reportagem e os enunciatários/espectadores, sendo considerada indevida, já que “ao vivo” sugere a representação máxima da transmissão de algo que acontece no mesmo instante. Ao contrário, existe grande preocupação e esforço por parte da equipe de produção da notícia do *SPTV* em inserir o logotipo gráfico para os momentos exatos em que deva surgir, tanto na alternância entre imagens de estúdio e de externas, ou na reexibição de imagens que foram transmitidas em *tempo real* pela

primeira vez. No entanto, precisamos destacar que a configuração temporal de *tempo real* virtualizado ocorreu na produção telejornalística da TV Globo. Foi durante as transmissões extraordinárias do *Plantão do SPTV*, e a descrevemos no momento da análise dessas referidas transmissões no início desse capítulo.

Percebemos nessa análise realizada das transmissões diretas do *SPTV* no dia em que os ataques a São Paulo foram a notícia de destaque que, dentro do *corpus* levantado, o programa serve como melhor exemplo para as diversas configurações temporais elencadas por Brito cujo resultado é produzir os efeitos da ubiqüidade e da concomitância. O telejornal da tarde também utiliza outras estratégias enunciativas confirmadas por Hernandez e Becker para promover a curiosidade e a atenção da audiência. Fortalecer os aspectos dramáticos do fato na notícia, cobrir textos verbal-orais com imagens que aumentam o impacto da matéria, focar pessoas e objetos em planos de grande proximidade, sugerir autoridade na produção e condução da notícia (como faz Pinheiro durante a entrevista e quando concede a fala a repórteres em externas), e inserir novos jornalistas e especialistas na transmissão direta. Tais artifícios são potencializados em sua capacidade de produzir a sensação de urgência e proximidade entre o fato e o telespectador quando são transmitidos em *tempo real*, ou nas outras configurações temporais que sugerem a concomitância, como o tempo atual e o *tempo real virtualizado*.

4.2 O *Jornal Nacional*

O *Jornal Nacional* é o telejornal de maior audiência no país, apesar de críticas dirigidas a sua natureza superficial na narração dos fatos³⁶. Luis Felipe Miguel estudou, em uma pesquisa apresentada em 2003, a cobertura das eleições

³⁶ Não nos interessa neste momento elencar todas as instâncias em que houve críticas ao telejornalismo da Rede Globo encabeçado pelo *Jornal Nacional*. Encontramos na Internet uma boa pesquisa que ilustra essa “atmosfera” de críticas, de Ana Carolina Rocha Pessoa Temer: A consumação do fato - Representações da primeira semana do “Governo Lula” no telejornalismo da Rede Globo de Televisão. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/anat1.htm>

presidenciais de 2002, e avaliou que houve esforços em busca de imparcialidade naquele telejornal, relacionados à apresentação e transmissão das notícias sobre os candidatos da eleição na época:

A Rede Globo de Televisão deu, em 2002, um passo significativo na transformação de seu comportamento em períodos eleitorais. É possível apenas especular se as razões para tanto são de natureza jornalística, empresarial ou política – ou, provavelmente, uma combinação das três. Não se pode negar que ocorreram avanços importantes na direção da imparcialidade em relação aos candidatos relevantes e uma notável ampliação da massa de informações colocada à disposição do público. Sem pretender reduzir o alcance de tais acontecimentos, cumpre observar que a abertura da Globo à disputa eleitoral foi concomitante à diminuição do espectro de alternativas efetivamente apresentadas ao eleitorado (MIGUEL, 2003).

Becker sugere que o *Jornal Nacional* apresenta um distanciamento dos apresentadores e repórteres na enunciação dos acontecimentos como fruto de uma estratégia ancorada nos princípios de “objetividade” e “imparcialidade”. Seriam narrativas que produzem um olhar “oficioso” da realidade, que acenam com otimismo para o caminho da modernização do país, “convocando a nação para um projeto político telerreal, afinado com o Estado Nacional contemporâneo, capaz de eliminar os conflitos e desigualdades” (BECKER, 2005: 124).

Uma característica que se mantém nesse programa é a velocidade com que os assuntos são tratados. Devido à duração curta do programa (nunca ultrapassa 45 minutos), e o horário de sua veiculação (antes da novela das 20h, no horário nobre de audiência), o *Jornal Nacional* tem pouco tempo para trabalhar a notícia com profundidade. Nas palavras de Lalo Leal, “espremido entre duas novelas, segue o ritmo delas, com um encadeamento frenético de notícias que procura a todo o custo prender a atenção do telespectador” (LEAL FILHO, 2006). Os critérios de escolha de notícias a serem trabalhadas seguem a influência que a rapidez da transmissão impõe³⁷. Em um esforço para a manutenção da velocidade

³⁷ O jornalista Alfredo Vizeu conta que o então editor-executivo do *Jornal Nacional*, Odejaime de Hollanda, falecido em 1999, usava um artifício para definir se o material que iria ao ar seria atraente e acessível ao público. Perguntava para os editores do *JN*: “minha mãe vai entender?” A pergunta “será que a mãe do Odejaime vai entender?” tornou-se uma espécie de guia dos editores

e da objetividade das notícias as inserções em *tempo real* não são tão freqüentes e quando ocorrem não há interferências dos apresentadores da mesma maneira que no programa *SPTV 1ª Edição*. Os recursos técnicos e gráficos são postos à disposição para a continuidade da objetividade e velocidade da narrativa.

Ainda no início do *Jornal Nacional*, durante a sua abertura, a vinheta gráfica aparece rapidamente em cena, acompanhada da música-tema do programa, cujo ritmo acelerado tanto da música quando da logomarca em movimento sugere velocidade, que pode ser transposta para uma narrativa veloz, ou a apresentação dos fatos mais recentes³⁸. A logomarca do telejornal, formada pelas letras JN, cobre toda tela quando surge, e vai diminuindo de tamanho sobre um fundo azul infinito enquanto segue em direção ao fundo, acompanhada de uma sombra inferior, conferindo volume às duas letras destacadas como o sujeito de uma narrativa cuja temática perambula pelo mundo da ficção científica, do progresso e superioridade tecnológicos. Analisando as aberturas anteriores do programa, vemos que o movimento atual da logomarca JN é uma seqüência ao que já foi mostrado no passado; na apresentação dos anos oitenta a logomarca saía de um globo estilizado até posicionar-se frontalmente, cobrindo toda a tela, oferecendo a interpretação de que o JN, o mediador da notícia e dos fatos, vinha do mundo em que as coisas aconteciam para chegar ao telespectador. A sugestão atual é que a logomarca JN está pousando em frente à tela, e conhecendo a evolução histórica da abertura do programa, pressupomos que a logomarca vem daquele globo estilizado mostrado na década de 1980. Entretanto, por não haver mais referência ao globo, ou logomarcas JN adicionais “voando” pelo cenário azul, importa agora muito pouco de onde o JN vem, e sim que a notícia chegou. Realizamos um breve levantamento de aberturas de telejornais disponíveis na Internet, graças ao acesso gratuito de sites como *Youtube*, e verificamos que a maioria das aberturas telejornalísticas não apresenta figuras e feições humanas, o

da Rede Globo, na hora de apresentar uma informação de maneira compreensível para todos os telespectadores, principalmente no momento do lead (VIZEU, 2005: 11).

³⁸ Curiosamente, o nome da música tema do programa é *The Fuzz* (termo coloquial em inglês para a polícia, que também pode ser traduzido como “embaçado”). Anexamos uma versão tocada por Frank de Vol, compositor de trilhas sonoras para programas de televisão americanos, como *A Família Brady* e filmes como *Adivinhe quem vem para jantar* (1967).

que nos faz acreditar que busquem produzir efeitos de neutralidade e imparcialidade.³⁹ Porém, a ausência de imagens de pessoas distancia a logomarca e outros objetos em cena do universo humano, colaborando para que uma separação entre o enunciador e o enunciatário se justifique pela sensação de frieza e invulnerabilidade por parte do sujeito logomarca. Hernandez sugere que as mudanças de cenários no JN enfatizam o esforço em criar dinamismo, movimento, para um público que, para se manter atento, precisa cada vez mais de novos e seguidos estímulos (HERNANDES, 2006: 12).

Fátima Bernardes aparece então em cena sozinha, na conformação clássica de apresentação de telejornal, a chamada “talking head” (MACHADO 1988: 219), diante do cenário azul do programa de onde se destaca apenas a logomarca JN. Marshall McLuhan indica a divisão dos meios de comunicação em relação a sua capacidade de utilizar a visualidade, a sonoridade e outros recursos, e que cada *medium* trabalha um recurso em detrimento de outros, fortalecendo a sua recepção através da percepção específica (MCLUHAN, 1969: 39). No caso da televisão, essencialmente o telejornal, a apresentação de gráficos e imagens se condiciona à narração do apresentador, em alguns casos tão preponderante na enunciação que se torna o âncora do programa. Desta maneira a simplicidade do texto visual no momento da apresentação do âncora se justifica: serve para destacar Bernardes como a porta-voz do programa para o telespectador.

No dia 15 de maio, os ataques foram o assunto central do programa; a apresentadora Bernardes abriu o programa em estúdio, introduzindo o tema imediatamente e em ritmo acelerado: “Boa noite, a escalada da violência deixou a população de São Paulo acuada”. Nessa breve introdução se constrói a primeira narrativa, cuja apresentação “solo” da jornalista oferece uma marca específica para o caráter de dia especial. E por sua vez determina o tema central do telejornal para aquela noite: o número de ataques deixou a população de São Paulo insegura. Define-se a insegurança como o tema da narrativa, e a apresentadora como destinadora daquele texto. O sujeito é a escalada da

³⁹ Anexamos algumas aberturas de telejornais da TV Globo e de uma emissora estrangeira no DVD.

violência, que pressupõe um estado anterior eufórico, em que o sujeito população vivia em conjunção com o objeto de valor da não-violência, mas que com a transformação da violência em sujeito esta realiza uma mudança de estado na população, dessa vez objeto na narrativa.

Dirigimos nossa atenção para a narração da notícia pela apresentadora. Seu texto sobre os ataques em São Paulo contém um termo jornalístico conhecido, o jargão *escalada*. Escalada significa o momento de abertura do programa em que se anunciam as notícias a serem cobertas pelo telejornal daquele dia. Esse termo também é usado nos textos noticiosos para focar o crescimento intenso, rápido e descontrolado, como o aumento da pobreza, de doenças infecciosas, e no dia analisado é utilizado por Bernardes para a descrição dos acontecimentos: “a escalada da violência”. O primeiro adjetivo usado para designar a condição da população paulista é “acuada”⁴⁰. Continuando com este *lead*, a apresentadora informa que a série de atentados atinge policiais e civis. Quando usa a expressão “a série”, Bernardes delimita uma diferença desses ataques em relação a qualquer outro evento de violência na cidade, caracterizando-o a partir de uma condição de ineditismo: não se trata de uma eventual ocorrência. Ao dizer que tanto policiais quanto civis são atingidos pelos atentados, a enunciativa delimita um universo de pessoas envolvidas no fato narrado, que em um primeiro momento abrange toda a população, incluindo aí o telespectador que a assiste. Mas a própria divisão entre “corporações policiais, e civis” já discrimina um alvo inicial e outro secundário. A apresentadora convida o telespectador a acompanhá-la em uma mudança espacial para São Paulo, em um tempo distinto: “ao vivo”. Chamar quem assiste ao programa para acompanhar a notícia em *tempo real* é, nessa narrativa, a conclusão de um esforço para produzir um sentido de urgência ao fato noticiado e proximidade entre o fato e o espectador a partir da mediação imparcial do telejornal. Além do sentido de ubiquidade, ou seja, da proximidade e abrangência do programa, os adjetivos e expressões destacados até agora (acuada, escalada da violência, série de atentados)

⁴⁰ O dicionário Houaiss da língua portuguesa traz vários significados para *acuado*, entre eles derivações em sentido figurado para vencidos, detidos, calados, sem alternativas, humilhados, forçados, compelidos, intimidados, circunscritos a um determinado ponto.

produzem o efeito de sentido de insegurança no destinatário da mensagem. Uma vez que ele já se sente inserido naquele contexto, aquela notícia faz parte de seu cotidiano e a ele diz respeito.

Em segundos Bernardes divide a tela com o apresentador e editor do programa William Bonner, que se encontra em São Paulo, do lado de fora da sede paulista da TV Globo. Assim, o poder de voz da enunciativa Fátima Bernardes é passado para o novo enunciatário do texto telejornalístico, Bonner. Nessa configuração visual, em que uma apresentadora está no estúdio do Rio de Janeiro, e o outro apresentador se encontra em São Paulo, verifica-se a construção de um terceiro lugar, nem Rio nem São Paulo. Não um espaço do estúdio, mas do telejornal em si, do produtor e narrador de notícias, em que ainda é compartilhado com o espectador em sua casa assistindo a TV (BRITO, 2001b 136-142 passim). A justificativa para a presença de Bonner em São Paulo é estar mais perto dos acontecimentos e também como demonstração de solidariedade. O apresentador também menciona que o acontecimento ainda está ocorrendo: “Agora, ônibus e bancos também são alvos das quadrilhas”. Antes ele indica ao telespectador onde exatamente está, e também determina o quê o destinatário da mensagem deve ver: “Ao fundo você vê o complexo viário Jornalista Roberto Marinho, inaugurado recentemente”. São justificativas para a criação de um *tempo real*, onde se narram fatos que acontecem simultaneamente com sua transmissão, ao contrário da locução convencional de telejornais, que por ser de notícias anunciadas no passado se faz em tempo atual⁴¹. Ao determinar o que o telespectador vê o destinatário da mensagem o insere no contexto construído, colaborando para o já efeito de ubiquidade no programa.

Retornando à análise da narração de Bonner, verificamos que além do esforço do apresentador em conferir à sua presença em São Paulo um sentido de proximidade construída entre o enunciatário e o enunciatário, há o começo de uma determinação de sujeitos na narrativa maior, em que o narrador indica pessoas e grupos como realizadores de ações relacionadas aos ataques. Fala-se de uma onda de atentados supostamente realizada por uma quadrilha, que naquele

⁴¹ Veja as definições de *tempo real* e *tempo atual* de Brito no primeiro capítulo.

instante começava a atingir entidades civis. De fato, a mídia televisiva mencionara ataques realizados no fim de semana precedente, inclusive com interrupções jornalísticas em programas como *Domingão do Faustão* e *Domingo Legal*.⁴² Entretanto não fora uma variedade de transmissões televisuais em tamanha quantidade como se deu durante a segunda-feira, que interrompeu várias vezes o fluxo televisivo de diversos canais com o objetivo de acompanhar os ataques. Assim, percebe-se a vontade de Bonner de trazer o assunto de forma explicativa para todos os possíveis públicos do *Jornal Nacional*, inclusive os telespectadores que não tiveram a chance de saber sobre os ataques. Nesse primeiro momento, sujeitos são nomeados por Bonner – quadrilhas e entidades civis como bancos e ônibus – e adicionam-se aos sujeitos mencionados por Bernardes – a população acuada, as entidades policiais – na construção de um cenário de atacantes e atacados, e a grande consequência do conflito realizado: a população atacada ficou acuada, e os atacantes obtiveram a vitória. A reportagem gravada apresentada em seguida corrobora as frases de Bonner: são usados termos como “criminosos” e “bandidos” para os realizadores dos ataques, e esses contrapõem-se às empresas de ônibus, às pessoas entrevistadas, à própria CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), aos policiais e cidadãos comuns na definição de um sujeito atacado.

Em continuação à matéria dada, Bonner informa que “o medo dos atentados se espalhou pela cidade de São Paulo”. Mesmo que dessa maneira ele não determine com exatidão quem são os bandidos e criminosos responsáveis pelos ataques, conclui-se que mais importante é verificar que o enunciador estabelece um estado de medo e insegurança que atinge a população paulistana. Notamos também o destaque dado pelos dois jornalistas responsáveis pelas reportagens gravadas no início do jornal, José Roberto Burnier e Ernesto Paglia, que se referem à quebra da rotina: “A população da Grande São Paulo não consegue retomar a rotina”; “É segunda-feira, mas a semana custa a começar em São Paulo”. Os ataques impedem a população de ir ao trabalho e configuram uma

⁴² Infelizmente não conseguimos adquirir vídeos das transmissões destes dois programas, devido à dificuldade do contato e impedimento burocrático por parte das emissoras de televisão.

ruptura no cotidiano, a ordem natural dos fatos é interrompida, impedindo as pessoas de continuar com suas vidas, causando um estranhamento complexo e promovendo a sensação de insegurança.

A reportagem seguinte descreve o comportamento da população ante as notícias sobre os ataques na cidade. Como Bonner informa, “muitas lojas, escolas e universidades fecharam as portas”. Ernesto Paglia, o repórter investigativo, apresenta o movimento de “multidões” nas ruas andando em direção ao trabalho, devido à ausência dos ônibus, diante do dilema de “perder o emprego, ou a própria vida”. Trata-se de uma população acuada, que se apresenta amedrontada com os ataques e “indignada com a afronta dos bandidos”, mas que mesmo assim se esforça na manutenção da rotina. Em determinado momento a reportagem enfoca em close o rosto de uma senhora que lamenta a ausência dos ônibus, sua única maneira de chegar ao trabalho, mas que, mesmo assim, apesar das adversidades daquele dia, ela iria até o trabalho a pé, por medo de perder o emprego. Após o depoimento dessa senhora em close, a cena mostra também em close o rosto de uma jovem que, chorando, diz-se desesperada por estar nas ruas e sem ninguém que possa protegê-la. Destacamos aí a construção de uma sensação de dramaticidade: quando Paglia refere-se ao dilema de “perder o emprego ou a própria vida”, o repórter eleva uma atividade cotidiana a uma causa de vida ou morte. A aproximação da câmera ao rosto das entrevistadas presentifica a proximidade das mulheres escolhidas para falar – estamos assim o mais próximo possível dessas pessoas em um momento tão dramático em suas vidas, graças ao close da câmera. E assim a situação de medo é dividida com o espectador, que em casa vivencia os problemas de quem precisava dos ônibus. Curiosamente, durante todo o discurso do repórter, as autoridades responsáveis pela segurança pública, inclusive policiais civis e militares, não foram mencionadas.

Na próxima inserção “ao vivo”, Bonner retorna à tel

em *off* do repórter Cesar Galvão passa o número de cidadãos prejudicados com a falta dos serviços de transporte público interrompidos: “cinco milhões e meio de pessoas são prejudicadas, e a zona sul é a mais atingida”. Com uma narração acelerada e cujo ritmo destaca os números do congestionamento na cidade, ele ressalta a lentidão no trânsito e uma consequência técnica: a medição do tráfego foi interrompida pela CET devido a uma pane nos equipamentos: “a lentidão na cidade é tamanha, que a Companhia de Engenharia e Tráfego parou a medição por pane nos equipamentos”. Ainda menciona o último número de quilômetros de vias congestionadas: “195 km, o maior do ano” e informa que a via mais afetada é a marginal Tietê, “que cruza a cidade”. Podemos nos interrogar a respeito da identificação da marginal Tietê como a via que cruza a cidade, uma vez que muitas vias atravessam a cidade, em várias direções. Ao destacar a marginal Tietê especificamente e justificar esse destaque por causa de sua característica de “cruzar a cidade”, o repórter mais uma vez envolve o maior número possível de habitantes da cidade no acontecimento.

No retorno do poder de voz a Bonner, o apresentador informa que “os números dos ataques e de mortos e feridos muda a todo o momento”. Os termos utilizados (mortos e feridos, ataques, muda a todo momento, o maior congestionamento do ano, cinco milhões e meio de pessoas envolvidas, só cinco empresas de transporte operando) nos textos do repórter no helicóptero e do apresentador deslocado para São Paulo sugerem marcas enunciativas que constroem o efeito de sentido de medo e insegurança, não somente por parte da população apresentada nas imagens, mas também no espectador que assiste e o qual a narração busca envolver.

O discurso jornalístico esforça-se em ampliar os ataques e as suas consequências para todas as áreas geográficas e esferas de convívio da cidade: ao trânsito congestionado, aos incêndios na periferia, às pessoas amedrontadas nas ruas e ao centro expandido da cidade vazio ao fim da tarde adicionaram-se cenas de pais pulando os muros das escolas para buscar os filhos nas escolas públicas, faculdades particulares fechadas sob possibilidades de ataques, comércio fechando as portas. Depois de ressaltar a mudança constante dos

números sobre os ataques, o apresentador divide a tela com um repórter que se localiza na Secretaria de Segurança Pública da cidade, e passa o poder de voz para esse repórter. Assim, mais uma vez William Bonner utiliza o recurso de configuração de *tempo real* para a construção de um sentido de mediação imediata, de presença constante, em que os fatos ocorrem e onde é relevante estar. O repórter em *tempo real* acentua a sensação de perigo: “Vamos ao balanço (da polícia militar), com números que lembram uma guerra”.

As apresentações por Bonner das notícias produzidas prosseguem da mesma maneira, com sua presença em São Paulo destacada pelo logotipo de “ao vivo” e as imagens do trânsito da cidade atrás do jornalista. Entretanto, elas são uma simulação de *tempo real*, uma vez que a notícia apresentada foi gravada com antecedência, e mesmo que se trate de um assunto daquele dia, não pode mais ser influenciada pelas possibilidades do tempo presente. Baseando-nos na análise já mencionada de Brito (2001b; 88-89), percebemos os esforços dos enunciatários em produzir um maior efeito de realidade e concomitância aos acontecimentos narrados a partir da substituição do tempo atual pelo *tempo real* com base nas marcas enunciativas: o logotipo de “ao vivo”, os dizeres que remontam ao que o espectador assiste no mesmo momento, etc. Enquanto isso, em configuração clássica de tempo atual, ou seja, que mantém as marcas temporais avaliadas por Brito, a participação de Fátima Bernardes, do estúdio no Rio de Janeiro, se reduz a introduzir as notícias sobre os ataques em outros estados.

Somente na quarta inserção de William Bonner o Governo do Estado de São Paulo é introduzido como sujeito pertinente ao acontecimento. A reportagem em tempo atual virtualizado que se segue, do jornalista Cesar Tralli, constrói uma narrativa cronológica dos ataques que começa com as características do sistema penal atual, depois passa para as decisões do governo em reunir os chefes das facções criminosas e em não aceitar suas reivindicações, e por fim mostra que os ataques estavam relacionados às ações de investigação da polícia com os presos:

Enquanto Marcola era ouvido, tinha início a onda brutal de violência. Segundo a própria polícia os ataques teriam sido favorecidos pela saída da cadeia de 12 mil presos para o feriado do Dia das Mães. Uma parte dos detentos de acordo com as investigações deixou as prisões com ordens para praticar atentados.

O texto de Tralli revela supostas origens dos ataques em presídios no estado, cita criminosos como Marcos Camacho (o Marcola, que mais tarde seria apresentado pela mídia em geral como o líder do PCC e realizador do planejamento dos ataques) e ressalta a brandura de leis carcerárias existentes, em uma oposição construída através de depoimentos de juízes e criminalistas da área. Ao dizer “tempos duros exigem leis duras”, o juiz criminalista entrevistado está qualificando as leis atuais como incompetentes, e mais adiante sugere a renovação das mesmas pelo Congresso. Por sua vez, a postura do governo é apresentada em um primeiro momento pelo discurso das autoridades policiais, em cenas recortadas da entrevista coletiva proporcionada pelo comandante-coronel Eliseu Ecler na tarde daquela segunda-feira: “Com marginal não se negocia”, “Bandido é bandido, Estado é Estado”. Assim os narradores do telejornal definem a postura das autoridades em relação aos responsáveis dos ataques. Mais tarde, Cesar Tralli consolida a suposta decisão do governo: “Em meio à ocorrência dos ataques, o governo do estado recusou a ajuda do governo federal”. Nessa reportagem, o governo é assim apresentado como a autoridade responsável pela segurança pública, representada especificamente pela polícia militar. Mas desde o início o enunciado caracteriza um sujeito inoperante, desatualizado e despreparado para lidar com a situação, como se vê nas considerações dos juízes. Definido como sujeito impotente diante dos fatos, o texto dos juízes entrevistados desqualifica o governo do estado por ter tomado decisões incorretas e reiteram que este deveria ser responsabilizado pela série de ataques criminosos: “A experiência internacional mostra que líderes não podem estar presos no mesmo lugar (...) eles acabam criando seus próprios códigos, se comunicando”. Tralli conclui:

Juntos no mesmo presídio chefes das facções criminosas endureceram o discurso e passaram a fazer exigências de regalias, como por exemplo a instalação de televisões para assistir aos jogos

da Copa. Os presos queriam ainda chuveiros com água quente e mais visitas íntimas. Ouviram um sonoro não do Estado. Ameaças de rebeliões aumentaram, e na sexta-feira a polícia trouxe mais presos para São Paulo.

Seguimos então para o momento em que a configuração de *tempo real* é utilizada de maneira mais marcante no programa analisado: uma entrevista “ao vivo”, feita por William Bonner, ao Governador do Estado Cláudio Lembo, os dois dividindo a tela, cada um em um local diferente da capital paulista. Ao iniciar a conversa notamos que apesar de ambos utilizarem fones de ouvidos discretos, é Bonner que possui um microfone em punho, com o logotipo da TV Globo destacado, enquanto o governador tem um mini-receptor preso em sua gravata. A posse do microfone por Bonner sugere a autoridade necessária ao profissional de televisão para o confronto com o governador, que por sua vez relembra a própria autoridade política ao localizar-se em uma sala onde vê-se partes das bandeiras do Brasil e de São Paulo e o Brasão de Armas do Estado de São Paulo.

Na entrevista com o governador, Bonner inicia afirmando que a polícia teve informação antecipada sobre as rebeliões em presídios, fato que é confirmado em *tempo real* pelo governador. Ao perguntar o que haveria dado errado para ocorrer a “tragédia de assassinatos, de terror nas ruas”, Bonner ouve um sonoro “não” de Lembo, afirmando que “nada deu errado”. Uma contradição que se estabelece a partir de números que o governador oferece a respeito das rebeliões no Estado. Demonstrando surpresa, com as sobrancelhas arqueadas e queixo caído, Bonner pergunta então onde o governador encaixaria as mortes que ocorreram, se havia sido um erro. Lembo mais uma vez responde com firmeza, definindo tudo como uma grande tragédia, um nível de violência não esperado do crime organizado, onde ocorrera “aqui e ali situações difíceis”. O governador busca construir um sujeito crime organizado que “não havia sido conhecido no país”, e que a partir de então a polícia teria “efetuado corretamente, desmascarando essa gente da má vida”. Insistindo no respaldo da opinião pública, Bonner faz uma pergunta que estaria de acordo com o pensamento da maioria dos brasileiros: por que não aceitar a ajuda do governo federal naquele momento?

O governador combate a pergunta: “acho isso um grande equívoco de colocação de pergunta”, e nesse embate direto, Bonner busca retomar o poder de voz de maneira discreta e educada, mas que ainda assim gera um certo desentendimento no diálogo. O governador transfere a questão da ajuda federal para o apoio do exército, que não seria necessário no momento e esclarece que estava havendo colaboração entre a polícia estadual e a federal, afirmando que ele havia conversado abertamente com o presidente Lula. Bonner, por fim, especifica a questão para a oferta de uso da Força de Segurança Nacional, de quatro mil homens bem treinados que poderiam ajudar, mas que foram recusados pelo governo estadual, e Lembo afirma que as decisões do governo estadual teriam uma perspectiva estratégica diferente, e que estariam funcionando: “está indo bem”. Percebe-se que, mesmo consternado, Bonner termina a entrevista e retorna a voz para Fátima Bernardes em estúdio. Cláudio Lembo, com idade avançada, apresenta semblante cansado, com olheiras bem visíveis e sobrelhas que lhe sugerem uma excentricidade já reconhecida pela mídia⁴³.

De outro lado, Bonner tem aparência jovem, saudável, com visual impecável. Bonner se dá o direito de expressar frustração e surpresa durante a conversa, enquanto que Lembo não manifesta nenhum sentimento, não demonstra nenhuma intimidação, mantendo uma postura fria em momentos ambíguos, como aquele em que afirma que a situação está controlada ou que ocorreu um “grande drama”. O governador é portador de uma certeza absoluta, que não se rompe com a presença e as questões de Bonner, que busca interferir com sua expressão facial e meandros em sua fala (“mas governador, me perdoe, me desculpe”). Ao terminar a conversa com Lembo, Bonner já avisa que o programa está acabando, mas antes deverá receber as últimas informações, “ao vivo” do jornalista Rodrigo Viana. Esse por sua vez confirma o balanço da polícia dito pelo governador de que não há nenhuma rebelião em presídios acontecendo no momento, e que era preciso saber então quando os presos que receberam a

⁴³ Em rápido levantamento no site de buscas Google, surgiram 261 citações às sobrelhas do governador Claudio Lembo, entre elas algumas que as consideravam fantasmagóricas (*blog* de Ruy Nogueira disponível em <http://ruynogueira.blogspot.com/2006/05/vingana-do-doutor-lembo-por-trs-de-sua.html>), ou enormes e assustadoras (disponível em: http://deolhonacapital.blogspot.com/2006/08/sbado-e-domingo_26.html) Acesso em 29/09/06.

folga para o Dia das Mães iriam retornar às cadeias. Mais uma maneira encontrada pelo *Jornal Nacional* para prevalecer a sua opinião sobre a insegurança e o medo estabelecidos no país, justificando que os presos liberados para a folga poderiam ter sido os responsáveis pelos ataques e voltariam a atacar. Ainda como uma referência ao atraso na resposta das instituições públicas responsáveis, um detalhe do repórter: “três dias depois do início dos ataques não há lista oficial dos policiais que morreram durante o ataque”. Bonner recebe de volta o poder de voz para fechar o programa, lembrando o telespectador que outras informações entrariam no ar a qualquer momento caso fosse necessário. O jornalista não diz “boa noite”, já que essa saudação é substituída pelos destinadores do *Jornal Nacional* por um “até amanhã” quando o programa traz um assunto de maior peso dramático, como os ataques às torres do World Trade Center em Nova Iorque ou a morte do jornalista Roberto Marinho. Entretanto, Fátima Bernardes diz “boa noite”, nos sugerindo a interpretação de que a situação seria grave para São Paulo apenas, o lugar de onde Bonner está. O resto do Brasil, que acompanhou o jornal como Fátima Bernardes, está em uma condição mais tranqüila, poderia ficar mais calmo com o fim do programa.

O *Jornal Nacional* possuía uma grande vantagem em relação aos outros telejornais: a presença do governador de São Paulo em uma entrevista exclusiva, após as coletivas de imprensa dadas pelo próprio Cláudio Lembo, pelo comandante da polícia e pelo ministro da justiça Tomás Bastos. Percebemos um esforço por parte de Bonner em extrair do governador a constatação de que a polícia militar não agiu com rapidez aos ataques e que as autoridades públicas não entraram em contato com a população a tempo para que os boatos e a conseqüente sensação de insegurança se instalassem. Mas o governador mostrou-se resistente e manteve a sua opinião de que tudo estaria sob controle, que não havia motivo para pânico, contrariando Bonner e deixando-o com uma aparência um tanto perplexa e vencida. Concluímos que para os enunciadores do *Jornal Nacional* era mais importante construir os efeitos de ubiquidade e concomitância, através das transmissões diretas em *tempo real* e externas, historicamente os artifícios usados por aquele programa para manter a audiência

ligada em sua transmissão. Dizer se a situação estava ainda grave ou não e quem seriam os responsáveis pelos ataques, para os destinatários do texto do *Jornal Nacional* não tinha tanta relevância.

CONCLUSÕES

de TV SBT, que conseguiu audiência por meio de programas de caráter popular e justificou assim a passionalização do medo junto à apresentação da violência, fato principalmente merecedor de crítica aos olhos dos profissionais de comunicação.

Ao fim de nossa dissertação, realizamos uma análise textual discursiva do *corpus* selecionado, caracterizado pelas transmissões em tempo real de plantões extraordinários ou dentro dos programas telejornais. Os estudos de mídia impressa e televisão abordados para esta pesquisa já nos adiantavam os efeitos de sentidos que o gênero telejornal produz no meio televisual. A objetividade é uma estratégia discursiva para convencer o público receptor de que tais mensagens são as mais completas possíveis, e que por isso ele pode confiar seus sentidos aos efeitos provocados pelas transmissões. Os emissores produziram nas transmissões televisuais informacionais os efeitos de presença e ubiquidade, concomitância, neutralidade (esta última também uma ferramenta que compõe a natureza da notícia) para serem percebidos, sentidos pelo espectador, a partir dos instrumentos enunciativos da discutida objetividade, da dramatização, da alteração pré-determinada do ritmo, do texto verbal produzido pelos apresentadores e pelos repórteres, e da composição de imagens geradas em diversos planos.

Cada programa reforçou a sua tradicional produção de efeitos: os boletins e programas da TV Globo apoiaram-se nas retransmissoras e helicópteros no ar para dar a sensação de que traziam notícias de todos os lugares de que algo relacionado ao PCC poderia estar em andamento. O ápice desse movimento é a transferência de Bonner para São Paulo para a entrevista exclusiva com o governador Cláudio Lembo. Já o SBT carregava a dramaticidade dos acontecimentos na voz do seu âncora Carlos Nascimento, que também “sustentava” todo o departamento de jornalismo do canal em sua representação para o público, destacando os acontecimentos e controlando os contatos estabelecidos com outros repórteres. Não houve, por exemplo, em nenhuma das emissões analisadas, indicações de quais ruas tomar para voltar pra casa, se os estudantes deveriam ou não ir para as escolas, quais linhas de ônibus operavam, quais alternativas aos ônibus estavam em funcionamento para transportar as

pessoas. A cobertura foi superficial por não ter apresentado outros aspectos da notícia, outras vozes que precisavam ser ouvidas: ninguém da CET foi entrevistado, as informações oficiais foram poucas e repetidas, as figuras públicas não deram pareceres completos, as emissoras não se prepararam durante o fim de semana, foram pegadas de surpresa na segunda-feira por acontecimentos que já haviam ocorrido e as poucas reportagens gravadas cobriram os fatos a partir do que já havia sido noticiado, sem grande profundidade ou novas informações; tampouco apontavam os reais responsáveis pelos acontecimentos, o PCC.

Percebemos que devido também à natureza comercial das emissoras de televisão brasileiras, cujo resultado da busca por índices expressivos de audiência traduz-se em maior poder de atração e barganha com anunciantes, os telejornais selecionados tornam-se parte efetiva dessa grande dinâmica mercadológica. Nesse contexto, mais importante é trazer a atenção do espectador para a própria programação em si, esquecendo-se do caráter de serviço público que a televisão apresenta, produzindo um jornalismo de “escolhas iguais”, pasteurizado, em que o enfoque dado às notícias não se altera nem aborda pontos de vista diversos. Laurindo Lalo Leal Filho relata em sua obra *A TV sob controle*:

Na televisão brasileira, movida por interesses comerciais, a notícia é tratada como um produto a mais. Ela está ali para dar audiência e não informar. Quanto mais espetacular, melhor. Entre informação séria e importante para o cidadão, sem imagem, e outra irrelevante socialmente, mas assustadora do ponto de vista visual, a TV escolhe a segunda (LEAL FILHO, 2006: 95).

Não importaram, assim, outras condições, como as conseqüências sociais de uma transmissão que aborde aspectos limitados dos acontecimentos. Ao invés de realizarem uma cobertura abrangente dos fatos, as emissoras produziram uma série de reportagens e interrupções no fluxo televisual que buscavam somente chamar a atenção para si, tirar o telespectador da rotina dos programas de auditório e de culinária para um “regime do olhar atento”, sem se importarem com as eventuais necessidades do público cativado pelo que era transmitido: esclarecimentos amplos sobre os acontecimentos, busca de

informações oficiais adicionais e reflexão sobre a notícia a partir de pontos de vista mais variados possíveis.

Tratada da maneira como se viu nessas transmissões, a notícia subordinada aos interesses comerciais deixa de fora vozes de “verdadeiros protagonistas da vida real”, que representam melhor a população, como sugere Leal Filho: as organizações não governamentais, sindicatos independentes, movimentos de proteção às minorias raciais, de gênero e sociais, e a própria produção acadêmica (ibid.: 96). De fato tais vozes, que também são representações organizadas da população que sofreu no trânsito, nos ônibus, escolas e shoppings da cidade, não foram abordadas durante as transmissões dos ataques criminosos. Leal Filho constata que a televisão brasileira detém maior poder do que em qualquer outro país, apoiada em um grande aparato tecnológico e oferecida a uma população desprovida de outras maneiras de informar-se ou entreter-se. Entretanto, com um olhar otimista, o pesquisador defende que o brasileiro, descontente e desejoso de mudanças no que vê na televisão, começa a demonstrar um olhar crítico para o que assiste e organiza-se para que o poder desviado para e gerido pelos donos das emissoras sofra mudanças e controles baseados nas responsabilidades de cada integrante dessa relação comunicativa. Talvez possamos encarar a reação descrita nos *blogs* a respeito das transmissões jornalísticas dos ataques como esse desejo de mudança defendido por Leal Filho⁴⁴. Esperamos com esse trabalho ter contribuído para a construção deste novo olhar sobre a televisão, com crítica e ponderação que elevem a qualidade das transmissões e cumpram a real possibilidade de utilização da televisão como serviço público de transmissão de informações e entretenimento.

Outras obras foram utilizadas, como *Tv ao vivo*, de Claudia Macedo, Ângela Falcão e Cândido José Mendes de Almeida (1988) *O texto na tv – manual de telejornalismo* de Vera Íris Paternostro (1999) e *Television Production Handbook*, de H. Zeltl. Tais textos enfocam as rotinas produtivas das equipes de telejornalismo, a partir das experiências profissionais dos autores na área. Essa

⁴⁴ Há em anexo uma relação de *blogs* que mencionam os ataques do PCC e as transmissões na televisão a seu respeito.

vivência pôde nos mostrar algumas razões que justificam certas características das transmissões diretas, como a imprecisão de informações, a demora na apresentação da notícia pelo repórter (o chamado nariz de cera do repórter) e talvez outras peculiaridades. Para um estudo dos percursos passionais do medo e insegurança nas transmissões diretas selecionadas, abordamos textos de Nilton Hernandes.

Em nosso primeiro contato com os conceitos de Dayan e Katz para os grandes acontecimentos midiáticos e os grandes acontecimentos da notícia, tomamos as considerações dos autores que diferenciavam os dois termos. Como vimos no primeiro capítulo, Dayan e Katz definem os grandes acontecimentos midiáticos como interrupções do fluxo televisual, acontecem em mais de uma emissora, são planejados e anunciados com antecedência, e procuram apresentar o evento como uma quebra, uma transformação, um ponto de mudança, que “celebram a ordem e sua restauração” (DAYAN, KATZ, 1995: 17). A diferença entre os acontecimentos midiáticos e os acontecimentos noticiosos é que a transmissão deste segundo tipo não é planejada como um evento. O acontecimento noticioso fala de acidentes, de perdas, e seu objetivo é primordialmente a informação a respeito do fato, com a quebra do fluxo da programação televisual. Não conta, entretanto, com detalhes característicos dos acontecimentos midiáticos, como a co-participação no preparo de sua transmissão, por uma instituição pública que o organiza, por emissoras que divulgam com antecedência a sua transmissão, e pela população a se preparar para assisti-lo, e deixar o trabalho mais cedo, ou ligar o aparelho de TV no escritório, por exemplo.

Chegamos, porém, a uma descoberta inesperada. Descobrimos que Becker encontrou uma brecha apontada pelos autores e abriu o campo conceitual definido pelos pesquisadores, atendo-se à fala de Dayan e Katz sobre o fato de que as duas formas narrativas (os acontecimentos midiáticos e os acontecimentos noticiosos) caminham em terrenos vizinhos, cujas fronteiras são muito tênues (BECKER, 2005: 120). Principalmente ao considerarmos o contexto político e cultural de cada nação durante as transmissões, as interações potenciais e

negociações de sentido nesses processos de comunicação, os significados produzidos e atribuídos a essas cerimônias, e as coberturas midiáticas realizadas num determinado momento histórico pelas emissoras, pelos profissionais, pelo governo, e pelas audiências (ibid.).

De acordo com Becker, as distinções realizadas por Dayan e Katz entre acontecimentos midiáticos e os acontecimentos noticiosos “deixam escapar a falta de um domínio relativo da lógica de produção do jornalismo televisivo”. Essas distinções também oferecem pistas preciosas para a compreensão dos efeitos de fatos sociais relevantes na atualidade representados com destaque na televisão e acompanhados por grandes audiências. Por tal razão, a pesquisadora uniu características singulares dos acontecimentos midiáticos à cobertura dos grandes acontecimentos noticiosos, adotando e endossando as suas contribuições para depois analisar os efeitos relativos ao seu objeto específico. (ibid.: 122) Usamos a lógica de raciocínio desenvolvida por Becker em nossa pesquisa, considerando que as grandes coberturas dos noticiários são articuladas de modo distinto das reportagens cotidianas e se aproximam muito das cerimônias midiáticas:

Em primeiro lugar, demandam a organização de uma equipe especialmente destacada para realizar as tarefas implicadas nas transmissões, que muitas vezes acontecem ao vivo, em tempo real, inseridas na estrutura do telejornal constituída por blocos, separados por intervalos comerciais, produzindo até a reformulação dessa mesma estrutura [...]. São também coberturas planejadas que, geralmente, também atraem audiências consideráveis. Em segundo lugar, justamente por causa das transmissões ao vivo, as coberturas de grandes acontecimentos noticiosos têm um *timing* e processos de construção de sentidos diferentes da narrativa das reportagens cotidianas, ganhando um “peso” editorial significativo, [...] com características bem próximas às transmissões denominadas acontecimentos midiáticos pelos autores já citados. Em terceiro lugar, as imagens desses acontecimentos podem até se sobrepor às palavras na constituição dos sentidos das narrativas, quando evidentemente têm maior impacto, porém menos hierarquia em relação ao texto verbal, mas mesmo nesse tipo de transmissão, são normalmente menos diversificadas (ibid.:121-122).

Assim, considerando as “fronteiras conceituais tênues” e “a falta de um domínio relativo da lógica de produção do jornalismo televisivo”, podemos supor que houve um esforço por parte das emissoras de televisão em transformar as notícias dos ataques do PCC na cidade de São Paulo em um evento em si. Ademais, os ataques já haviam diminuído naquela segunda-feira, e durante o fim de semana a população tomou deles conhecimento por meio de notas em programas como *Domingão do Faustão* e *Fantástico*, por exemplo. Com pouco tempo para se organizar, mas com grandes equipes e tecnologia de ponta disponíveis na maior cidade brasileira, as emissoras tentaram organizar, cada uma delas, um acontecimento midiático – ocupando dessa forma o lugar de fato das instituições públicas, que de acordo com Dayan e Katz, seriam os tradicionais organizadores dos acontecimentos midiáticos. Ao longo do dia as transmissões diretas serviram para romper a programação e avisar a população da mudança de rotina. Por fim, nos telejornais de grande audiência da noite, principalmente o *Jornal Nacional*, a estrutura já estava montada, e a audiência já havia se preparado para o evento, em transmissão ao vivo, do grande acontecimento midiático. Justifica-se assim a presença de William Bonner direto de São Paulo para o *JN*, realizando a entrevista com o governador Lembo.

Becker previra o risco da substituição da entidade pública pelas emissoras de televisão. Os telejornais “defendem valores consensuais e impõem pelas características do próprio discurso, autoridade para orientar os telespectadores e as ações sociais” (ibid.: 121). Se originalmente os acontecimentos midiáticos transmitem eventos hegemônicos e de caráter afirmativo, também “convidam ao exame do *status quo* e lembram que a realidade tem falta de regras da sociedade” (DAYAN, KATZ, 1995: 33). Se há o raciocínio de “reflexão sobre a sua própria gênese” no momento em que se assiste uma transmissão de caráter enaltecedor da sociedade, o que não pensar de uma transmissão que invoca toda a complexidade de uma questão polêmica que atinge toda a sociedade? As transmissões de notícias sobre ataques em configuração de tempo real, como vimos nos telejornais daquela segunda-feira, esforçaram-se, como definem os pesquisadores a respeito dos acontecimentos midiáticos, em

integrar a sociedade num “pulsar coletivo”. Se não invocaram a renovação da lealdade da sociedade para com a sua autoridade legítima – o estado que se ausentou durante o dia – as transmissões promoveram a renovação de um sentimento de lealdade para com uma nova autoridade estabelecida: as próprias emissoras de TV.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Candido José Mendes de, FALCÃO, Ângela, MACEDO, Claudia (orgs.). *TV ao vivo – depoimentos*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ARNETT, P. *Ao vivo do campo de batalha*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

BALOGH, A. M. *O discurso ficcional na TV*. São Paulo: Edusp, 2002.

BARBEIRO, H., LIMA, R. P. de. *Manual de telejornalismo os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARROS, Diana L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BECKER, B. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

BITTENCOURT, L. C. *Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

BISTANE, L., BACELLAR, L. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2005.

BORGERTH, L.E. *Quem e como fizemos a TV Globo*. São Paulo: A Girafa, 2003.

BRIGGS, A., BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRITO, Y. C. F. Eisenstein como livro de cabeceira. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *O cinema enciclopédico de Peter Greenaway*. 1 ed. São Paulo: Unimarco, 2004, p. 127-138.

_____. O vídeo como um projeto utópico de televisão. In: MACHADO, Arlindo (org.). *Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2003, p. 87-112.

_____. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. *Revista Symposium*, Recife (PE), v. 5, n. 1, p. 14-26, 2001a.

_____. SPTV e modos de presença: um estudo exploratório sobre estratégias enunciativas de um telejornal. *Revista Symposium*, Recife (PE), v. 4, p. 34-56, 2000.

_____. Standing Apart/ Facing Faces: notas sobre vídeo-instalação e enunciação. *Nexos*, São Paulo, v. 3, p. 119-134, 1998.

_____, OLIVEIRA, A. C. (eds) *Visualidade, urbanidade, intertextualidade*. São Paulo: Hacker, Centro de Pesquisas Sociosemióticas PUC-SP-COS/USP/CNRS, 1998.

BRITTOS, V. C., BOLAÑO, C. R. *Rede Globo. 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.

BUCCI, E. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1997.

CADERNO DE DISCUSSÃO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS USP-FFLCH, CNRS-PARIS. Apres. Eric Landowski. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2003.

CANEVACCI, M. *A cidade polifônica*. Trad. Cecilia Prada. São Paulo: Nobel, 1993.

CASETTI, F., CHIO, F. di. *Análisis de la Televisión*. Barcelona: Paidós, 1999.

CONTRERA, M. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 2000.

CURADO, O. *A notícia na TV*. São Paulo: Alegro, 2002.

DAYAN, D., KATZ, E. *La história en directo*. Mexico: GG, 1995.

ECO, U. *Obra aberta, forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FERRARA, L. A. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Edusp, FAPESP, 1993.

FIORIN, J. L., PLATÃO, F. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 2002.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Pref e trad. de Ana Claudia de Oliveira; apres. de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. São Paulo: Hacker, 2002.

_____, COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tomo II. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

HAMBURGER, E., BUCCI, E. *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

HERNANDES, N. *A mídia e seus truques*. São Paulo: Contexto, 2006.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JIMENEZ, K. Efeitos especiais recriam o tempo real. *Telejornal*, caderno do jornal Estado de S. Paulo, n° 641, 26/09/2004.

LEAL FILHO, L. L. *A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão*. São Paulo: Summus, 2006.

KAPLAN, S., REZENDE, S.N. (orgs.) *Jornalismo eletrônico ao vivo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MATTOS, S. *A história da televisão brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACHADO, A. *Arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2005.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

MÍDIA DADOS 2004, Grupo de Mídia. São Paulo.

MIRA, M. C. *Circo eletrônico: Silvio Santos e o SBT*. São Paulo: Loyola e Olho D'Água. 1995.

MOYA, A. *Gloria in excelsior. ascensão, apogeu e queda do maior sucesso da televisão brasileira*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

OLIVEIRA, A. C., LANDOWSKI, E. *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.

PATERNOSTRO, V. Í. *O texto na TV – manual de telejornalismo*. São Paulo: Campus, 1999.

PEREIRA JÚNIOR, A. E. V. *Decidindo o que é notícia – os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

REZENDE, G. J. de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, E. de A. *O telejornalismo dos anos 50 e 60*. Pesquisa realizada para o Centro Cultural São Paulo.

ROCHA, R. L. de M. Uma cultura da violência na cidade? Rupturas, estetizações e reordenações. São Paulo Perspec., Set 1999, vol.13, no.3, p.85-94.

SALÓ, G. *Qué es eso del formato?* Barcelona: Gedisa, 2003.

SANTAELLA, L. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker, 2001.

SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SILLER, B, WHITE, T., TERKEL, H. *Television and Radio News*. New York: The Macmillan Company, 1960.

SIMOES, I. F. TV a Chateaubriand. In: SIMOES, I. F. DA COSTA, A. H., KEHL, M.R. *Um país no ar: história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SQUIRRA, S. *Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

_____. O telejornalismo brasileiro num cenário de competitividade. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: 1994b.

TEODORO, G. *Jornalismo na TV*. São Paulo: Technoprint, 1980.

TRAVANCAS, I. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

VIZEU, A. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra, 2005.

WATTS, H. *On camera - o curso de produção de filme e vídeo da BBC*. São Paulo: 1990, Summus.

WHITTEMORE, H. *CNN: a história real*. São Paulo: Best Seller, 1990.

WILLIAMS, R. *Television, technology and cultural forms*. New York: Schocken Books, 1975.

WOLF, M. *Teoria das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZETTL, H. *Television production handbook*. Belmont, CA : Wadsworth Pub., c1997.

Teses e dissertações

ALMEIDA, V. C. de. *As paixões no telejornal – um percurso retórico. Um estudo do movimento das paixões na análise textual do telejornal Jornal Nacional*. 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BRITO, Y. C. F. *Televisão e Presença*. 2001b. 191 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HERNANDES, N. *O discurso do emprego e do desemprego na revista Veja*. 2001. 228 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. *Estética da violência: por uma arqueologia de vestígios*. 1997. 284 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo.

VALENÇA, I. T. *O espetáculo da tradição: um estudo sobre as escolas de samba e a indústria cultural*. 2003. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Jornais e Revistas

JIMENEZ, Keila. Parece ao vivo mas não é. *Caderno Telejornal do Estado de São Paulo*, ano 12, nº 641, p. 6 e 7, 26/07/04.

CADERNO MAIS. *TV Colosso*. Folha de São Paulo, 25 de março de 2007.

Fontes on line

ALMANAQUE DA FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_26jul00.htm Acesso em 25 de agosto de 2006.

BBC NEWS. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/americas/5297958.stm> Acesso em 13/09/06

BOURDIEU, Pierre. *A TV precisa de um contrapoder*. Entrevista concedida a Leneida Duarte. In: Revista Espaço Acadêmico, ano1, nº 10, março de 2002, mensal, ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu.htm> Acesso em: 20/10/06.

DOMINGUES, S. *PCC: O monstro mordeu a mão errada*. In: Rede Nacional de Jornalistas Populares. Disponível em: <http://www.renajorp.net/2006/05-pcc.htm> Acesso em 20/10/06.

FOLHA COTIDIANO 16/05/06. *Governo de SP culpa boatos por pânico*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1605200634.htm> Acesso em 12/07/07.

15/05/2006 - 16h34 *Após ataques, escolas e universidades suspendem aulas em SP.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121540.shtml>> Acesso em 07/07/06.

_____ 15/05/2006 - 18h15 *Emissoras mudam programação por causa de ataques em SP.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u60458.shtml>> Acesso em 07/07/06.

_____ 15/05/2006 - 19h19 *Onda de violência fecha ao menos seis shoppings em SP.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121558.shtml>> Acesso em 07/07/06.

_____ 15/05/2006 - 20h46 *Insegurança leva São Paulo a congestionamento recorde; CET falha.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121569.shtml>> Acesso em 07/07/06.

GUZZONI, J. A comunidade na TV, uma análise sobre a regionalização da notícia e o processo de participação popular. In: *Anais do 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Campo Grande (MS), setembro 2001. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4651/1/NP7GUZZONI.pdf>

IBOPE: <http://www.almanaqueibope.com.br/asp/index.asp> Acesso em 22/05/06.

MERCADANTE, M. T. et al. *Saccadic Movements Using Eye-Tracking Technology In Individuals With Autism Spectrum Disorders*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2006000400003&lng=es&lng=en&nrm=iso Acesso em 17/01/07.

MIGUEL, Luis Felipe. The Visible Election: the Globo television network discovers politics in 2002. Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582003000200004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 /09/ 2006.

REDE GLOBO. Telejornais. Disponíveis em: www.globo.com/sptv, www.globo.com/jornalhoje, www.globo.com/jornalnacional Acesso em 19/05/06.

RENAJORP: Rede Nacional de Jornalistas Populares. Disponível em: www.renajorp.net

REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>

VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da sexagésima. In: *Sermões Escolhidos, vol. II*. São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/sexagesi.html> Acesso em 02/02/07.

WHAT I'M WATCHING. Disponível em:
http://www.whatimwatching.com/jed/2006/08/the_new_soy_bom.html Acesso em

ANEXO 1: Os *blogs* e os ataques do PCC

A estratégia enunciativa da passionalização do medo no gênero informacional televisual extrapolou a abrangência dos ataques, e o medo se instaurou inclusive em cidades onde os ataques nem sequer haviam acontecido. Podemos perceber tal reação ao acessar *blogs* que produziram e postaram na Internet artigos e comentários sobre os ataques, e conferir a opinião dos usuários e autores dos *blogs* sobre o ocorrido na cidade. Alguns *blogs* são a maneira encontrada por usuários de Internet comuns e até jornalistas independentes de escreverem e colocarem à disposição para o público em geral suas opiniões sem sofrerem pressões de grupos e instituições. O *blog* registrou o sentimento de medo e angústia do paulistano no dia dos ataques do PCC.

Nossa pesquisa não objetiva analisar os *blogs* na Internet, mas acreditamos que ao acessar a opinião pública registrada tanto nos sites pessoais como em janelas de comentários teremos uma perspectiva da resposta popular aos ataques do PCC. Um passeio por *blogs* postados à época dos ataques do PCC nos apresenta a percepção de uma parte da população contaminada pelo medo das transmissões.

O número de *blogs* tem crescido vertiginosamente nos últimos anos, mas o acesso e a leitura estão concentrados em um reduzido número. Para determinar quais poderiam fazer parte de nossa pequena amostra, assumimos a eleição do site IDG Now dos dez *blogs* mais populares da Internet brasileira em 2006, realizada pelo jornalista Guilherme Felitti, cujo critério de cálculo para definir a popularidade foi a quantidade de *links* entre *blogs* que direcionavam o usuário da Internet ao site eleito. De acordo com o site, utilizaram a ferramenta Technoratti, que indexa 55 milhões de páginas em todo o mundo. Como refere-se à reportagem, “Me diga quantos sites linkam para o seu *blog* e direi se és popular na Internet.”

Dos dez *blogs* referidos na pesquisa – Cocadaboa, Contraditorium, Sedentário & Hiperativo, Josias de Souza, Jacaré banguela, kibeloco, Bluebus, Br-Linux, Noblat e Interney – nem todos fizeram menção aos ataques. O site Sedentário & Hiperativo, por exemplo, apresenta apenas um *link* para a entrevista

do então candidato a presidência Geraldo Alckmin à BBC, na qual, ao ser perguntado sobre os ataques do PCC, se recusa a continuar a conversa (www.sedentario.org).

Bluebus

O site de notícias e comentários de negócios em publicidade Bluebus, que participou da listagem de *blogs* realizada pelo IDG, apresentou links para as seguintes reportagens relacionadas ao PCC:

18/05/2006 - Don't shoot me, nao sou do PCC | leitor sugere camiseta
18/05/2006 - Cabrini entrevistando PCCs na Band | leitor que viu comenta
18/05/2006 - Lembo culpa 'elite branca' por violência, a manchete da Folha
18/05/2006 - Guerra em SP | Perguntas de 1 reporter q nao quer se identificar
17/05/2006 - Eu sei quem pagou os televisores tela plana para os PCCs
17/05/2006 - 60 televisores tela plana comprados a vista nas Casas Bahia
16/05/2006 - Estado faz balanço e desmente as noticias dos jornais de hoje
16/05/2006 - Governo negociou fim das rebelioes com Marcola, diz Estadao
15/05/2006 - Metralharam o metrô - chegou informacao enviada por leitora
15/05/2006 - 'As açoes têm origem na miséria e no descaso com os pobres'
15/05/2006 - Entidades de policiais reclamam da incompetência do Estado

Os *blogs* Josias de Souza, Interney, e do Noblat trouxeram várias inserções a respeito dos ataques e sua repercussão na cidade. Escolhemos ainda, fora da seleção realizada pelo IDG, os *blogs* do Tas, do Juca, e do Vinicius.

Josias de Souza - <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/>

O *blog* do jornalista Josias de Souza inaugurou os diários do jornal Folha de São Paulo em outubro de 2005, após ocupar o cargo de Secretário de Redação da publicação.

Além de aproveitar os contatos adquiridos dentro do Governo em 20 anos de jornalismo, segundo sua própria descrição, para tecer comentários sobre bastidores, Souza usa o *blog* para publicar análises políticas e matérias que, no formato, pouco lembram os tradicionais diários.

Busca sobre PCC: http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2006-05-14_2006-05-20.html

Conteúdo selecionado do dia 15/05/06:

'Tudo sob controle'

Fernando Donasci/Folha Imagem

Segundo o governador de São Paulo, Cláudio Lembo, a situação da segurança pública no Estado encontra-se “sob controle”. Que alguém está controlando, não há dúvida. E não parece ser o governo paulista.

Na terceira madrugada desde o início da onda de violência, foram incendiados pelo menos 61 ônibus. Atacaram-se, de resto, dez agências bancárias. Embora as informações ainda sejam desencontradas, estima-se que o número de mortos já tenha ultrapassado a casa dos 70.

Escrito por Josias de Souza às 09h13

[Comentários \(816\)](#) | [Enviar por e-mail](#)

As manchetes desta segunda



- **Folha:** “PCC faz mais de 150 atentados e provoca 80 motins; 74 morrem”
- **Estado:** “PCC ataca alvos civis e queima 34 ônibus na Capital. Guerra faz 77 mortos”
- **Globo:** “Mortos já são 72 e presos se rebelam em mais dois estados”
- **Correio:** “PCC espalha o terror em São Paulo”

Escrito por Josias de Souza às 07h41

‘Intelectual do crime’ comanda a desordem em SP

Reuters

Era fevereiro de 2002. A Penitenciária Augustino de Oliveira Jr., no município mineiro de Unaí, jamais recebera um prisioneiro tão

Contabilidade da violência em SP já soma 81 mortos

André Porto/Folha Imagem



Bastos se reúne com Lembo para oferecer ajuda

Sérgio Lima/Folha Imagem



A pedido do presidente da República, o ministro Márcio Thomaz Bastos (Justiça) voou para São Paulo. Marcou uma reunião para o início da noite desta sexta-feira com o governador paulista Cláudio Lembo.

A locomotiva parou!



Pânico provocado pelos ataques do PCC deixa Avenida Paulista deserta, às 20h

À sua maneira, São Paulo sempre foi uma cidade feliz. Tinha consciência de que sua felicidade era um sentimento escorado no vocábulo “*não*”. Mas era feliz.

São Paulo sorria quando **não** dava de cara com o trânsito congestionado da Avenida Paulista, quando **não** morria afogada numa enchente do Anhangabaú, quando **não** lhe encostavam um revólver na nuca, quando **não**...

São Paulo **não** era uma cidade. Transformara-se em entidade. Soturna, **não** vestia mais cor-de-rosa. Elegera o cinza como cor preferida. Rendida às contingências, **não** amava o belo, mas feio e o caótico, que sempre corresponderam à afeição.

Contraditória, morava na fartura, mas **não** se horrorizava diante da janela com vista para a miséria. Conformada, passeava de Mercedes, vidro fechado, metida em roupas chiques, mas **não** se constringia com a mão estendida do menino miserável no sinal de trânsito, símbolo do fracasso do capitalismo à brasileira.

Orgulhosa da condição de locomotiva nacional, São Paulo **não** dormia. Súbito, decidiu recolher-se no meio da noite. Parece ter caído em si. Deu-se conta de que, de tanto praticar roleta-russa, estourou os próprios miolos.

São Paulo já **não** reage. Rendida à sua própria imprudência, foi dormir mais cedo nesta segunda-feira. O trânsito da Paulista **não** estava bloqueado, como de hábito. Mas **não** havia quem se atrevesse à travessia. São Paulo **não** resistiu ao crime que o seu caos organizou.

Escrito por Josias de Souza às 02h19

Cessam rebeliões e ataques; cheiro de acordo no ar

O texto abaixo reproduz os principais trechos de reportagem publicada na [Folha](#) desta terça-feira (para assinantes). Foi escrito por Gilmar Penteado, André Caramante e Cristiano Machado:



“A cúpula do PCC (Primeiro Comando da Capital) deu ordem ontem para cessar os atentados e rebeliões em São Paulo, após dois dias de negociações com representantes do governo do Estado.

Caos ordenado!



Escrito por Josias de Souza às 03h21

PCC devolve São Paulo aos paulistas



Os ataques da criminalidade às forças de segurança de São Paulo cessaram do mesmo modo que haviam começado: de uma hora para outra. Brigando contra as evidências, o delegado-geral da Polícia Civil, Marco Antônio Desgualdo, nega que o Estado tenha negociado com a bandidagem do PCC.

Cessar-fogo em SP veio após reunião com bandido



O cessar-fogo decretado pelo crime organizado na guerra que travava desde sexta-feira com a polícia de São Paulo foi precedido de um inusitado encontro. Representantes do Estado reuniram-se com o manda-chuva do PCC (Primeiro Comando da Capital), Marcos Willians Herba Camacho, o Marcola. Deu-se nas dependências do presídio de “segurança máxima” de Presidente Bernardes

Blog do Noblat

Fonte: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/default.asp?periodo=20060515>

São Paulo, sob toque de recolher informal

(imagem removida)

Paulo Pinto/AE

Da Agência Estado:

"A cidade de São Paulo vive um toque de recolher informal na noite desta segunda-feira por causa do medo de ataques do PCC. Às 21 horas, após o caos que marcou a volta dos paulistanos para a casa, com o trânsito ainda mais complicado que o normal, escassez e lotação de ônibus, ruas e avenidas estavam praticamente desertas.

Vias que normalmente são movimentadas nesse horários tinham um fluxo semelhante aos das madrugadas, com pouquíssimos veículos circulando. Mesmo com o metrô funcionando normalmente, o medo dos paulistanos fez com que os usuários adiantassem a volta para casa e poucos passageiros podiam ser vistos na estações e trens".

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 21h39m

A foto do dia

(imagem removida)

Foto: Paulo Liebert/AE

Passageiros tentam lugar em ônibus, já lotado, na zona sul de São Paulo, hoje. Devido aos ataques promovidos pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) a mais de 50 ônibus, várias empresas recolheram os veículos e usuários ficaram sem transporte para retornar para casa.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 21h28m

Diálogo exemplar

- O que deu errado, governador ? - perguntou, há pouco, o jornalista William Bonner em entrevista ao vivo no Jornal Nacional.

- Nada deu errado - respondeu Cláudio Lembo.

O governador enlouqueceu.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 19h03m

Medo em SP

(imagem removida)

Foto: Agência Estado

Van é abordada por policiais na avenida Angélica, bairro de

Higienópolis, área nobre de São Paulo. A cidade vive um dia de pavor.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 18h42m

Espetáculo? Só o do PCC

As corridas desta noite no Jockey Clube de São Paulo, no hipódromo de Cidade Jardim, foram suspensas dado ao medo e a insegurança que tomaram conta da cidade.

Da Agência Estado:

"O clima de insegurança que domina a cidade por conta dos ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) a policiais, delegacias, quartéis e prisões, está levando ao cancelamento ou adiamento de estréias de espetáculos, lançamento de livros e outras atividades culturais.

O coquetel de abertura da exposição Por Ti América, que ocorreria hoje, segunda-feira, a partir das 19h30, no Centro Cultural Banco do Brasil, na região central da cidade foi cancelado.

O lançamento do livro 11 Histórias de Futebol, seria lançado nesta segunda-feira, a partir das 19h30, no bar São Cristóvão, na Rua Aspícueta, 533, na Vila Madalena.

Com estréia prevista para esta terça-feira, foi cancelado o espetáculo Gala3, do Studio3 - Espaço de Dança, que seria realizado no Teatro Municipal de São Paulo, e a Secretaria Municipal de Cultura já estuda a possibilidade de suspender a Virada Cultural, marcada para o próximo fim de semana.

A decisão final será tomada nesta terça-feira, pelo prefeito Gilberto Kassab e o secretário de Cultura, Carlos Augusto Calil".

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 18h37m

Sem chance

Se você quer conversar por telefone com alguém que mora em São Paulo, tenha paciência.

Está quase impossível. As linhas estão congestionadas.

Operadoras dizem que o tráfego de hoje se parece com o de Ano Novo.

Não dá para ligar. Muito menos receber.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 18h29m

Como está S. Paulo, segundo o chefão da PM

Do comandante da Polícia Militar de São Paulo, coronel Eliseu Éclair, em entrevista coletiva que acabou de conceder:

* Hoje foi o dia mais tranqüilo de todos os dias de tumulto em São Paulo. Os ataques foram centralizados em imóveis e não nas pessoas.

* O pânico que tomou conta da cidade de São Paulo, hoje, foi causado principalmente por boatos espalhados pela Internet, em especial pela página de relacionamento orkut, e por parte da imprensa televisiva que tem apelado para o sensacionalismo e noticiado fatos antigos como se estivessem acontecendo naquele momento.

* A imprensa precisa colaborar e não noticiar boatos para evitar criar pânico.

- * Não há motivos para o fechamento de escolas e universidades.
- * A polícia está em guerra contra os criminosos e não vai recuar. Mais de 100 armas foram apreendidas e 39 bandidos mortos. A segurança está sendo controlada.
- * A população deve colaborar com a polícia e ligar para o 181 ? o disque-denúncia ? denunciando ataques.
- * Não houve ataques ao metrô e ele funciona normalmente.
- * Não há razão para se receber ajuda de uma força tarefa do governo federal. A polícia de São Paulo é modelo para as outras corporações do país. A situação ainda não está nesse nível.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 17h39m

"Não temos a menor preocupação com o futuro"

O governador Cláudio Lembo admitiu que a polícia de São Paulo sabia, há pelo menos três semanas, que a organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) planejava atacar as forças de segurança do Estado.

- Não somos desvairados. Tínhamos informações.

Se tinham, o que fizeram para prevenir os ataques além de transferir presos perigosos para penitenciárias de segurança máxima? Policiais civis, sob a condição de se manterem anônimos, dizem que de nada foram avisados.

Se a Polícia Militar foi avisada, não se sabe por que ela não entrou de prontidão. Nem por que não foram canceladas folgas de policiais e convocados outros tipos de reforços. O governo ficou de bico calado e de braços cruzados.

Dez mil presos que cumprem pena em regime semi-aberto foram autorizados a dormir em suas casas para celebrar o Dia das Mães. E agora a Secretaria de Segurança Pública desconfia que muitos deles participaram dos ataques no último fim de semana.

Não basta repetir, como tantos fazem em horas como essas, que falta ao país uma política de segurança pública. E que um sistema de repressão eficiente de pouco valerá se não forem combatidas as desigualdades sociais. Tudo isso é verdade.

Mas também é verdade, no caso paulista, e como reconhece o próprio governador, que testemunhamos a crônica de uma rebelião anunciada. E que são policiais e cidadãos comuns que pagam o preço da incompetência das autoridades do Estado.

O ex-governador Geraldo Alckmin é patético quando afirma como se nada tivesse a ver com os acontecimentos ainda em curso:

- Não pode retroceder, tem que sufocar essas organizações. E o governo brasileiro tem que colocar como prioridade o enfrentamento do crime.

Não foi ele quem disse também, e mais de uma vez, que o PCC havia sido extinto ou pelo menos dominado durante seu governo? Ele não comemorou com pompa e circunstância a redução do número de mortes violentas em São Paulo?

Em boa parte, o número de mortes diminuiu porque o PCC se fortaleceu - e não o contrário. Antes, os bandidos matavam por sua própria conta e risco. Não mais. Passaram a obedecer a ordens do comando do PCC.

As mortes se tornaram seletivas. Policiais, familiares deles e civis estão sendo mortos e feridos. Mas nenhum delegado foi. O PCC parece não querer ir mais longe. Deu a demonstração de força pretendida. Recuará quando assim o decidir.

Então o governador Lembo poderá atualizar as declarações que fez ontem:

- A polícia está muito bem preparada e equipada. O controle é total. Não temos a menor preocupação com o futuro.

Nariz Gelado - 15/5/2006 - 17:39

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 17h30m

Pior que a Faixa de Gaza

Do [blog](#) do Juca:

"Por medida de segurança, para dispensar seus funcionários à luz do dia, a ESPN-Brasil acaba de informar que hoje não haverá o programa "Linha de Passe".

São Paulo está pior que a Faixa de Gaza."

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 17h14m

Balanço dos ataques em São Paulo

Até o momento no Estado de São Paulo: 180 ataques, 56 ônibus incendiados, 8 bancos atingidos, 31 criminosos presos e outros 38 mortos. Policiais e civis assassinados: 43. Total de 81 mortes desde sexta-feira e 49 feridos. Ainda permanecem como reféns de rebeliões em presídios paulistas 82 pessoas.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 16h43m

Campinas sem transporte

Quem precisa pegar ônibus depois das 18 horas em Campinas, interior de São Paulo, vai ter que ser virar e arrumar um outro transporte. A companhia de ônibus de lá anunciou que recolhe todos o seus veículos, hoje, após às 18 horas, para evitar ataques e novos prejuízos.

Pelo menos 61 ônibus foram incendiados no Estado de São Paulo desde o início dos tumultos atribuídos à facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC).

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 16h40m

Então, tá

A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo nega, por meio de nota, que tenha dado ordens para que os comerciantes fechassem as portas na rua Teodoro Sampaio ([clique aqui](#) para saber mais).

Diz trecho da nota:

"A informação, veiculada por parte da imprensa, não é verídica. A SSP salienta, ainda, que estão sendo adotadas medidas preventivas e de combate à criminalidade."

Ufa! Agora, sim!

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 16h23m

(imagem removida)

Foto: Vivi...

(imagem removida)

Foto: Vivi Zanatta/AE

Ônibus incendiado na Rua Gerônimo Barbosa Silva, no Jardim Nazaré, zona leste de São Paulo, na manhã de hoje. Pelo menos 61 ônibus já foram incendiados na capital em ataques atribuídos à facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC).

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 16h13m

Comércio fecha as portas no centro de S. Paulo

De **Carla Miranda** e **Carina Flosi** na Agência Estado:

" O clima de terror que se espalhou por São Paulo devido a onda de violência que o grupo criminoso liderado pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) chegou desta vez rua Teodoro Sampaio, rua tradicional de comércio do bairro de Pinheiros, onde quase todas as lojas foram fechadas desde às 14h40 da tarde desta segunda-feira, com funcionários e clientes em pânico se recusando em ir para a rua.

Em seguida a Teodoro Sampaio foi tomada pela Polícia Militar e Civil, aumentando sua vigilância em toda região. O aeroporto de Congonhas onde houve ameaça de bomba, teve o seu efetivo de segurança ampliado.

Os lojistas da 25 de Março, a mais tradicional rua de comércio de São Paulo também decidiram fechar as portas, com medo de ataques liderados pela facção criminosa PCC.

Até as 16 horas, todo o comércio estará fechado, segundo a Associação dos Lojistas da 25 de Março (Univinco). O objetivo, segundo a entidade, é

O lucrativo negócio do PCC paulista

O Primeiro Comando da Capital (PCC) arrecada atualmente perto de R\$ 1 milhão por mês, conta com cerca de 100 mil simpatizantes dentro das prisões e domina 90% do sistema prisional do Estado. Nas ruas de São Paulo, não existe hoje um grande crime que ocorra sem que seus autores tenham de pagar um percentual da receita da ação - o chamado dízimo - à cúpula da facção.

O trecho acima é de reportagem publicada, hoje, em O Estado de S. Paulo por **Bruno Paes Manso** e **Marcelo Godoy**. Acabei de postá-la na seção aí ao lado chamada Artigos. Pode ser lida também [aqui](#).

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 15h57m

Ameaça de bomba em Congonhas

O saguão do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, foi evacuado há pouco devido a uma ameaça de bomba. As pessoas foram deslocadas para a área de embarque.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 15h35m

Escolas pedem socorro

Escolas do bairro de Higienópolis, área nobre de São Paulo, começaram há pouco a telefonar para os pais dos seus alunos. Querem que eles vão buscá-los de imediato. Alegam falta de segurança para mantê-los ali.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 15h17m

"Acontecerá de novo"

Folha - O sr. acha que os ataques acontecerão de novo?

Wacquant - Sim, pode-se prever que acontecerão de novo e de novo, pelo menos enquanto as elites políticas se recusarem a encarar de frente as desigualdades vertiginosas. Nenhuma sociedade democrática na face da Terra pode combater o crime apenas com seu aparato policial-judiciário.

O trecho acima é da entrevista do sociólogo francês Loïc Wacquant, 46, professor de sociologia da Universidade da Califórnia em Berkeley e pesquisador do Centro de Sociologia Européia em Paris, concedida a **Sérgio Dávila** e publicada, hoje, na Folha de S. Paulo.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 14h22m

Tensão em colégios tradicionais de SP

"Um veículo da DAS (Divisão Anti-Seqüestro) da Polícia Civil foi metralhado na região de Higienópolis, bairro nobre de São Paulo, nesta segunda-feira. Um dos quatro policiais que estavam no carro foi atingido.

O colégio Rio Branco em Higienópolis triplicou a segurança, mas não suspendeu as aulas dos 1.800 alunos. O Rio Branco informou, por meio de assessoria, que os alunos do período da tarde só sairão do colégio na presença dos pais ou responsáveis.

O colégio Sion suspendeu as atividades extras, que obrigariam os alunos do período da manhã a voltar para a unidade em Higienópolis durante a tarde. Os alunos do período vespertino têm aulas normais. O Sion tem 1.100 alunos." (Folha Online)

Comentários:

Nariz Gelado - 15/5/2006 - 14:22

PEPE

Band news: PCC entrou na frequencia de rádios da polícia e está mandando alarmes falsos.

intrigada - 15/5/2006 - 14:22

Pessoal, sou de São José dos Campos e aqui não está diferente. O comércio fechou com medo de arrastão. Mas não adianta achar que a polícia vai fazer tudo sozinha. Cadê a sociedade, que precisa denunciar, fazer a sua parte? Eu, vocês, o Noblat, qualquer cidadão tem que deixar a postura de avestruz e assumir a própria responsabilidade no assunto. Viu corrupção, drogas, crimes, denuncia! Dá para criticar, mas fazer alguma coisa mesmo...

VAMOS REAGIR, SEJA COM DENÚNCIA, SEJA NA HORA DO VOTO.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006

| 13h46m

Governo federal volta a oferecer ajuda a Lembo

O ministro Márcio Thomaz Bastos, da Justiça, acaba de anunciar que se reunirá no fim da tarde em São Paulo com o governador Cláudio Lembo. E que ele e Lula, por telefone, falaram com Lembo esta manhã e voltaram a oferecer a ajuda do governo federal para restabelecer a ordem pública.

- Se o governo do meu Estado resolver sozinho essa questão, ótimo. Se precisar da Polícia Federal ou do Exército, terá - disse o ministro.

Segundo Bastos, cerca de 4 mil homens da chamada "Força Nacional", formada por agentes policiais treinados para casos de emergência, também estão prontos para ajudar São Paulo.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006

| 12h58m

Guerra urbana em SP - Bancos e ônibus atingidos

Além das 74 mortes ocorridas desde a última sexta-feira no Estado de São Paulo, os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) diversificaram alvos nesta madrugada. Pelo menos 13 agências bancárias foram atingidas, e 61 ônibus foram incendiados. Isso levou sete empresas de ônibus a paralisar o trabalho nesta manhã de segunda-feira, complicando o trânsito na capital. (UOL).

Comentários:

maria helena - 15/5/2006 - 12:58

Em Higienópolis, bairro de classe média-alta da região central da cidade, um carro da Polícia Civil foi metralhado no início da tarde. Quatro policiais estavam no veículo, mas eles não se feriram. Duas escolas da região -Rio Branco e Sion- suspenderam as aulas agora à tarde.

ISSO FICA AO LADO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA DE SAO PAULO, MAS O JORNALISTA PREFERIU ESQUECER. MAIS: É O BAIRRO ONDE VIVE A CLASSE MÉDIA ALTA PAULISTANA, MUITOS POLÍTICOS PAULISTAS E O PRÓPRIO FHC. TAMBÉM É A RUA ONDE O PT CVRIADO, NA REUNIÃO DO COLÉGIO SION EM 1979.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 11h52m

"São Paulo virou uma Bagdá"

Abaixo, trechos da entrevista de Walter Fanganiello Maierovitch, ex-secretário nacional anti-drogas e especialista no combate ao crime organizado, ao repórter do blog **Leandro Colon**, sobre o caos que se instalou em São Paulo desde a última sexta-feira.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 9h12m

Mídia em xeque

De **Carlos Castilho** no seu blog Código Aberto:

"Sete em cada dez jornalistas norte-americanos foram acusados de publicar matérias tendenciosas nos últimos 12 meses. Este alto índice de desconfiança foi constatado numa pesquisa feita pela Medill School of Journalism, da Universidade Northwestern, considerada uma das melhores escolas de jornalismo dos Estados Unidos.

Enviado por Ricardo Noblat -

15.5.2006
| 1h05m

O terror ataca

De O Globo, hoje:

"O clima de guerra civil aumentou ao longo do fim de semana em São Paulo e ontem à noite já eram contados 72 mortos em 115 ataques a postos policiais e 69 rebeliões em presídios. O terror rapidamente começou a se espalhar para os estados vizinhos: os detentos de cinco presídios do Mato Grosso do Sul e de cinco presídios do Paraná também iniciaram violentos motins, declarando serem atos de solidariedade aos bandidos da facção criminosa paulista responsável pela onda de violência. Ao todo, ainda havia ontem à noite 230 reféns em presídios, mesmo depois de 85 pessoas terem sido liberadas".

Em pelo menos 115 ataques promovidos por uma das principais facções criminosas do país, policiais civis e militares foram mortos em emboscadas e, muitos deles, diante de seus próprios parentes e amigos.

O clima de guerra civil que tomou conta de São Paulo envolveu 63% dos presídios paulistas, de acordo com a Secretaria da Administração Penitenciária (SAP). Das 69 rebeliões que ocorreram desde a noite da última sexta-feira, somente 25 haviam sido encerradas até o início da noite de ontem.

A polícia de São Paulo passou o sábado e o domingo refém do crime organizado. Por todo o estado, homens das polícias Civil e Militar não escondiam a intranquilidade com a hipótese de novos ataques, a qualquer momento, promovidos por uma das principais facções criminosas do país. A maioria usava coletes à prova de bala e estava de armas em punho, principalmente os de plantão em guaritas e postos em praças e ruas. Nas delegacias, escrivães, investigadores e até delegados resolveram dar plantão em salas mais distantes da porta principal.

Desde que ocorreu a primeira grande rebelião nos presídios de São Paulo, em fevereiro de 2001, o governo federal fez muitas promessas para tentar evitar que esse tipo de ação voltasse a se repetir. Mas quase nada saiu do papel.

Fonte: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?cod_Post=37400

Acesso: 28/02/07

Enviado por Marcelo Godoy e Marinês Campos (ESP 21/5/2006) - 21.5.2006| 8h29mLoteria do PCC sorteia carros e motos

Jogo já é uma das principais fontes de renda da organização criminosa; números seguem sorteio da Loteria Federal

No fim do mês tem sorteio. O prêmio dos apostadores será um Gol branco (1º lugar), uma motocicleta (2º lugar) e uma TV de 29 polegadas (3º lugar). Para garantir a honestidade e transparência do concurso, os resultados serão os mesmos da Loteria Federal, prática idêntica à utilizada pelo velho jogo do bicho. A nova loteria, no entanto, não têm entre seus controladores nenhum dos antigos contraventores, mas os novos donos do crime organizado em São Paulo: os chefes do Primeiro Comando da Capital.

A loteria do PCC é uma das fontes menos conhecidas de renda do crime organizado paulista. Ela é vendida entre presos e familiares de detentos. Tornou-se tão importante que a organização nomeou até um gerente responsável pelos sorteios. A polícia investiga a prática, que há dois anos distribui prêmios mensais - o primeiro é sempre um carro popular.

A loteria do PCC começou como uma espécie de bingo. Um dos primeiros ganhadores foi um detento do Presídio Adriano Marrey, em Guarulhos, na Grande São Paulo. Conhecido pelo apelido de Tiozinho, ele cumpria pena por roubo. O felizardo ganhou um Corsa avaliado em R\$ 15 mil.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/default.asp?periodo=20060516>

Enviado por Ricardo Noblat -

16.5.2006
| 18h51m

Com a palavra, a polícia de S. Paulo

Até agora, a polícia de São Paulo não forneceu os nomes das 71 pessoas mortas por ela nos últimos quatro dias ao reprimir a onda de ataques promovidos pelo Primeiro Comando da Capital. A polícia aponta os mortos como suspeitos de terem participado dos ataques. Mas é bastante provável que entre eles existam inocentes.

A maioria dos corpos foi despachada para os hospitais sem identificação. Dali foi transferida para o Instituto Médico Legal (IML) no bairro de Pinheiros. Uma fonte do blog esteve no IML a uma hora da manhã de hoje atrás do corpo de um parente de um funcionário dela.

O reconhecimento é feito por meio de fotografias arquivadas na memória de um computador.

A fonte do blog viu as fotografias de 15 corpos. A maioria era de jovens, negros e apresentava buracos de bala na cabeça.

Alckmin foi avisado da ameaça do PCC

Poucas semanas antes de deixar o cargo de governador, Geraldo Alckmin foi avisado pelo diretor do Departamento de Investigações do Crime Organizado (Deic), Godofredo Bittencourt, de que o PCC ainda era uma forte ameaça à segurança pública, informa **Leandro Colon**, repórter do blog.

"É um urro de animal acuado", diz sociólogo

Folha - Não é mais fácil controlar o uso do celular na cadeia?

Sem nada a ver com isso

Geraldo Alckmin não quer saber de assumir qualquer responsabilidade pela onda de violência que tomou conta de São Paulo desde sexta-feira.

Há pouco, em visita ao Congresso, fugiu das perguntas dos jornalistas sobre o assunto. Preferiu derramar números de seu governo no Estado em relação à segurança. E evitou falar sobre o anúncio que seu governo fez em 2003 sobre o fim do Primeiro Comando da Capital (PCC).

Em novembro daquele ano, o diretor do Departamento de Investigações do Crime Organizado (Deic), Godofredo Bittencourt (mantido no cargo após a saída de Alckmin), comemorou o desmantelamento do PCC:

- O PCC não morde mais ninguém.

É, não morde. Mata.

E hoje, perguntado a respeito, Alckmin esquivou-se:

- A luta contra o crime organizado é permanente.

Ele defendeu o comportamento do governador de São Paulo, Cláudio Lembo:

- O governador tomou a atitude correta ao isolar os líderes da organização criminosa. O Estado sempre enfrentará as organizações criminosas.

Alckmin tem razão. Lembo isolou os líderes do PCC. Só esqueceu de pedir que desligassem os celulares.

Enviado por Ricardo Noblat -

16.5.2006
| 15h23m

Tragédia da tolerância total

Os atentados que banharam São Paulo de sangue e pararam a maior cidade da América do Sul ? que Deus a salve ? foram anunciados em 2003. Há exatos três anos o Brasil perdeu a oportunidade de dar uma guinada na tendência liberalizante da Lei de Execução Penal e do Código de Processo Penal brasileiro. A idéia-chave era instituir um Regime Disciplinar de Segurança Máxima (Rdmax) para os criminosos de alta periculosidade. Algo semelhante aos modelos dos EUA e da Itália.

O Senado aprovou a medida, mas na Câmara dos Deputados prevaleceu a vontade do Palácio do Planalto. Em vez de romper o paradigma legal de leniência com o bandido e endurecer contra o crime organizado, o país decidiu-se por suavizar ainda mais a vida dos marginais.

O trecho acima faz parte do artigo semanal do senador pelo PFL, **Demóstenes Torres**. Acabei de publicar na seção Artigos.

Enviado por Ricardo Noblat -

16.5.2006
| 14h21m

"A culpa é nossa, por ação e por omissão"

"Antes de procurar culpados por todos os lados, convém à sociedade brasileira assumir as suas culpas. Em toda organização social existe uma elite política, econômica e cultural que forma opinião e tem papel decisivo nas opções feitas pelo Estado. Por longo tempo no Brasil cultivou-se o discurso de que as elites eram os outros.

Portanto, a culpa pelos erros era deles. E assim seguíamos todos absolvidos. Porém não há

Alguns propunham a eliminação pura e simples dos bandidos, entendendo que "bandido bom é bandido morto".

Outros defendiam a tese de que as causas do crime eram econômicas e sociais, ou seja, a pobreza de boa parte da população. O que, vamos falar a verdade, é uma tremenda injustiça com os milhões de pobres deste país, que nunca mataram nem roubaram.

INTERNEY - <http://www.interney.net/>

Dia 15 de maio de 2006

São Paulo vive um dia de histeria, a população desacostumada com ações do crime organizado colabora para que a operação do PCC consiga atingir um suposto objetivo: parar a maior cidade do país. Os motivos que fizeram o PCC agir ainda não são completamente claros, o gatilho no entanto parece óbvio que foi a transferência de Marcos Willians Herba Camacho, o Marcola para a sede do DEIC na capital.

Se acompanharmos o ataque do PCC do ponto de vista dos números, parece que ele esta perdendo fôlego, porém nem só de matemática vive o homem, como só hoje os números do fim de semana foram conhecidos mais amplamente, o terror se espalhou. Se olharmos o padrão dos ataques fica evidente que há uma estratégia bem desenhada.

São Paulo tem o maior contingente policial do país, como fazer para atacá-lo? Vou chamar a estratégia do PCC de assustar, dispersar e confundir: Os primeiros ataques foram para assustar as forças de segurança (foram mortos 22 policiais militares, 6 policiais civis, 3 guardas municipais, 8 agentes penitenciários), em seguida foram dispersados para conter as rebeliões disparadas simultaneamente em penitenciárias, centros de detenção e cadeias e quando pensava-se que somente as instituições policiais seriam atingidas, agências bancárias foram atacadas e ônibus foram incendiados. Para a população o padrão sugeria que os próximos alvos poderiam ser escolas, comércio, shoppings e aeroportos, estava instaurado o caos.

De toda essa mobilização, eu aqui com os meus botões, cheguei a duas conclusões que talvez sejam óbvias a muito tempo:

1) A falta de um sistema educacional decente exclui todos que nasceram em condições financeiras deficientes, nessa parcela da população estão pessoas muito inteligentes, alguns mesmo passando pelo sistema público de ensino conseguem se destacar no mercado de trabalho devido às suas habilidades, outros no entanto são envolvidos desde cedo pelo mundo do crime, distanciam-se do mercado de trabalho tradicional definitivamente após a primeira passagem pela prisão e são aproveitados no crime organizado. São os estrategistas que arquitetam e organizam os golpes, assaltos e ataques cada vez mais criativos e bem sucedidos de que temos notícias todos os dias.

Devido a minha ignorância sobre o sistema penitenciário não vou ficar especulando sobre o que ele de fato tem feito com os que passam por suas celas, mas parece óbvio que mudanças tem de ser feitas.

2) É incrível o poder que os boatos ganham com a internet, num universo onde teoricamente as pessoas são mais instruídas, a desinformação corre cada vez mais livre, se aproximando muito dos programas sensacionalistas de televisão. Nas entrevistas televisivas que assisti hoje as autoridades foram muito mais responsáveis ao divulgar os fatos e ações do que os repórteres, ao menos na televisão temos alguns trechos dos líderes políticos falando por eles mesmos, ao passo que na web temos apenas transcrições (vídeos são muito raros e os ao vivo são inexistentes). Alguns relatos induzem os leitores a crer em teorias da conspiração absurdas e só aumentam o pânico. Tome cuidado com o que você lê e retransmite.

15/05/2006

Blog do Juca (15/05/06)

Pânico!

Por medida de segurança, para dispensar seus funcionários à luz do dia, a ESPN-Brasil acaba de informar que hoje não haverá o programa "Linha de Passe".

São Paulo está pior que a Faixa de Gaza.

Pânico!- 2, lançamento adiado

Prezado Juca,

Devido a onda de violência na cidade de São Paulo, o lançamento do livro "Brasileiros Futebol Clube", de Ed Viggiani, foi adiado para a próxima quarta-feira, dia 24 de maio. Estamos tentando comunicar esta mudança para o maior número possível de pessoas. Gostaríamos de pedir a sua ajuda e saber se você pode divulgar no seu blog esta alteração de data.

O lançamento será:

Quarta-feira, dia 24 de maio, às 18h30, na Livraria da Vila
Rua Fradique Coutinho,915 – Vila Madalena - Telefone: 3814-5811

Pânico! - 3, outro lançamento adiado

Caros amigos,

infelizmente, por motivos alheios ao desejo da Editora e dos autores, comunicamos o cancelamento do lançamento do livro 11 histórias de futebol.

O Bar São Cristovão decidiu que por conta dos atentados ocorridos na cidade de São Paulo neste fim-de-semana não poderá manter suas portas abertas no dia de hoje. Sendo assim, só nos resta lamentar o fato ocorrido e pedirmos desculpas pelo cancelamento tão em cima da hora.

Qualquer estamos à disposição
Janaina Gomes
Edit. Nova Alexandria Ltda
Ass. de imprensa e ass. editorial
11-5571-5637

Crônica de uma guerra anunciada

Eu era criança na década de 50 e sempre que ia ao Rio de Janeiro, ainda de poucas e romantizadas favelas, já ouvia dos mais velhos que um dia as favelas desceriam.

Desceram, e não é de hoje.

Todos os sinais da guerra civil foram dados neste Brasil que pouco se importa em incluir os excluídos, a não ser para blindar automóveis e contratar seguranças particulares.

O eixo Rio-São Paulo virou eixo do crime e faz quatro dias que a maior cidade da América do Sul vive em pânico.

Quem paga é a população.

Blog do Vinicius

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult2655u72.shtml>

15/05/2006

A pane e o pânico

O pânico da população paulistana nesta segunda-feira foi a contraface da pane que tomou de assalto as comunicações do tucano-pefelismo que gere a crise do PCC no Estado de São Paulo. Cláudio Lembo tinha se portado bem nos primeiros momentos da catarse. O tom sóbrio das suas primeiras declarações ajudou a combater os surtos de histeria que acontecimentos como esse, quanto mais quando são inéditos, despertam. Surtos que só complicam ainda mais uma situação delicada.

Mas Lembo sumiu ao longo do dia na segunda-feira. Sua assessoria foi incapaz de montar uma estratégia --simples-- para mantê-lo na crista do noticiário, "brifando" (no jargão jornalístico) a todo momento a imprensa e a população, na condição de chefe das forças de segurança do Estado.

O roteiro de crises desse porte é conhecido e está estabelecido internacionalmente: o governante fala o tempo todo (basta chamar TVs e rádios e falar); transmite reiteradamente confiança à população; louva o trabalho da polícia e lamenta os agentes mortos; desmente boatos; e, o principal, exorta as pessoas a não alterarem sua rotina, o comércio a não fechar suas portas, as escolas a manter sua programação habitual.

Mas o que se viu ontem foi uma onda de boatos sem o menor fundamento se espalhar ao vivo pelas TVs e pela internet sem que a autoridade máxima do Estado se prontificasse a desmenti-los. Falou-se em toque de recolher, o que demandaria a decretação de estado de sítio, autorizada pelo Congresso Nacional!

Desorientadas e em pânico, as pessoas levaram a termo um "toque de recolher" caótico, submetendo-se a mais perigos no trânsito engarrafado do que se ficassem onde estavam. Escolas cancelaram aulas, não só na segunda-feira mas também na terça-feira, sem a menor razão objetiva. A palavra do governador no momento certo conteria esse surto de irracionalidade.

Apenas no final da tarde o comandante da PM chamou a imprensa e fez o que o governador deveria ter feito. Mas o estrago estava feito; o trânsito, engarrafado; as aulas, suspensas; o comércio, fechado; as pessoas, em pânico. Ponto para os bandidos. Como Bin Laden ganhou de bônus o desmoronamento das Torres Gêmeas (esperava "apenas" a destruição parcial dos prédios), o PCC foi brindado com a fuga em massa dos paulistanos, sinal de descrença na autoridade pública.

Em crises como a que São Paulo atravessa, não há terceira opção aos governantes: ou se destacam, elevando-se à categoria de estadistas, ou submergem. Rudolph Giuliani, na Nova York pós-11 de Setembro, e Ken Livingstone, na Londres pós-7 de Julho, saíram maiores do que entraram. Os pefelistas Cláudio Lembo e Gilberto Kassab, que nutrem o projeto de emancipar seu partido no Estado, ainda estão devendo. Como a crise não acabou, eles ainda têm chances de recuperação.

Vinicius Mota, 33, é editor de Opinião da Folha (coordenador dos editoriais). Foi também editor do caderno Mundo e secretário-assistente de Redação da **Folha**. Escreve para a **Folha Online** aos domingos.

Blog do Tas

Para o site de Marcelo Tas, selecionamos os comentários relacionados aos ataques do PCC desde o dia 14 até 19/05/06.

19/05/2006

SADDAM E MARCOLA



Do outro lado do mundo (este mundo conectado ainda tem um outro lado?), o novo romance de Saddam Hussein é lançado no Japão. Nome da peça: "A Dança do Demônio".

Deve ser uma bomba.

Deste lado do mundo, a advogada de Marcola o compara a Jesus Cristo. Tá difícil até para o filho do Pai. Dias difíceis, meus queridos, dias difíceis...

Escrito por **Marcelo Tas** às **12h36**

[26 comentários] [regras] [envie esta mensagem]

DIRETO DA CENA

Vandirson da Fonseca Costa frequenta esse blog desde 2002. Mora na periferia. Trampa em Guarulhos. Hoje ele tem seu próprio blog analfabetoesclarecido.zip.net). Gentilmente, me manda mail com seu relato direto de onde o bicho pega.

Um rap dessa triste semana que não tem hora para acabar

O meu respeito e solidariedade às famílias dos inocentes e policiais vitimados em mais um capítulo da tragédia brasileira. Que não percamos a capacidade de nos indignar e a disposição de trabalhar para construir um país mais justo e solidário.

.....

Números vazios de hoje de amanhã, o soluço impotente e sem importância de sempre, gente de sentimentos muitos sensíveis, só isso...Espectadores que não se acostumaram ao novo "Espetáculo", os cheios de escrúpulos não entenderam o "Espetáculo" da cena LoKa, não sentem o sublime sabor de sangue, não se fartam com as barbaridades. Foi a bolha que explodiu, fica a pergunta... Por que?

Pra essa sede vingança recíproca, foi pra isso pra nos vingarmos reciprocamente enquanto sociedade, pro soldado menor ser a bola da vez, não importando se policial ou marginal, foi pro cidadão comum ser a vítima?

Foi pra isso! Carnificina... de novo CARNIFICINA!!!!
Mundo digital & tal... Celular, fita gravada, mídia aposta e vamos de novo ao "Espetáculo".
O mais esperto vai usar isso na campanha, usar os números e poder de mídia, tudo isso pra saciar o bolso e a porra do "Espetáculo".

Parabéns! Pela grande obra triste, dos televisores ligados a qualquer custo. Parabéns! Pelo cidadão se borrando de medo, escondido de baixo da cama.

Triste assim... Triste pra caralho...
Agora todas sabiam, que conversa é essa? Sabiam!
Deixaram explodir na nossa cara...

Escrito por **Marcelo Tas** às **12h36**

[42 comentários] [regras] [envie esta mensagem]

O NOSSO ONZE DE SETEMBRO



A cidade tenta voltar ao normal. Mas os sinais são muito evidentes. Passamos pelo nosso 11 de Setembro. Ao invés de fanáticos terroristas religiosos, fomos atacados pela nossa incompetência em lidar com a desigualdade social brasileira, esta sim criminosa. Os apressadinhos de plantão já querem transformar numa disputa eleitoral. PSDB, PT, teretetê... O buraco é mais embaixo, meninada. Vivemos anestesiados dentro da viagem na maionese. Acreditamos que se controí uma nação s



MANO CLÁUDIO

Cláudio Lembo, como governador, nos surpreende a cada dia. Agora, em entrevista a Monica Bergamo na Folha, diz que a culpa dos ataques do PCC é da "elite branca" que paga e trata mal seus serviços. Essa generalização inconsequente que, claro, tem um fundinho de verdade, serve para que? Para aumentar o chove não molha sobre a situação do país.

A fala do governador também serve para confirmar o horror que o "brasileiro" tem pelo sucesso, ou pelas pessoas que chegam lá. Quem é da elite, como o próprio governador e o presidente da república (que ataca as "Zelite"), vive defendendo quem não é da elite. Enquanto quem não é da elite, quer mais é ganhar dinheiro. Ter uma boa vida, como a vida das "Zelite". Ao contrário dos norte-americanos, que fazem o elogio do triunfo. Premia e admira os que vencem na vida, como Michael Jordan, Ophra Winfrey, Bill Gates... Nós aqui embaixo cultivamos a inveja e elogiamos o fracasso. Em resumo, esse discurso político de um branquelo do PFL, professor de uma das universidades mais caras de São Paulo, contra as elites brancas é a pura essência da hipocrisia.

Mano Cláudio Lembo, ao assumir esse discurso lunático-populista mostra que está virando uma espécie de versão Itamar Franco com o topete mais embaixo, na sobrançelha.

Escrito por **Marcelo Tas** às **10h16**

[92 comentários] [regras] [envie esta mensagem]

17/05/2006



À SOMBRA DA SOBRANCELHA

Governador Claudio Lembo ("tá tudo sob controle"), pelo traço do Andrade.

Escrito por **Marcelo Tas** às 11h53

[23 comentários] [regras] [envie esta mensagem]

16/05/2006



AÇOUGUEIROS DO TERROR

Mais chocante do que os trágicos acontecimentos de ontem em São Paulo, foi chegar em casa e ver na TV um ramallete de opções de mesas redondas e "especiais" oportunistas atrás de audiência. Sim, lá estavam todos aqueles que foram varridos de seus horários sanguinolentos do final da tarde. Numa recaída, as emissoras optaram por chupar o sangue dos acuados pelo medo. Tiraram do armário os verdadeiros sanguessugas das mentes incautas. Açougueiros do terror.

Até Ratinho, o pobre e assustado animalzinho rejeitado pela audiência do SBT, ganhou um cenário cafona de luxo para um improvisado talkshow fantasma. Foi apenas patético, já que sua verve e credibilidade para chocar o plantão já não tem o mesmo elã e eficiência de outrora.

Não posso deixar de registrar a tremenda irresponsabilidade da repórter Ana Paula Neves que anunciou ao vivo na TV Record o boato do toque de recolher como uma verdade verdadeira. Muito provavelmente, essa garota inexperiente, com um canhão na mão que é um microfone e um link ao vivo no dia de ontem, foi a responsável pelo maior congestionamento que esta cidade já viu. A mesma "repórter", exagerando no tom da voz, também inflacionou o número dos ataques e até, acreditem, dos mortos. "É uma vergonha", diria o seu ex-colega âncora daquela emissora.

Já pelos talkshows do horror, em várias emissoras, desfilava uma fila de procuradores, deputados picaretas, delegados loquazes e outras espécies de oportunistas desfilavam seu blabláblá chocho pelos microfones. Da minha sala, pude sentir o cheiro de loção após barba de gosto duvidoso deles. Temos que repudiar esses aproveitadores do pânico da mesma forma como devemos repudiar e nos indignar com a violência do PCC contra policiais honestos e trabalhadores que foram mortos neste final de semana.

Escrito por **Marcelo Tas** às 11h44

[66 comentários] [regras] [envie esta mensagem]



O VAZIO DA CIDADE

Voltei para casa ontem às 10 e meia da noite. Saía de uma reunião de trabalho que fiz questão de não desmarcar. Dirigia o carro por uma cidade fantasma. Me perguntei quem era o ET: eu ou os outros seres trancados dentro de suas casas. Hoje de manhã, percebi

que não estava sozinho. Pelas ruas também estava o dramaturgo Mário Bortolotto. Convido todos a renovar o vazio gerado pelo medo com as palavras de Bortolotto publicadas na Folha de S. Paulo de hoje.

.....

NÃO VOU MORRER NA MINHA QUITINETE

Mário Bortolotto

Especial para a Folha

A ordem agora é morrer nas próprias casas. Uma das frases que mais me marcaram nas últimas semanas foi justamente a frase dita por Sara Joanna Gould, uma americaninha de 21 anos que tá fazendo intercâmbio no Brasil. Ela falou pra Revista da Folha: "O que me surpreende não é a pobreza, comum na América Latina, mas sim a riqueza, o número de milionários em um país como o Brasil". Sacaram? Vocês que agora estão escondidos em suas casas, com medo de saírem às ruas pra tomar uma inocente cerveja ou pra ir a um cinema depois de um dia cansativo de trampo e pavor? Vocês sacaram que isso que vocês estão passando nesse momento é rotina nas favelas cariocas? O toque de recolher, o abaixar as portas, o rezar baixinho pra que ninguém ouça. Às vezes tão baixinho que nem Deus ouve. E a gente faz de conta que tá acontecendo longe daqui, num país distante de alguma fábula de terror. E agora você tá vendo os busões incendiados, as estações de metrô metralhadas, e você tá dentro do trem fantasma.

E você pergunta pra mim o que eu penso disso? Eu não sou político, não faço parte de nenhuma igreja, não sou banqueiro nem empresário. Não lucro com nenhuma espécie de proibição. Mas tem gente lucrando, não tem? O pouco dinheiro que ganho trabalhando é pra pagar as contas e comprar livros. E você vem perguntar pra mim o que eu acho disso? Você acha

qu2(h)1.32101(a)1.32101()-733.475a002 0 Td 8(v)-0.300048(e)12.1 Td [(r)-4.15



SP PRA LÁ DE BAGDÁ

Resumo até o meio dia desta segunda feira: Morreram 72 pessoas. Neste momento, no estado de São Paulo, são 45 rebeliões em presídios, com mais de 214 reféns! Cláudio Lembo, atual governador, continua dizendo que a situação está "sob controle".

Detalhe: neste final de semana mais de 10 mil presos (repito, mais de 10 mil!) foram liberados por conta do chamado "Indulto de Dia das Mães". Dezenas, senão centenas deles "trabalharam" para o PCC nos ataques à soldados, bombeiros, civis e agências bancárias.

Ataques covardes, excetuando os ataques às agências bancárias, os quais penso que merecem um debate mais aprofundado sobre o seu simbolismo com a planilha dos lucros dos mesmos bancos às mãos.

Escrito por **Marcelo Tas** às **12h22**

[123 comentários] [regras] [envie esta mensagem]



BAGDÁ 48 x 77 SÃO PAULO

Morreu mais gente em São Paulo do que em Bagdá esse final de semana: 77 x 48. É um placar vergonhoso.

Vamos deixar claro: o sistema prisional é falido, não há política alguma de recuperar quem praticou algum crime, a Justiça lerda aliada a burocracia e a polícia corrupta deixam presos que já cumpriram a pena mofar na cadeia... Tudo isso é uma tragédia. Agora, em represália atirar em policiais que trabalham na segurança de rua e até num bombeiro desarmado? Inadmissível.

A foto acima é da Guerra Civil norte-americana, realizada 150 anos antes da nossa. Será que foi esse atraso que nos fez merecer essa tremenda covardia, esse primitivismo e essa baixaria?

Escrito por Marcelo Tas às 01h33

[38 comentários] [regras] [envie esta mensagem]

ANEXO 2: Galeria de fotos sobre os ataques do PCC

Fonte: <http://noticias.terra.com.br/brasil/galeria/0,,OI28740-EI7061,00.html>

Acesso em 20/02/07.



São Paulo, 13/05/2006 - Presos dominam a penitenciária de Potim.



São Paulo, 13/05/2006 - Bases policiais foram atacadas em todo o Estado.



São Paulo, 13/05/2006 - Ataques tiveram início na noite de sexta.



São José dos Campos, 13/05/2006 - Homem observa as marcas do ataque.





São Paulo, 15/05/2006 - Passageiros de um ônibus observam o que restou de outro ônibus, queimado por criminosos.



Foz do Iguaçu, 15/05/2006 - Mais de 400 presos se rebelaram na cadeia pública de Foz do Iguaçu, no Paraná.



São Paulo, 15/05/2006 - Mais de 40 ônibus foram incendiados em São Paulo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)